

Ano XXV

# RAÍZES

# 47

São Caetano do Sul | Julho de 2013



# Nossa Capa

Paula Fiorotti

**E**mbora a imagem escolhida para a capa desta edição da revista *Raízes* retrate duas mulheres não identificadas, por volta da década de 1920, não houve dúvidas quanto a sua escolha, entre o acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória, para ocupar lugar de tamanho destaque na publicação.

Tendo em mãos uma única informação, a de que a fotografia fora produzida no estúdio A.Fâmula e Irmão, tradicional na cidade, encontramos no retrato das duas leitoras uma completa identificação com o tema principal da revista, a literatura em São Caetano do Sul.

Enquanto um registro histórico de uma época, por meio da imagem, podemos analisar, entre outros aspectos da vida urbana, a questão do letramento feminino e a inserção da mulher na vida pública. Mas, além do fato em si, a fotografia é simbólica dentro da proposta de *Raízes*, pois nos remete a um universo de sensibilidade e romantismo, tão peculiares e presentes na literatura.

PAULA FIOROTTI

JORNALISTA FORMADA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, É ESPECIALISTA EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO

## RAÍZES

São Caetano do Sul | Julho de 2013

Número 47

Publicação semestral  
Distribuição gratuita

Publicação da  
Fundação Pró-Memória de  
São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR  
FPM@FPM.ORG.BR

Tiragem desta edição:  
2.000 exemplares  
Julho de 2013

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255  
Santa Paula | CEP 09541-520  
São Caetano do Sul - SP  
Fone/fax (011) 4223-4780

COORDENAÇÃO GERAL  
Sonia Maria Franco Xavier

JORNALISTA RESPONSÁVEL  
Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)

EDIÇÃO E REVISÃO  
Cristina Toledo de Carvalho  
Marília Tiveron  
Paula Fiorotti

CONSELHO EDITORIAL  
Sonia Maria Franco Xavier – PRESIDENTE  
Antônio Reginaldo Canhoni  
Cristina Toledo de Carvalho  
Fernando Scarmelloti  
Francisco José Gripp Bastos  
Humberto Domingos Pastore  
Isabel Cristina Ortega  
Jander Cavalcanti de Lira  
João Alberto Tessarini  
Mário Porfírio Rodrigues  
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior  
Paula Ferreira Fiorotti  
Renato de Alencar Dotta  
Roberta Sernagiotto Soares

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO  
Roberta Giotto

SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL  
Cristina Toledo de Carvalho  
Mariana Zenaro  
Marília Tiveron  
Priscila Gorzoni  
Vanusa Nascimento

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO  
E RESTAURAÇÃO DE IMAGENS  
Antonio Reginaldo Canhoni

APOIO PARA PESQUISA  
ICONOGRÁFICA  
Jussara Ferreira Muniz  
Monica Iafrate  
Paula Sidelnik  
Rosa Maria Neves Pinto

CTP E IMPRESSÃO  
Softgraf Serviços Gráficos

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

# Editorial

Sonia Maria Franco Xavier

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

---

**N**ovos tempos, nova administração, muitos sonhos e vontade de buscar o que ainda não foi revelado, o que não foi contado e nem registrado nos diferentes projetos até aqui desenvolvidos pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. A esperança depositada em uma administração mais transparente e equânime nos motiva a valorizar, de forma crescente e apaixonada, nossos patrimônios históricos, culturais e ambientais, ação imperativa em uma população consciente e que preza suas raízes. O desenvolvimento deve ocorrer de forma horizontal e sustentável, respeitando tudo aquilo que se construiu até hoje e conciliando os interesses do progresso com o respeito à memória e aos bens públicos.

Destacar a arte de escrever em prosa e versos, por meio de crônicas, discursos e notícias jornalísticas é a proposta da seção *Em foco*, visando ao resgate do imenso e valioso trabalho de cunho literário produzido ao longo do século passado, que vem sendo divulgado em pequenas porções nos diversos veículos de comunicação e em concursos literários. Além da cidade de São Caetano do Sul, contamos tam-

bém com a colaboração de alguns trabalhos da região do ABC. Nosso intuito é mostrar o quanto a literatura e a história estão unidas, o quanto uma enriquece a outra. Caminham lado a lado, de forma imbricada e complementar, principalmente quando o assunto é a identidade das pessoas, das cidades e das nações.

Nesse exemplar da revista *Raízes*, os primeiros artigos enfocam autores pouco conhecidos, mas que se fizeram presentes na cidade, participando ativamente do processo cultural com pitorescas análises do cotidiano, comentários de grandes obras e crônicas reveladoras das atividades e dos modos de vida da cidade e da região.

O papel da imprensa é muito bem contado por Cristina Carvalho, que a analisa como um dos maiores instrumentos de propagação do modo de vida urbano. Quatro jornais (*Argus*, *São Caetano Jornal*, *Folha de São Caetano* e *Jornal de São Caetano*) são explorados detalhadamente na difusão de manifestações em prol de uma produção literária local.

A Academia de Letras da Grande São Paulo (Algrasp) e sua tradicional revista *Tamises* contam sua história através de um belo texto

do acadêmico Celso Cini, assim como a jovem Academia Popular de Letras, que se faz presente nas palavras da professora Katia Gomes. O grupo Livrespaço se manifesta nas lembranças de Dalila Teles Veras, que registra com propriedade e nostalgia as contribuições do mesmo para a cultura regional, com todas as suas peculiaridades.

Textos de Mariana Zenaro ressaltam a importância da literatura como uma das principais e mais fidedignas fontes de pesquisa histórica e resgatam ainda grandes nomes da cidade: Wladimir Capella (dramaturgo) e Renato Brancatelli (artista plástico).

Os 90 anos da Igreja Presbiteriana Filadélfia são lembrados, bem como os 75 anos da Associação Comercial e Industrial de São Caetano, em textos de Priscila Gorzoni e Marília Tiveron, respectivamente. De forma particular e destacada, fazem justa menção a essas entidades que, mais do que patrimônio municipal, dado seu legado e contribuições para o crescimento de São Caetano do Sul, têm testemunhado o progresso local ao longo dos anos.

As seções *Personagens* e *Homenagens* contam com a colaboração de Vanusa Nascimento e Mario Porfírio Rodrigues, que elen-

cam importantes cidadãos de São Caetano do Sul, em termos de serviços prestados e reconhecimento popular, e descrevem suas respectivas trajetórias e seu legado para as novas gerações. Outros colaboradores também se fazem presentes com bonitas memórias, entrevistas, homenagens, crônicas: João Mariani, Humberto Pastore, Glenir Santarnecki, Suzete Rocha, João Jenidar-chiche, Sergio Ballaminut e Cecília Camargo.

Salientamos que as contribuições para a revista *Raízes* estão cada vez mais sendo incrementadas pelas redes sociais, confirmando o poderio extraordinário desta ferramenta no enriquecimento das informações. Atualmente, beira a leviandade ignorar seu poder e todos os benefícios que as mesmas potencialmente podem agregar ao nosso cotidiano.

Conhecer melhor o cenário urbano, as manifestações literárias locais, os meios de comunicação e seus autores é nosso objetivo neste exemplar da revista, o qual esperamos estar à altura de nosso patrimônio histórico e cultural, bem como do nível crescente de exigência de nossos leitores, fruto de seu discernimento intelectual, bem como do inegável crescimento da publicação.

Orina



pág 8

## Em Foco

- Em verso e prosa –  
08 A literatura em São Caetano do Sul  
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO
- Os meios de difusão da  
18 produção literária na cidade  
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO
- A imprensa de São Caetano  
23 e a literatura, um capítulo à parte  
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO
- A Academia de Letras da  
31 Grande São Paulo  
CELSO DE ALMEIDA CINI

- 37 A Academia Popular de Letras  
KATIA GOMES
- 40 Por uma cabeça  
JOÃO TARCISIO MARIANI
- O Grupo Livrespaço e a  
estratégia de sedução  
44 para a poesia  
DALILA TELES VERAS
- Quando a literatura  
51 entra na história  
PRISCILA GORZONI
- Reflexões sobre história  
e literatura: narrativas  
54 entre a vida e a arte  
MARIANA ZENARO



pág 60

## Memória

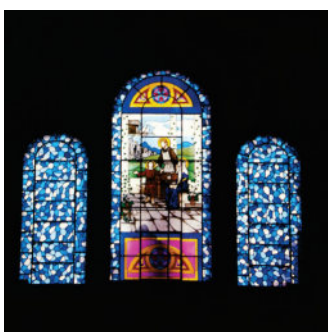
- 60 Diamante lapidado  
MARÍLIA TIVERON
- Os 90 anos da Igreja Presbiteriana  
64 Filadélfia em São Caetano  
PRISCILA GORZONI



pág 69

## História Oral

- A última herdeira  
69 de Giovanni Tomé  
PRISCILA GORZONI
- 72 Zezé: o homem das 1.000 vezes  
PRISCILA GORZONI



pág 75

## Recordando Nossas Raízes

HUMBERTO PASTORE



pág 102

## Curiosidades

E o santo sumiu...  
DOMINGO GLENIR  
SANTARNECCHI

pág 111

## Regionais

Internet, redes sociais,  
memória e história  
CECÍLIA A. B. CAMARGO

pág 76

## Personagens

76 O jovem empreendedor  
que se tornou industrial  
MÁRIO PORFÍRIO  
RODRIGUES

81 Caminho traçado,  
meta à vista  
VANUSA NASCIMENTO

pág 104

## Moda de Outrora

SUZETI ROCHA

pág 114

## Memória Fotográfica



pág 85

## Homenagem

A vida por outros olhos  
VANUSA NASCIMENTO

pág 106

## Artigos

Família Ferrari: uma vida  
de peregrinação e vitórias  
MARÍLIA TIVERON

pág 123

## Baú de Memórias

pág 88

## Cultura

88 Renato Brancatelli:  
nas letras de um artista  
MARIANA ZENARO

95 Vladimir Capella:  
lirismo no palco da vida  
MARIANA ZENARO

pág 109

## Poesias e Crônicas

109 Campanella e seu ônibus  
JOÃO JENIDARCHICHE

110 Estação São Caetano  
Sino  
SÉRGIO AUGUSTO  
ALONSO BALLAMINUT



pág 125

## Registro



Cristina Toledo de Carvalho \_\_\_\_\_

# EM VERSO E PROSA

A LITERATURA EM  
SÃO CAETANO DO SUL

“Todas as populações do globo, de todas as épocas, contam suas histórias e cantam seus poemas.”  
Tzvetan Todorov

O postulado da literatura enquanto fonte histórica é indiscutível. Independentemente do gênero, estilo ou escola a que pertence, uma obra literária apresenta um rico universo de cenários, contextos e personagens que dialogam com temáticas e enredos representativos de conjunturas e questões de variadas épocas e períodos da história. Por força das possibilidades e discussões que

ela engendra, não foram poucos os intelectuais que se debruçaram sobre o desafio de analisar livros de diferentes escritores, enriquecendo o rol dos estudos na área da crítica e teoria literárias.

A herança epistemológica e conceitual deixada por tais estudos beneficiou a historiografia, que, em virtude de uma orientação metodológica mais abrangente, passou a validar a literatura como fonte histórica. A convergência entre o legado teórico de críticos literários e a



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Nicola Perrella,  
autor de *Entre  
as torbas de  
São Caetano*,  
além de outras  
obras

pluralidade de representações históricas contidas na literatura só veio a reforçar o quanto o campo das manifestações literárias pode ser enriquecedor para a produção do conhecimento histórico e também para os outros segmentos das ciências humanas, como a antropologia e a sociologia, por exemplo. As análises empreendidas pelo escritor e crítico literário galês Raymond Williams<sup>1</sup> constituem um exemplo emblemático disso, uma vez que se firmaram como um dos referenciais teóricos dos chamados Estudos Culturais Ingleses,<sup>2</sup> cujas contribuições fornecidas à historiografia são inegáveis.

Revestido de peculiaridades, o trabalho do historiador norte-americano Robert Darnton pode ser inserido na esteira das pesquisas que fletam com o mundo das fábulas e lendas que povoaram o imaginário de grupos sociais (sendo, neste sentido, indicativas dos próprios modos e condições de vida deles) e que, posteriormente, foram apropriadas e consagradas pela literatura, adquirindo novas versões, de acordo com o momento histórico em que foram publicadas. Na sua obra-prima *O grande massacre de gatos e outros*

*episódios da história cultural francesa*, Darnton reserva um capítulo só para tratar dos contos infantis<sup>3</sup> que habitavam o universo mental dos camponeses franceses do século 18. Ao analisar as primeiras versões de tais contos, ele propõe compreender aspectos da vida daqueles camponeses.

Todas essas considerações, embora feitas de forma breve e introdutória, dão uma pequena amostra do quão significativa e estreita é a relação entre história e literatura e do quanto uma pode se valer da outra no processo de produção do conhecimento. Ao eleger a literatura como tema da presente seção, a revista *Raízes* propõe abrir um novo viés de abordagem de elementos da história e da memória de São Caetano. Concebê-los, a partir da ótica literária, possibilita discussões variadas, como as atinentes às características que marcaram o cenário urbano local e às especificidades do cotidiano de seus moradores. Além disso, a análise das manifestações literárias locais permite ainda uma reflexão sobre outras questões do interesse da memória sul-são-caetanense, como as referentes aos seus autores e protagonistas, às suas obras e principais temáticas, às iniciativas e projetos em prol de sua divulgação e aos meios de sua difusão.

Registros constatarem que a literatura já se fazia presente nas práticas de lazer e sociabilidades da população local nas primeiras décadas do século passado, acompanhando uma tendência que ganhava cada vez mais corpo nos centros urbanos: a da manifestação da cultura letrada, um dos elementos sobressalentes do viver na cidade. Na coluna destinada a noticiar os eventos sociais locais, o *São Caetano Jornal* chegou a divulgar, em 1929, a realização de festivais litero-dançantes no Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, um dos principais clubes da época. É de se supor, em razão da denominação recebida, que tais festivais compreendessem apresentações literárias. Informações a respeito do modo como

se desenrolavam e dos gêneros que difundiam não foram veiculadas pelo referido jornal, que também registrou, naquele mesmo ano de 1929, a organização de saraus dançantes em agremiações como o São Caetano Esporte Clube, Monte Alegre Futebol Clube e Boa Esperança Futebol Clube, cuja sede ficava na Rua Santo Antônio. Embora o periódico tenha pontuado o tipo de sarau ocorrido, não se pode descartar a hipótese da realização de recitações de poesias ou mesmo apresentações de outros gêneros literários naquelas ocasiões. Tal suposição encontra respaldo na natureza do sarau, um evento festivo marcado por manifestações artísticas diversas, que vão desde literatura e música até dança e teatro.

O desenvolvimento das artes musical e teatral, aliás, permeou e motivou, em algumas circunstâncias, a prática literária na cidade, visto a ligação tênue existente entre as citadas expressões artísticas. Com a popularização do teatro, grupos amadores ganharam visibilidade no cenário sociocultural de São Caetano a partir do início da década de 1920. Dentre tais grupos estava o do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, do qual fazia parte o médico Constantino de Moura Batista, autor de inúmeras peças de sucesso, como *Cocaina* e *Escravo*. A prática literária atrelada às artes cênicas também ganhou destaque na localidade por meio do trabalho do maestro Eduardo Sasso<sup>4</sup>, que, no comando da Corporação Musical Lyra São Caetano, escreveu operetas, como *A Orfansinha*, encenada, com grande êxito, no Clube Esportivo Lázio e no São Caetano Esporte Clube, nos dias 4 e 18 de julho de 1936, respectivamente.

Enquanto vertentes da literatura, as peças e os espetáculos líricos estiveram entre as manifestações iniciais observadas no campo literário na cidade. Ao lado delas, outras produções deram também impulso ao desenvolvimento da literatura em São Caetano, por meio

de uma gama de gêneros, indo do verso à prosa. Ora expressando sensibilidade e sentimentos, ora propagando informações relativas a contextos, períodos e aspectos culturais da cidade, tais trabalhos fornecem um panorama do que foi a literatura em São Caetano do Sul e do quanto ela pode servir de fonte para discussão e problematização de conjunturas históricas. E, tendo em vista essas possibilidades intrínsecas à produção literária, este artigo apresenta as principais obras e autores concernentes a ela. Levando em conta a abrangência do tema, é importante esclarecer que as considerações aqui feitas privilegiam uma produção embasada nas lembranças e nas sensibilidades de seus autores, de tal modo que as obras daí decorrentes adquirem um caráter poético, literário, ao contrário dos trabalhos de base científica, advindos de extensas e fundamentadas pesquisas. Tais trabalhos de cunho acadêmico (de autoria de estudiosos como José de Souza Martins, Carla Cristina Garcia, Eliane Mimesse, Cristina de Lourdes Pellegrino Feres, dentre outros), embora sejam de importância ímpar, integrando o que se pode denominar de historiografia de São Caetano do Sul, não se compatibilizam com a proposta deste artigo, centrada na recuperação de textos (e de aspectos atrelados a eles), que, por sua essência emotiva e artística, originaram a produção literária local.

**São Caetano, fonte de inspiração** - A produção literária na cidade pode ser dividida em duas perspectivas: a alusiva às obras que trazem como tema São Caetano do Sul e a referente a assuntos que extrapolam o universo da urbe, versando, de forma predominante, sobre questões de cunho intimista e sentimental.

São Caetano serviu, em diferentes períodos, de fonte de inspiração para alguns escritores locais. Da inspiração centrada na cidade, surgiram obras de teor nostálgico e memorialístico,

Claudino de Lucca, em foto tirada durante sua apresentação no programa global *Som Brasil*, na década de 1980. Na qualidade de escritor, é autor de textos poéticos sobre São Caetano, publicados tanto na revista *Raízes* quanto em livros. O ator Lima Duarte, apresentador do programa, aparece também na imagem



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

que evidenciam o vínculo afetivo de seus autores com a vida local de outrora. Integram esse rol bibliográfico livros de autores como Nicola Perrella, Manoel Cláudio Novaes e Ítalo Dal'Mas, cujas narrativas, em formato de crônica, revelam fatos vivenciados e/ou testemunhados por eles numa São Caetano bem distinta da dos dias de hoje.

Nicola Perrella, em *Entre as torbas de São Caetano*, descortina uma cidade dos tempos das olarias, das festas e quermesses ao redor da Paróquia São Caetano e dos muitos episódios pitorescos envolvendo antigos moradores. Ao falar da época abordada na obra, Perrella assim se manifestou: “Este trabalho é versado sobre uma época quase indefinida [...] debruçar-me-ei com todo o ardor literário pela vida daquele S. Caetano de Ontem, até o invulgar crescimento desta Comuna, onde, muita coisa vim a conhecer, praticamente desde minha infância, especialmente no que concerne a fatos ocorridos ou coisas tí-

picas daquele nosso povo de ontem. Daí então, partimos de uma época de mil e novecentos em diante.”<sup>5</sup> Em um outro trecho do livro, o autor traz preciosas informações sobre os assuntos tratados: “É justamente daquele S. Caetano de Ontem, é daquilo que poderíamos chamar de folclore de nosso passado, é daqueles costumes tão tradicionais da nossa gente, e, de tudo quanto poderei entrosar neles que eu chamo: Entre as tórbas de S. Caetano.”<sup>6</sup>

O conteúdo descritivo de seus textos assemelha-se ao de uma outra obra a respeito da São Caetano de antigamente. Trata-se da coletânea de crônicas intitulada *Nostalgia*,<sup>7</sup> de autoria de Manoel Cláudio Novaes. Originalmente publicadas na imprensa local, nas décadas de 1970 e 1980, rompem com os paradigmas tradicionais norteadores do registro e da escrita da história. “Misto de testemunho perspicaz e depoimento, série de pequenos retratos do cotidiano, *Nostalgia* caracteriza-se pelo texto leve e fluente. [...] mosaico interessante e diversificado. Situada na encruzilhada da ficção e do testemunho objetivo, a crônica desvenda, quando bem escrita, aqueles desvãos da História que foram presenciados por muitos integrantes da coletividade. Portanto, o leitor é convidado a ser cúmplice do texto, mais até do que sob outras circunstâncias, porque, talvez, tenha saboreado inúmeros dos fatos que o cronista condensa e amolda à sua própria visão de mundo. Por isso mesmo, numa perspectiva subjetivo-objetiva, *Nostalgia* tem a marca inapagável de História vivida, rememorada e filtrada duplamente pela razão e pela emoção.”<sup>8</sup>

Características, hábitos e costumes do cotidiano da população local, bem como episódios e personagens marcantes do quadro social sul-são-caetanense, são recuperados e nomeados por Novaes. Assim, ganham vida em seus textos desde as lembranças concernentes a fatos que traduzem a repercussão da Revolução de 1924

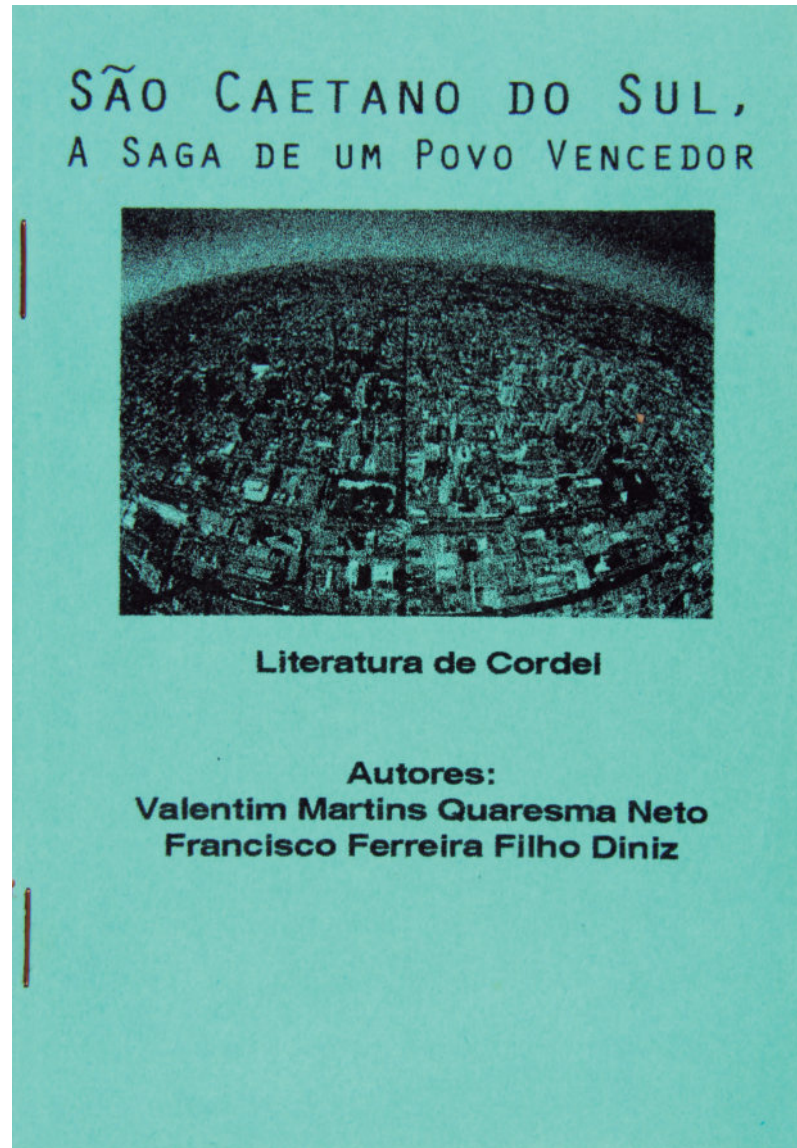
na cidade até os acontecimentos de cunho privado, desenrolados na esfera de suas relações familiares e pessoais. Instituições importantes do município, como as escolas Senador Fláquer e Externato Santo Antônio, além do São Caetano Esporte Clube, são também reverenciadas pelo olhar nostálgico e sensível do autor, do qual não escaparam nem as figuras simples da cena urbana. Nomes como os dos sanfoneiros Olympio e Giuseppe De Martini (o Bepo da Sanfona), dos sorveteiros Bepi, Luiz e Carmelo, do massagista Cardoso, da parteira Eva Lodi e do pescador Isaías Previato foram retirados do anonimato e integrados às suas crônicas.

Seguindo nessa mesma linha memorialística, encontra-se *Nossas Raízes*, livro de Ítalo Dal’Mas publicado em 2009. Nele, o autor tece uma narrativa acerca de uma gama variada de assuntos e aspectos da São Caetano de tempos passados. Em alguns capítulos da obra, o teor nostálgico sobrepõe-se, a ponto dos textos assumirem um caráter de crônica, cuja essência são as reminiscências e lembranças do autor a respeito de sua cidade natal. Isso se evidencia no trecho em que ele discorre acerca de nomes que ficaram impressos na memória dos moradores, por conta, sobretudo, de suas peculiaridades e modo singular de ser. Daí tê-los chamado de “artistas da vida”, que nada mais eram do que personagens da cena provinciana de uma São Caetano dos primeiros anos do século passado. “Keco Lorenzini com seus gestos cômicos e suas expressões simplórias; Sílvio Buzzo, ‘o Caneca’, a ostentar sua palheta inseparável, passeando pelos campos de futebol e pulando nos cordões carnavalescos; Zapparolli, o caçador manifestando seus ‘contos’; Mário Bortoletto, de cabeleira branca esvoaçante, alegrando os bochófilos no Bairro da Fundação; nas várzeas, o barqueiro Jacome Dalcin alcunhado de ‘polvera bianca’, a despertar o silêncio campestre, galhofando perto

das barrancas do Tamanduateí; as dissertações políticas da autonomia de Tadeu D'Agostini; as piadas futebolísticas de Éttore Manille [...]”<sup>9</sup>.

Outros trabalhos e registros que tiveram como fonte de inspiração a cidade de São Caetano do Sul merecem também ser lembrados. A própria revista *Raízes*, enquanto publicação destinada à memória local, reúne boa parte deles. Um dos traços predominantes de suas primeiras edições são os textos e relatos saudosistas, que apresentam forte conteúdo e apelo emotivo. Nomes como os dos memorialistas Jayme da Costa Patrão<sup>10</sup>, Gisberto Grigoletto, Mário Dal'Mas e Henry Veronesi protagonizaram essa fase da história da publicação.

Já em seu primeiro número, *Raízes* trouxe um texto assinado por Veronesi, que, em um trecho específico, sintetiza a lembrança que tem da cidade de antigamente, ressaltando algumas características marcantes da vida local, em tempos longínquos, como um prenúncio do que seria, nas edições seguintes, enfatizado também por aqueles outros autores citados: a São Caetano bucólica, da vida pacata e tranquila, onde reinavam amizades verdadeiras e um ambiente de muito trabalho, mas também de descontração, nos interva-



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Capa do cordel *São Caetano do Sul, a saga de um povo vencedor*, de autoria dos professores Valentim Martins Quaresma Neto e Francisco Ferreira Filho Diniz

los da labuta diária. “São Caetano dos piqueniques dominqueiros, dos passeios de longas caminhadas, das pescarias, dos banhos e rios, do secar cava depois das enchentes, da catação de frutos silvestres nos campos e nas matas. São Caetano do tempo da gabiroba.”<sup>11</sup>

Mas não foi só em prosa que a cidade de antigamente foi abordada nas páginas de *Raízes*. Versos foram também

dedicados a ela, como os de autoria de Mário Dal'Mas. O texto *Reconstrução do passado*, publicado na quarta edição da revista (jan. 1991), encontra-se entre a produção poética do autor, assim como o intitulado *Lembrando a autonomia*, por meio do qual os principais acontecimentos da campanha que criou condição para a elevação de São Caetano à qualidade de município foram cap-

tados. Na sequência, alguns trechos que representam o ápice dessa campanha que mobilizou a sociedade da localidade em torno do ideal autonomista: o plebiscito.

“A luta se desenha  
entre o sim e o  
não.  
É o confronto dos  
contrários,  
É a liberdade,  
É a escravidão,  
É o progresso,  
É a regressão,  
O povo diante do  
sim e do não,  
Com fé e esperan-  
ça aguardam o  
plebiscito.  
24 de outubro de  
1948”<sup>12</sup>

Os escritores Cláudio de Lucca e Cláudio Rogério Braco também fazem memória à São Caetano de tempos idos pela perspectiva poética. O texto *São Caetano do Sul em uma visão poética*, de Lucca, evidencia sua sensibilidade a respeito do desenvolvimento da cidade, ressaltando a presença dos

imigrantes italianos no início do processo de crescimento local. Ele é enfático neste sentido: “E eles não eram aventureiros – desbravadores – não eram heróis – não portavam armas. Não traziam nas veias a inconstância dos nômades – não ostentavam flâmulas de cruzadas, nem colhiam no peito o choque do êxodo. Nem sequer eram exímios artesãos. Eram colonos – humildes – pobres e semi-analfabetos. Sua arma: a esperança.”<sup>13</sup>

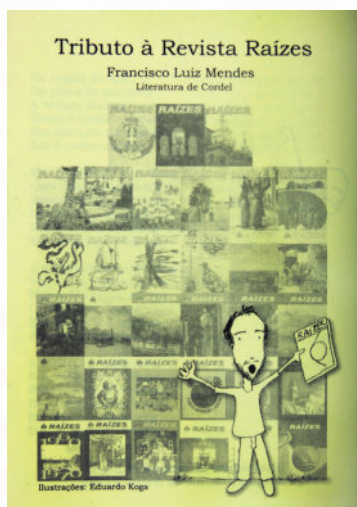
Braco também escreveu versos a São Caetano. Em *Nossa Terra*, ele apresenta um panorama histórico do município, dividindo em tópicos seu texto poético. Pela riqueza de seu teor, em razão de citar antigas referências da paisagem e da história da localidade, o texto, que foi publicado no décimo terceiro número de *Raízes* (jul. 1995), merece ser lido na íntegra. Vale registrar que Cláudio Braco também é autor de *Tempos felizes: lembranças da infância nos bairros da cidade*, trabalho que mescla prosa e verso e que foi publicado na edição de número 23 do periódico (jul. 2001).

A literatura de cordel também apropriou-se da temática da cidade, deixando seus versos registrados sobre a história local. Em julho de 2003, com o apoio do Movimento Cultural, Teatral e de Artes (MCTA) e da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul (Aciscs), foi lançado o cordel *São Caetano do Sul, a saga de um povo vencedor*, de autoria dos professores Valentim Martins Quaresma Neto e Francisco Ferreira Filho Diniz. Dois anos mais tarde, foi a vez do cordelista Francisco Luiz Mendes<sup>14</sup> legar sua arte para a cidade ao lançar *São Caetano do Sul: uma história para ser contada*.

São Caetano do Sul continuou servindo de fonte de inspiração para outros autores, que perpetuaram suas homenagens à cidade a partir de vários prismas e olhares que expressam o modo como projetam nela seus sentimentos,



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Capas dos cordéis *São Caetano do Sul: uma história pra ser contada* e *Tributo à Revista Raízes*, do paraibano Francisco Luiz Mendes

Xilogravuras dos cordéis  
*A via sacra de Nosso  
 Senhor Jesus Cristo, Lam-  
 pejos de um nordestino, A  
 terra a qualquer momento  
 poderá ser destruída,*  
*Personagens da Praça  
 Boulevard e O massacre  
 de Angicos (os últimos  
 dias de Lampião).* Esses  
 títulos integram a obra de  
 Francisco Luiz Mendes



Artes de Francisco Luiz Mendes

anseios, sonhos e lembranças. Como parte integrante do projeto editorial da Fundação Pró-Memória, dois livros foram lançados com a proposta de reunir textos de inúmeros escritores regionais: *Um olhar poético sobre São Caetano* (2002) e *Cantos e recantos* (2006). Esses dois trabalhos ratificam o quanto a temática ligada à cidade pode ser inovadora, não circunscrita apenas a frias análises fundadas em estatísticas e/ou em um conjunto documental. “Seguir olhares poéticos sobre São Caetano é sentir a cidade sob novos ângulos, de surpresa em surpresa, onde se descortinam cenários ainda pouco explorados”.<sup>15</sup>

Os autores que tiveram suas crônicas ou poemas publicados em uma ou nas duas coletâneas foram os seguintes: Claudino de Lucca, Celso de Almeida Cini, Yolanda Ascencio, José Roberto Espíndola Xavier, Aleticie Moretto Bottan, Rinaldo Gissoni, Rui Ribeiro, Eva Bueno Marques, Humberto Domingos Pastore, João Alberto Tessarini, José Carlos Agostini, Mariza Lima Gonçalves, Lourdes de Vita, Margarete Schiavinnatto, Wilson Loduca, Maria do Céu Formiga de Oliveira, João Miguel dos Santos, Gilberto Tadeu de Lima, Nicola Tortorelli, Milton Andrade, João

Anhê, Darcy Gripp Bastos, Raquel dos Santos, João Ribeiro Neto, Aleksandar Jovanovic, José de Souza Martins, Cláudio Rogério Braco, Neli Guiguer, R. Lee di Barcelona, Mário Porfírio Rodrigues, Albertina Rodrigues Matsudo, Maribel Aparecida Marana, Rosalva Maria Liberado Relá, Daniel Belluci Contro, Cláudia Rocha de Souza, Liana Moreira, José Ramos Vitorino, Hildebrando Pafundi, Maria José Amaral Pante, Sérgio Augusto Alonso Ballaminut, João Miguel dos Santos e Priscila Gorzoni.

Em cada verso ou narrativa, tais autores deixaram impressas suas emoções e sentimentos em relação à cidade como um todo (ruas, parques, instituições, marcos, personagens).



Artes de Francisco Luiz Mendes

Francisco Luiz Mendes declamando o cordel *Tributo à Revista Raízes*, durante o lançamento da trigésima quarta edição da revista, em dezembro de 2006. Com o violão, Gesiel Oliveira

Bastante expressivo é o relato de José de Souza Martins, que, partindo de imagens que ele próprio registrou, quando adolescente, teceu considerações a respeito do olhar que projetara sobre a São Caetano da década de 1950, período em que as fotos foram tiradas. Partindo delas, ele busca reconhecer-se em uma cena urbana que se transfigurou, com o passar do tempo: “Minhas fotos falam do olhar de alguém que já não sou, um ver que não reconheço. Sou um estranho nesse modo de ver antigo, [...], quando eu era muito mais ingênuo do que ainda sou, quando minha cidade ainda era inocente e infantil como eu também era. Nem ela mesma posso reconhecer, no casario térreo das ruas centrais, quando muito assobradados; no coreto da Praça da Matriz; nas bandas de música dos domingos à noite; nas ruas calçadas de paralelepípedos ou mesmo

nas ruas de terra, esgoto a céu aberto; nos meninos de calça curta e pé no chão; nas ruas quase vazias, o céu devassado, o silêncio que ainda se pode ouvir nessas imagens que me dizem que cresci e envelheci. Essas fotos me falam da presença de minha ausência, de um permanecer no berço, de um nunca ter saído.”<sup>16</sup>

#### **Outras obras, outros autores, outras inspirações -**

A produção literária em São Caetano apoiou-se ainda em outras inspirações para desenvolver-se. Se o tema da cidade rendeu textos e reflexões a diferentes autores, isso também foi observado no tocante a temáticas não vinculadas a ela. Muitos foram os escritores locais que expressaram sua sensibilidade e visão de mundo por meio de seu legado literário.

Integra esse rol a sul-são-caetanense Cleide Veronesi (1949-1987), cuja obra constituiu-se de poesias, contos, peças teatrais e colunas literárias. O seu engajamento em movimentos como o ecológico, o editorial e o cultural entrelaçou-se à sua trajetória de escritora, que, pela importância alçada, foi, em parte, recuperada pela revista *Raízes* de número 24, de dezembro de 2001.

Outro nome que fez história e marcou época na produção literária em São Caetano foi o de Hortência Rodrigues. Tal como ocorreu com Cleide Veronesi, ela teve também sua trajetória de escritora registrada na revista *Raízes*. Na edição 40, de dezembro de 2009, o seu trabalho foi retratado. Além de poesias, escreveu contos, crônicas e peças teatrais. Estas ultrapassam 40, estando entre as de maior sucesso



A escritora Eva Bueno Marques, durante o lançamento do livro *Um olhar poético sobre São Caetano*, lançado em 29 de agosto de 2002



o título *Adapta-te ou morre*, terceiro colocado, em 1968, nas eliminatórias do Grande ABC do 6º Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo, promovido pela Federação Andreense de Teatro Amador (Feanta). Seus textos figuram em coletâneas e antologias, dentre eles *Estes contistas fabulosos e suas estórias maravilhosas e Poesia brasileira hoje*. Escreveu ainda para programas humorísticos de emissoras de rádio da região, com o pseudônimo de Mariza Montenegro. Pela amplitude de sua produção literária, um parágrafo não é suficiente para destacá-la. Sendo assim, fica a sugestão de leitura do artigo *Hortência Rodrigues, ícone do teatro sancaetanense*, do qual poderão ser extraídas mais informações sobre sua carreira de escritora.

A literatura produzida na cidade deve muito ainda aos trabalhos de Yolanda Ascencio, que já publicou um total de 20 livros, entre crônicas, poesias e pesquisa. Maria do Céu Formiga de Oliveira, autora de livros como *Visão de um anti-herói*, *Trajatória do silêncio* e *Primeiro pôr-do-sol*, é outro nome que não pode ser esquecido. Digno de menção é também o trabalho do escritor e crítico literário Rui Ribeiro. Nesta qualidade, escreveu dois artigos para a revista *Raízes: O escritor Nicola Perrella entre as torbas de São Caetano*, publicado em dezembro de 2003, em seu número 28, e *Referências literárias a Paranapiacaba e a São Caetano antiga*<sup>17</sup>, publicação de dezembro de 2004, edição de número 30. Em 1999, Rui Ribeiro apresentou ao público com *Notas de realejo: estudos sobre literatura e MPB*, livro publicado em 1999 pela Fundação Pró-Memória. Enveredado pelo caminho da crítica e do conhecimento literário, o trabalho desse autor deixa uma herança cognitiva aos amantes da literatura. Um trabalho que se impõe muito mais pela explicação do que pela simples fruição ou contemplação das obras literárias. **R**

## NOTAS

<sup>1</sup> Raymond Williams nasceu em Llanfihangel Crucorney, Gales, no dia 31 de agosto de 1921. Publicou muitos livros, ensaios e artigos que abordam as relações entre linguagem, literatura e sociedade. Filho de um trabalhador ferroviário, integrou, ao lado de intelectuais como Edward Thompson, Eric Hobsbawm, Christopher Hill, dentre outros, a chamada Nova Esquerda Inglesa, que propunha a superação da corrente tradicional marxista, a partir de um viés dinâmico de análise centrado, predominantemente, na subjetividade, nas relações entre as classes e na cultura. Os trabalhos de Williams foram preponderantes para o surgimento dos Estudos Culturais Ingleses, base teórica para pesquisas que versam, principalmente, sobre cultura e sociedade. Faleceu em 26 de janeiro de 1988.

<sup>2</sup> Os Estudos Culturais Ingleses surgiram das reflexões de teóricos como Raymond Williams, Edward Thompson e Richard Hoggart, os quais forneceram as bases para a composição do arcabouço teórico desses estudos. A partir de 1964, com a criação do Centro de Estudos Culturais, um centro de pesquisa em nível de pós-graduação vinculado à Universidade de Birmingham, a esfera do conhecimento abarcada pelos estudos em questão organiza-se. As relações entre cultura e sociedade constituíram-se no eixo polarizador dos trabalhos advindos de tal Centro.

<sup>3</sup> Os contos infantis pesquisados por Robert Darnton foram *Chapeuzinho vermelho*, *A bela adormecida*, *A bela e a fera*, *Mamãe ganso* e *Pequeno polegar*. Como esclarece Edgar de Decca, os compositores da França do século 18, ao contar essas estórias, revelavam também como era o seu mundo, oferecendo, ao mesmo tempo, uma estratégia para enfrentá-lo. Ele alerta ainda para as alterações sofridas por tais contos, ao longo dos anos. Assim, com a ascensão da burguesia, os contos passam a apresentar sempre um final feliz, atendendo, desta forma, aos anseios de prosperidade desta classe social. Mas, no contexto estudado por Darnton, os desfechos das estórias, na maioria das vezes, eram trágicos, expressando as mazelas inerentes às condições de vida do campesinato. DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 2001 apud DE DECCA, Edgar Salvatori. Os eventos históricos, p. 5.

<sup>4</sup> Para maiores informações sobre o maestro Eduardo Sasso, consultar: CARVALHO, Cristina Toledo de. Sob a batuta do maestro Eduardo Sasso, operetas e programas musicais. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 44, p. 32-37, dez. 2011.

<sup>5</sup> PERRELLA, Nicola. Época. In: *Entre as torbas de São Caetano*. São Paulo: Edições Alarico Limitada, 1961.

<sup>6</sup> Idem, Despreensão. In: Op. cit.

<sup>7</sup> O livro *Nostalgia* é o volume inaugural do projeto editorial idealizado pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul com o objetivo de privilegiar a recuperação da história da cidade, a partir de variados aspectos e prismas. Foi publicado em 1991.

<sup>8</sup> IOVANOVIC, Aleksandar. Testemunho e cumplicidade. In: NOVAES, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo: Mecca, 1991.

<sup>9</sup> DALMAS, Ítalo. *Nossas Raízes*. São Caetano do Sul: Edição do autor, 2009, p. 217.

<sup>10</sup> A contribuição de Jayme da Costa Patrão para a revista *Raízes* não se restringiu à escrita de artigos, uma vez que emprestou seu talento como ilustrador às páginas do periódico em questão. Em 1998, a Fundação Pró-Memória lançou o livro *Jayme da Costa Patrão: um traço marcante na autonomia*, cujo foco são suas charges (na figura de Zé Caetano, inspirado no personagem Juca Pato, do famoso chargista Belmonte), enquanto representações do ideal emancipacionista propagado em São Caetano, na década de 1940. Na 46ª edição de *Raízes*, seu filho Marcus Vincenzi da Costa Patrão apresenta o chargista Jayme Patrão ao público, ressaltando os significados políticos intrínsecos à sua obra. "Mais do que simples desenhos, suas charges fizeram ferenhas críticas políticas e sociais, repletas de ironia e de sátira, facilmente reconhecíveis", argumenta ele. COSTA PATRÃO, Marcus Vincenzi da. Jayme da Costa Patrão, um idealista em sua linguagem visual. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 46, p. 83-84, dez. 2012, p. 84.

<sup>11</sup> VERONESI, Henry. No tempo da gabiroba. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 1, p. 10-12, jul. 1989, p. 11.

<sup>12</sup> DALMAS, Mário. Lembrando a autonomia. *Raízes*, São Caetano do Sul, Edição Especial, p. 105-106, out. 1998, p. 106.

<sup>13</sup> DE LUCCA, Claudino. São Caetano do Sul em uma visão poética. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 23, p. 77, jul. 2001. Cumpre mencionar que uma outra versão deste texto foi publicada na edição de número 13 da revista *Raízes*, de julho de 1995, só que sob o título "A arma dos fundadores de São Caetano do Sul era a esperança" e ainda com o acréscimo da emblemática carta de Giacomio Garbelotto aos seus familiares na Itália, por meio da qual ele apontava as dificuldades a que os colonos estavam submetidos no Núcleo de São Caetano. A referência versão do texto integrou o pronunciamento realizado em homenagem aos imigrantes italianos, por ocasião do 117º aniversário da cidade.

<sup>14</sup> Francisco Luiz Mendes nasceu em Nazarezinho, sertão da Paraíba, no dia 11 de dezembro de 1953. Chegou a São Caetano em 1975. É graduado em Letras pela Universidade Metodista de São Paulo e bancário aposentado. Identifica-se com todos os gêneros literários, especialmente com o cordel, gênero no qual possui mais de 30 títulos publicados, dentre eles: "A saga de um povo na trilha da autonomia", "Lampejos de um nordestino", "A via sacra de Nosso Senhor Jesus Cristo", "Umbanda, cem anos de amor e caridade" e "Tributo a Revista Raízes". O poeta Francisco Mendes é casado com Maria da Natividade Batista Silva Mendes e tem um filho, Guilherme Luiz Silva Mendes. A produção de uma manifestação tão peculiar da cultura nordestina, como é a literatura de cordel, só mostra o quanto ela é indicativa da presença singular de migrantes provenientes do Nordeste não só em São Caetano, mas na própria região. Em Mauá, reside a escritora cearense Iracema M. Régis, a única mulher cordelista do Grande ABC. Além de cordéis, sua obra é composta ainda por poemas, contos, resenhas e ensaios literários, literatura infantil e biografia, totalizando 21 títulos publicados. Fez jus a 13 premiações, como a de 2002 relativa ao Concurso do Metrô e CPTM - SP, em que se classificou entre os 20 melhores cordelistas do país.

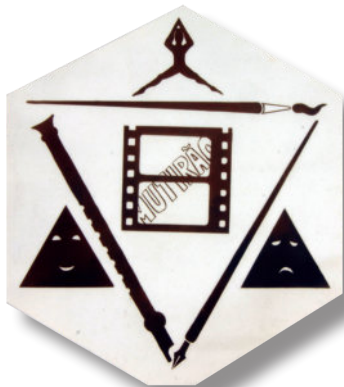
<sup>15</sup> XAVIER, Sonia Maria Franco. Prefácio. In: *Um olhar poético sobre São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2002.

<sup>16</sup> MARTINS, José de Souza. Olhar adolescente. In: Op. cit., p. 94-95. Cumpre registrar que, em 2008, foi lançado *José de Souza Martins*, da Coleção Artistas da USP, livro que focaliza a faceta de fotógrafo do autor. Nele, constam ensaios fotográficos feitos em Paranapiacaba, na Cerâmica São Caetano e na Fábrica de Linhas Pavão. Tais ensaios são complementados por crônicas que foram escritas no instante em que Martins fotografava esses lugares, numa amostra do quanto estreito pode ser o diálogo entre as artes da escrita e do fotografar.

<sup>17</sup> A São Caetano antiga, mais precisamente do final do século 19, foi citada no romance *A Carne*, escrito por Júlio Ribeiro. Em tal livro, publicado pela primeira vez em 1888, o autor faz referência à cidade, no trecho em que, numa viagem feita a Santos pelo personagem do romance, ocorre a visualização, a partir da janela do trem, da paisagem local: "Em São Caetano, em terras outrora baldias, de que ninguém fazia caso, há vinhedos formosíssimos plantados por italianos" RIBEIRO, Júlio. *A Carne* apud RIBEIRO, Rui. Referências literárias a Paranapiacaba e a São Caetano antiga. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 30, p. 92-93, dez. 2004, p. 92. Vale ressaltar que a escritora Zélia Gattai, em seu livro *Anarquistas, graças a Deus*, cita também São Caetano, onde moravam seus tios maternos Angelim e Gígio. Ao abordar a respeito das visitas que fazia com sua mãe à cidade, a escritora destacou as viagens realizadas nos vagões de segunda classe de trem: "Em menos de uma hora de viagem, chegávamos a São Caetano, sujeitos de fuligem, cheios de novidades e piadas para no regresso contar aos que não tinham sido escalados naquele dia. Caminhávamos ainda uns bons dois quilômetros antes de chegar à chácara de tio Angelim." GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*: Editora Record, 1986, p. 55 apud MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização*: a presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993, p. 61.

## CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

É HISTORIADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP)



Arquivo/Renato Brancatelli

## OS MEIOS DE DIFUSÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA NA CIDADE

Logotipo do Mutirão. Simbolizava a proposta de conagração entre as várias manifestações artísticas. Foi idealizado por Renato Brancatelli

**E**m São Caetano, a produção literária apoiou-se em alguns meios para difundir-se e popularizar-se. Dentre esses meios, encontram-se, além da imprensa, as iniciativas oficiais (ou seja, aquelas que foram pensadas e promovidas durante gestões municipais) e as de cunho não oficial (sem vínculo com órgãos ou departamentos da municipalidade), que, desde, pelo menos a década de 1920 (os registros mais antigos existentes sobre o assunto são desta época), já ocorriam na localidade, na forma de eventos literários organizados por clubes recreativos e esportivos. Na sequência, um breve panorama dessas iniciativas, que se firmaram como importantes meios de difusão da produção literária na cidade. Os anos 1970 constituem o ponto de partida da apresentação aqui feita.

**O Grupo Mutirão – Movimento Artístico-Cultural** - Na segunda metade da década de 1970, surgia no quadro cultural local o grupo Mutirão, constituído por jovens estudantes entusiastas das artes em geral. Estimulados pela edição do Festival de Teatro Amador do Grande ABC, ocorrida em São Caetano do Sul, ocasião de forte troca de experiências e ideias, esses jovens queriam um espaço no qual fosse possível a divulgação de seus pensamentos, poesias e escritos juvenis, no dizer de Renato Brancatelli.<sup>1</sup> Foi assim que surgiu o Mutirão – Movimento Artístico-Cultural.

Aos poucos, o grupo foi se consolidando. Seus integrantes discutiram o estatuto para a definição das propostas e objetivos do movimento e um órgão de divulgação foi criado, o *Folhetim Literário do Mutirão*. Desta forma, seria possível veicular textos e poesias de seus membros. Antes, porém, de sua publicação, havia uma seleção do material encaminhado e, para não gerar desgostos e polêmicas, pois nem tudo era possível publicar, o grupo organizava eventos em praças, a fim de privilegiar a produção de todos, que, assim, teriam oportunidade de ler e declamar seus textos e poesias.

Embora os citados eventos tenham ocorrido num momento de repressão política, os militares não chegaram a molestar ou cercar a atuação do Mutirão, que, de acordo com Brancatelli, não tinha semelhança alguma com as propostas de grupos revolucionários surgidos no período. “Não era um grupo com intenções políticas definidas,” frisa ele. Mas, mesmo diante de tal realidade, alguns de seus participantes pretendiam que o grupo assumisse um discurso mais incisivo frente a questões sociais, “algo que pudesse ir além do lirismo e das poesias de amor”. Esse posicionamento político almejado, mesmo não sendo a tônica do Mutirão, chegou a revelar-se em alguns momentos da trajetória do grupo. O texto do editorial do terceiro número

do *Folhetim Literário* ratifica isso. Na ocasião, “os mutirantistas” emitiram sua opinião a respeito de um acontecimento que repercutiu no cenário nacional: a tentativa frustrada de um grupo formado por 1.046 intelectuais de ser recebido pelo então ministro da Justiça, Armando Falcão. Num determinado trecho do editorial, assim se manifestou o grupo: “Apesar da insignificância do Mutirão perante o renome destes intelectuais, o movimento se solidariza e se une a esta iniciativa que contesta as arbitrariedades tomadas pelos órgãos censores. Trata-se, antes de tudo, de uma castração à criatividade, além de mais um retrocesso às liberdades individuais.”<sup>2</sup>

Posteriormente ao *Folhetim*, uma outra publicação foi utilizada pelo grupo. Tratava-se da revista *Mutirão*. Com um formato distinto do *Folhetim*, a revista, na sua primeira edição, também veiculou um discurso político no texto do editorial, por meio do qual o grupo posicionou-

“Apesar da insignificância do Mutirão perante o renome destes intelectuais, o movimento se solidariza e se une a esta iniciativa que contesta as arbitrariedades tomadas pelos órgãos censores. Trata-se, antes de tudo, de uma castração à criatividade, além de mais um retrocesso às liberdades individuais.”

-se de maneira favorável à causa Constituinte, conforme segue: “[...] o Mutirão – Movimento Artístico-Cultural, cômico de sua participação ativa na luta pelas liberdades democráticas, vem manifestar também a sua adesão à causa Constituinte. Somente uma Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana, precedida de uma Anistia ampla e irrestrita a presos políticos, cassados, exilados, poderá levar o Brasil a uma forma democrática de pacificação nacional, garantindo as condições necessárias para que o povo brasileiro possa viver tranqüilo, e a liberdade para sairmos do presente obscurantismo cultural, levando a arte para o seu devido lugar: junto a seu povo.”<sup>3</sup>



Arquivo/Renato Brancatelli



Arquivo/Renato Brancatelli



Capa da primeira edição da revista Mutirão. Ano de 1977



Capas dos segundo e terceiro números do Folheto Literário do Mutirão, ilustradas por Renato Brancatelli

Outros textos desta edição da revista também possuem um teor político, como o intitulado *Política e cultura*, assinado por Juvenal Pimenta, a partir do qual ele faz uma crítica à política cultural da região. Na seção *Contos e Poesias*, a revista trouxe os seguintes textos: *Menininhos e meninas* e *Pesadelo*, de Nelson dos Reis, *Boas notícias*, de Paulo de Oliveira, *A lei da procura e da oferta*, de Jaime Kameyama, além das poesias *Cenas mudas*, *Ecumênico*, *Fragmentos*, *Resistência* (vide box), *Lenda*, todas elas de Nelson dos Reis, *Cântico tácito* e *Atual situação do pássaro preso*, de Cuca, *Das variações aos novos bebês*, de

Carlos, *Pelo entendimento*, de Jaime Kameyama, *O homem do gado*, de Nelson Morato, *Teatro atroz e Sensação*, de Mario Ferreira, e *Grito por canto*, de Paulo de Oliveira.

O grupo Mutirão, embora com uma atuação breve, aglutinou artistas de vários segmentos. Gradativamente dispersou-se, sobretudo em virtude das dificuldades para manter as atividades e uma publicação. Dentre os seus principais integrantes, estavam nomes como os de Renato Brancatelli, José (Zhô) Bertholini,<sup>4</sup> Lucio Kume, Nelson dos Reis, Moacir Torres, Paulo Menten, Walter Sukowsky, Paulo de Oliveira, Jaime Ka-

meyama e Mario Ferreira.

O ideal de difundir a arte literária na cidade e na região não se extinguiria com o Mutirão. Outros grupos de escritores continuaram a atuar no ABC.<sup>5</sup> Neste contexto, não se pode deixar de mencionar o surgimento da Academia de Letras da Grande São Paulo, com escritores de São Caetano entre seus membros. Anos mais tarde, foi criada a Academia Popular de Letras, contribuindo para o fortalecimento e difusão das manifestações literárias no município. Mais detalhes sobre a trajetória de ambas são apresentados nas próximas páginas desta seção, em artigos elaborados por seus respectivos integrantes.

**Concursos, projetos e oficinas** - Se, por um lado, o surgimento das duas academias veio reforçar e conceder maior visibilidade às práticas literárias, por outro, é certo que estas já vinham sendo, oficialmente, incentivadas na municipalidade desde, pelo menos, meados da década de 1970, com o concurso de contos promovido pelo então Departamento de Educação e Cultura (Depec). Em 1980, esse departamento lançou um concurso de poesias, que, já em sua primeira edição, contou com a participação de 374 poetas de diversas localidades brasileiras<sup>6</sup>.

Em maio de 2007, a então Diretoria de Cultura, sob o comando de Sonia Maria Franco Xavier, idealizou o projeto *Recanto da Leitura*, com o objetivo de incentivar o hábito de ler e de proporcionar o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo, a partir da interação entre leitores e da troca de ideias e experiências literárias. Esse projeto, realizado no Espaço Verde Chico Mendes, compreendia atividades como contação de histórias, troca de livros e oficinas de redação e de confecção de livros de tecido.

Para fortalecer ainda mais o acesso do público ao mundo literário, a referida diretoria lançou, em 2008, o *Viajando com a Literatura*.



Evento organizado pelo Mutirão na Praça Ipiranguinha, em Santo André, no final da década de 1970

Nelson dos Reis, durante o evento na Praça Ipiranguinha



Tratava-se de um projeto que consistia na fixação de fragmentos de textos de grandes autores da literatura brasileira no vidro traseiro dos ônibus de linhas municipais. Agregado ao projeto estava o informativo *Circulendo*, cuja distribuição era feita, bimestralmente, junto aos usuários daquelas linhas. O propósito era propiciar, de maneira prazerosa, o acesso à leitura, como bem explicitou o editorial do primeiro número do informativo: “Propomos tornar sua viagem mais agradável, oferecendo uma leitura que será responsável por deixá-lo bem informado sobre as diferentes atividades culturais que acontecem em nossa cidade – São Caetano do Sul.”<sup>7</sup>

Os projetos envolvendo usuários dos ônibus municipais foram, sem dúvida, uma ideia criativa e inovadora, que serviu para mostrar que a literatura pode ser conhecida, apreciada e apropriada não apenas a partir de seus meios mais usuais e convencionais, como, por exemplo, no ambiente de livrarias, bibliotecas, salas de aula, e mesmo virtualmente, nas páginas da internet. Ela também pode ser usufruída no cotidiano, no ir e vir da cidade.

Todas as iniciativas aqui lembradas foram amplamente divulgadas pela imprensa local. O papel desta, enquanto um

dos meios mais eficazes de divulgação e popularização das manifestações literárias, constitui um capítulo à parte na história da literatura em São Caetano. As principais marcas e peculiaridades da participação de jornais da cidade nesse processo de massificação da literatura serão focalizadas a seguir. (Cristina Toledo de Carvalho) **R**

### Resistência

Existe uma metralha atrás de cada poema  
As balas desta metralha  
são palavras que cortam os ares  
e o comodismo dos homens  
são hinos que cantam o presente  
são hinos de guerra e paz  
são versos, reversos, diversos  
remédios  
são gritos aflitos  
mistos de medo e coragem  
A poesia é presente,  
circunstancial  
A poesia é semente  
que germina e fortalece  
É sonho, é sombra, é santo guerreiro,  
é fé, é feijão  
é repente de cantador  
é grito de trabalhador  
é chofer de caminhão  
A poesia não precisa de palmas  
mas de armas e almas  
nesta luta de amor

(Nelson dos Reis)



Arquivo/Renato Bramante

Textos produzidos pelos integrantes do Mutirão espalhados pela Praça Ipiranguinha



Arquivo/Sônia Maria Franco Xavier

Primeira página da edição de número 1 do *Circulendo*, informativo criado pela Diretoria de Cultura de São Caetano do Sul, em 2008

### NOTAS

<sup>1</sup> Depoimento concedido em 10 de abril de 2013.

<sup>2</sup> Editorial. In: *Folhetim Literário do Mutirão*, ano I, n. 3, 1977.

<sup>3</sup> Por uma Constituinte. In: *Revista Mutirão*, ano II, n. 2, p. 3, 1977

<sup>4</sup> Zhô Bertholini, a partir de 1982, editaria a revista *A Cigarra*, ao lado de Jurema Barreto de Souza, que, no ano seguinte, passaria a integrar o Grupo Livrespaço, cuja trajetória é tratada nesta seção pela abnegada Dalila Teles Veras. Editada em Santo André, a revista foi uma das expressões do movimento literário alternativo surgido na região entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980, sendo responsável pelo mapeamento da produção cultural independente, ao abrir espaço “para novas vozes e novos olhares.” *Revista A Cigarra*. Disponível em: [revistacigarra.blogspot.com.br](http://revistacigarra.blogspot.com.br). Acesso em: 8 mai. 2013.

<sup>5</sup> É importante registrar que a experiência do Mutirão não foi a única na região do ABC, enquanto grupo que tinha, dentre outras propostas, a de difundir a literatura. Outros núcleos de escritores também atuaram em cidades como Santo André e Mauá. No município andreense foi singular a trajetória do Livrespaço e, em Mauá, digna de nota é a história do Colégio Brasileiro de Poetas. Surgido na trágica década de 1960, das trocas de experiências literárias de um grupo formado por nomes como os Aristides Theodoro, dos irmãos Castelo e Dirceu Hansen e Moysés Amaro Dalva, o Colégio de Poetas abriu espaço para novos escritores de Mauá, tirando-os do ineditismo, dos quais: Moacir Alves da Silva, Iracema M. Régis, Antenor Ferreira Lima, Samuel Fernandes de Aguiar, Marco Salles e Derci Miranda Gomes. O referido grupo publicou as seguintes antologias: *Antologia do Colégio Brasileiro de Poetas* (1977), *10 poetas em busca de um leitor* (1977), *Revoada de pássaros negros* (1980) e *Útero da América* (1982). Além das publicações, o Colégio Brasileiro de Poetas organizava também recitais de poesia na Biblioteca Municipal de Mauá e, posteriormente, no anfiteatro da prefeitura. Para mais informações sobre o trabalho desenvolvido por esse grupo literário, que atuou até os anos 1980, consultar: THEODORO, Aristides. *Manifestações literárias em Mauá: Colégio Brasileiro de Poetas, seus fundadores, associados e outros escritores da cidade*. Mauá, 2004.

<sup>6</sup> *Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano V, n. 237, p. 7, 10 e 11 jan. 1981.

<sup>7</sup> XAVIER, Sônia Maria Franco. Editorial. In: *Circulendo*, São Caetano do Sul, n. 1, p. 2, jul. ago. 2008.



## A IMPRENSA DE SÃO CAETANO E A LITERATURA, UM CAPÍTULO À PARTE

**N**a história da literatura em São Caetano, a imprensa ocupa um capítulo à parte. Já nas edições dos primeiros jornais que circularam na cidade, os espaços reservados a assuntos literários eram regulares, refletindo uma marca que acompanhava os periódicos publicados nas primeiras décadas do século passado.

Pode-se afirmar que a imprensa foi um dos maiores instrumentos de propagação do modo de vida urbano, alicerçado, entre outros pilares, no letramento. Este era uma das expressões do viver na cidade. Atenta a essa estreita ligação, a historiadora Heloísa de Faria Cruz

concebe a urbe enquanto espaço da cultura letrada, que tem no exercício da escrita e da leitura “dimensões importantes das culturas urbanas e das relações de poder na cidade moderna”.<sup>1</sup> Daí a importância adquirida por tudo que advinha do universo letrado, como a literatura.

Neste artigo, é apresentado o papel desempenhado por três jornais da cidade no processo de difusão de manifestações e iniciativas em prol da produção literária, além de destacar também a abertura concedida pelo semanário *Argus* a assuntos e temas relativos à literatura. Editado em São Paulo, tal semanário, ao contrário dos outros três jornais abordados, tinha uma proposta alternativa, uma vez que seu foco não

Arco-Íris,  
poema de  
Cassiano  
Ricardo  
publicado  
na edição  
de 8 de abril  
de 1928 do  
São Caetano  
Jornal



**ARCO - IRIS**  
(CASSIANO RICARDO)

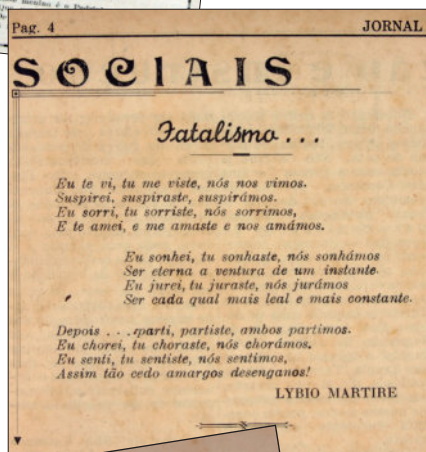
Sei que me odeias  
Sei que tens as mãos cheias  
de pedras rútilas para arremessar  
sobre minha cabeça quasi branca  
quando eu passar.

O meu amor, sem que o percebas  
pousa em teus olhos de arco-íris.  
E, muitas v'zes, sem sentires,  
meu pensamento  
pousa em teu odio sem igual,  
como uma borboleta muito linda  
que pousasse,  
a aza cheia de côres,  
na ponta de um punhal...

Os dois textos  
inaugurais da  
coluna *Literatura Infantil*,  
na edição de  
19 de agosto de  
1928 do *São  
Caetano Jornal*.  
Tal coluna era  
mantida pelo  
médico Honora-  
to Faustino  
de Oliveira



Texto poético de  
Lybio Martire pu-  
blicado na primeira  
edição do *Jornal de  
São Caetano*, datada  
de 28 de julho de  
1946. O jornal seguia  
a orientação de abrir  
sua coluna *Sociais*  
com um poema. Os  
de Martire marcaram  
forte presença nesse  
espaço, o que o tor-  
nou um dos princi-  
pais colaboradores do  
jornal, no que dizia  
respeito a assunto  
literário



**SOCIAIS**

*Fatalismo...*

Eu te vi, tu me viste, nós nos vimos.  
Suspirei, suspiraste, suspirámos.  
Eu sorri, tu sorriste, nós sorrimos,  
E te amei, e me amaste e nos amámos.

Eu sonhei, tu sonhaste, nós sonhámos  
Ser eterna a ventura de um instante  
Eu jurei, tu juraste, nós jurámos  
Ser cada qual mais leal e mais constante.

Depois... partiste, partiste, ambos partimos.  
Eu chorei, tu choraste, nós chorámos.  
Eu senti, tu sentiste, nós sentimos,  
Assim tão cedo amargos desenganos!

LYBIO MARTIRE

eram as questões políticas, mas sim as de natureza humorística e literária. Embora o *Argus* não fosse um jornal da localidade, registrou o ambiente sociocultural de São Caetano ao tecer comentários sobre seus moradores entre 1923 e 1924. Sendo assim, supõe-se que ele tivesse uma infiltração junto à sociedade sul-são-caetanense. O que se veiculava em suas páginas era, portanto, apropriado por ela.

Na qualidade de meios de difusão da literatura, os jornais aqui mencionados contribuíram para que essa temática integrasse o horizonte de leitura e conhecimento do público do município, atestando um traço incorporado pela cultura urbana: o do letramento e do conjunto de práticas atreladas a ele.

*Argus* - Em um de seus editoriais, o *Argus* enca-minhou um texto no qual foram ressaltadas informações sobre sua circulação e tiragem, além de suas principais propostas, entre as quais a literária, conforme segue: “É o hebdomadario de maior tiragem que se publica em São Paulo. A sua circulação, tanto na capital do Estado como em todo o interior e nas mais importantes cidades de Minas, Rio Grande do Sul, Paraná, Rio, Goyas e Bahia, supera a de todos os semanarios e a de muitos diários. Publica sempre em suas paginas selecta collaboração literária, original ou traduzida dos melhores literatos italianos, francezes, hespanhoes e allemães.”<sup>2</sup>

O semanário possuía uma seção denominada *Folhetim do Argus*, além da coluna *Rubrica Poética*, por meio da qual poemas eram publicados. Dentre os autores que tiveram seus folhetins divulgados pelo semanário, estão Olívio Leonel e Luciano Nazareth. O primeiro escreveu *História de uma meretriz*, “romance contemporaneo escripto especialmente para o *Argus*”, enquanto a novela *Quando uma mulher passa* é de autoria de Nazareth.



Poemas de auto-  
res consagrados  
também mar-  
caram presença  
na abertura da  
coluna *Sociais*  
do *Jornal de  
São Caetano*,  
dos quais o de  
autoria de Me-  
notti Del Pic-  
chia, intitulado  
*Lamentações*,  
publicado na  
edição de 4 de  
maio de 1947

**SOCIAIS**

*Lamentações*  
MENOTTI DEL PICCHIA

“Amor?  
Receios, desejos  
promessas de paraísos,  
depois sonhos, depois risos,  
depois beijos!

Depois...  
E depois, amada?  
Depois dores sem remédio  
depois pranto, depois tédio,  
depois... nada!”



Pelas páginas do *Argus* é possível vislumbrar o ambiente sociocultural que se sedimentava nos centros e núcleos urbanos contemplados em seus textos. Seus personagens e fatos, embora inerentes às tramas e conjunturas da vida real, ganhavam contornos ficcionais em razão do teor literário do semanário, que, assim, imprimia uma linguagem bastante peculiar na abordagem dos assuntos integrantes de sua pauta. Por outro lado, pelo viés dos folhetins publicados, é possível tomar conhecimento do que era produzido e apropriado, em termos de literatura, naquele decênio de 1920.

**São Caetano Jornal** - Ao contrário do *Argus*, o *São Caetano Jornal* nasceu com um propósito político. Surgido em 1928, o periódico firmou-se como o órgão de comunicação destinado a veicular o ideal da primeira campanha emancipacionista articulada na localidade, quando São Caetano era apenas um distrito do município de São Bernardo.

Mesmo diante desse perfil político, o jornal, seguindo o caminho de seus contemporâneos, reservava espaço para a literatura, apontando uma tendência que refletia a importância social da temática no âmbito cultural das cidades onde a imprensa atuava. Desta forma, publicava poesias, sendo algumas de escritores renomados, como Olavo Bilac, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo.

Na edição de 22 de julho de 1928, o *São Caetano Jornal* trouxe uma nota informando a colaboração do médico Honorato Faustino de Oliveira, diretor da Escola Normal da capital: “É uma preciosa aquisição para o nosso jornal essa colaboração, pois que o dr. Honorato Faustino, illustre medico, distinto educador e fino cultor da musica, é um dos mais apreciados escriptores didacticos de S. Paulo e espirito de aprimorada cultura.”<sup>3</sup> O jornal passou a publicar os textos

poéticos do médico a partir da edição de 19 de agosto de 1928, na coluna *Literatura Infantil*.

O *São Caetano Jornal*, na seção destinada à divulgação dos eventos sociais do distrito, registrou a organização de dois festivais lítero-dançantes em 1929, conforme mencionado no artigo *Em verso e prosa, a literatura em São Caetano do Sul*, atestando que a imprensa apresentou-se como um dos principais meios de difusão das manifestações literárias na cidade.

**Folha de São Caetano** - Na qualidade de jornal oficial da administração municipal, durante as gestões de Raimundo da Cunha Leite e João Dal’Mas (1977-1983), a *Folha de São Caetano* foi o grande veículo de divulgação dos eventos promovidos pela prefeitura na área literária. Dentre tais eventos, estavam os concursos de contos e poesias, duas iniciativas do então Departamento de Educação e Cultura (Depec).

A primeira edição do concurso de poesias aconteceu em 1980 e contou com a participação de 374 poetas, num total de 988 trabalhos inscritos. Mesmo sendo um evento realizado pela municipalidade, os participantes eram de diversas regiões brasileiras. De acordo com o jornal, a comissão julgadora foi formada por Cláudio Feldman (escritor, cineasta e professor), Fernando Paixão (poeta, ator e jornalista) e Luiz Baggio (poeta e editor). A poesia *A espera*, de Ailton Santos, foi a vencedora. A *Folha de São Caetano* noticiou também, na oportunidade, a organização de uma publicação, a *Antologia poética*, que contemplaria os textos premiados, além de outras 13 poesias selecionadas na primeira etapa do concurso, mas não laureadas. Integrando os textos concorrentes estava o de Ricardo Fermiano Soares,<sup>4</sup> intitulado *Máquinas paradas*.<sup>5</sup>

Em 1981, este escritor foi um dos protagonistas, ao lado da própria *Folha de São Caetano*, de uma grande polêmica envolvendo o Concurso

de Contos do Depec. Já em sua sétima edição, o concurso teve como vencedores, além de Ricardo Soares, segundo colocado com o conto *A filha do delegado*, os escritores Cláudio de Souza Barradas, de Belém do Pará, vencedor do evento com o texto *Como se um vendaval sobre os carvalhos*, e Edson Luiz Marques, de São Paulo, em terceiro lugar com o conto *Orelha*. Fizeram parte da comissão julgadora os seguintes nomes: Wladimir Catanzaro, Flávio R. Kothe e Glenir Santarnecchi.<sup>6</sup>

Na edição dos dias 26 e 27 de dezembro de 1981, o jornal publicou os três contos vencedores do concurso. Este fato foi o estopim da polêmica desenrolada a partir de então, graças a uma carta denúncia encaminhada pelo munícipe Mário Botteon, em janeiro de 1982, ao presidente da República. Por meio dessa carta, Botteon “juntou uma cópia do jornal, riscando um total de 23 termos por ele considerados atentatórios à moral. A denúncia, depois de circular por dois Ministérios em Brasília, da Justiça e da Educação, foi enviada ao Ministério Público do Estado, que determinou providências para a abertura do inquérito na Delegacia de São Caetano. Já em Brasília a Comissão de Moral e Civismo oficiou ao então ministro da Educação, Rubem Ludwig, solicitando medidas contra o Departamento de Cultura de São Caetano”.<sup>7</sup>

Embora não tenha sido possível ter acesso ao desfecho dessa história, fica o registro para fins de reflexão e conhecimento, ainda mais se for levado em consideração o momento histórico em que o episódio da denúncia verificou-se. Mesmo com o processo de abertura política em curso no Brasil no início da década de 1980, ainda era muito incisivo o crivo da censura e de todo o aparelho de controle e repressão do Estado ditatorial. Essa realidade, com o conservadorismo reinante em alguns setores da sociedade, só podia desembocar em fatos como o destacado acima.

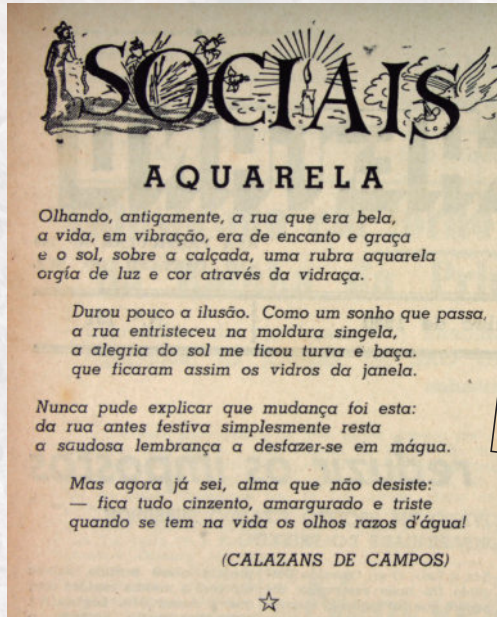
A *Folha de São Caetano* também chegou a divulgar em suas páginas concursos de poesias organizados por escolas da cidade, como o Colégio Magister e a Escola Laura Lopes. Em abril de 1983, o periódico trouxe informações a respeito do primeiro concurso desse gênero promovido por aquele colégio. Conforme expôs a notícia, poderiam participar do certame os alunos do 1º e 2º graus de todas as escolas de São Caetano do Sul. Foi ainda informado que as 20 poesias selecionadas seriam publicadas em uma antologia poética, cuja distribuição estava prevista para ocorrer junto às bibliotecas das escolas públicas da cidade.<sup>8</sup> Em junho, a *Folha de São Caetano* apresentou os nomes dos vencedores desse concurso, que teve como primeiro colocado o aluno Leonardo Vagner Guadalupe de Lima, então com 19 anos.<sup>9</sup> Dois anos antes, mais precisamente nos meses de maio e junho de 1981, a Escola Laura Lopes promoveu o seu concurso de poesias, cujos vencedores foram os alunos Jesus Nazareno de Carvalho e Célia Regina Fleming, ambos classificados em primeiro lugar com os textos *Previsão* e *Mundo estranho*, respectivamente.<sup>10</sup>

Em 1981, o jornal ainda tratou de registrar uma campanha de incentivo à leitura que consistia no acúmulo de cupons para a aquisição de livros por parte dos frequentadores das duas bibliotecas da cidade. Bastava juntar 50 cupons e trocá-los por um livro à escolha do frequentador.<sup>11</sup>

Mas o mote da pauta cultural da *Folha de São Caetano* foram os concursos literários do Depec. Além das edições aqui destacadas, outras tantas também receberam a atenção do jornal<sup>12</sup>, confirmando a sua posição de veículo de comunicação oficial da municipalidade, entre o final dos anos 1970 e o início da década de 1980.

**Jornal de São Caetano** - Surgido em 1946 com uma proposta claramente política e combativa, visto seu objetivo de encampar uma série de

Aquarela, de Calazans de Campos, abrindo a coluna *Sociais*, em 14 de outubro de 1950. Campos colaborou com o *Jornal de São Caetano* assinando também a coluna *Homens, Fatos, Ideias*, a partir da edição de 9 de dezembro de 1950



reivindicações em prol de São Caetano, que, na época, estava administrativamente vinculado a Santo André, o *Jornal de São Caetano*, mesmo com um perfil essencialmente político, não deixou de contemplar temas relativos à literatura, firmando-se como o periódico que mais propagou o assunto, dentre os abordados neste artigo. Já em seu primeiro número, lançado no dia 28 de julho de 1946, o jornal trouxe um texto poético intitulado *Fatalismo*, de autoria de Lybio Martire, membro da Academia de Letras de São Paulo. Candidato também, na ocasião, a deputado pelo Partido Social Progressista (PSP), Martire foi um dos principais colaboradores do *Jornal de São Caetano* em sua fase inicial. Seus textos abriam a coluna *Sociais* e foram regularmente publicados até a edição de 1º de janeiro de 1947. Após um período de dois meses, Lybio Martire voltou a colaborar com o periódico, ocasião em que o texto *Largo de São Rafael* foi publicado. Todavia, sua colaboração, a partir de então, deixou de ser

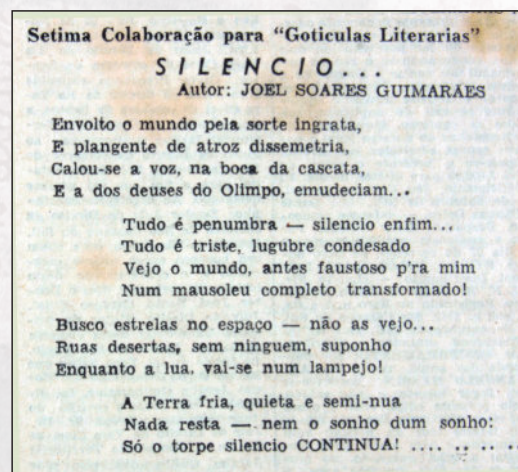


Soneto à S.M.S. de José de Souza Martins, na já tradicional abertura poética da coluna *Sociais* do *Jornal de São Caetano*, edição de 14 de setembro de 1957. A publicação desse texto deu-se no ano do lançamento de seu primeiro livro, o *São Caetano do Sul em IV séculos de história*. Martins começava a mostrar uma outra faceta sua: a de poeta

Hortência Rodrigues foi outro nome que ajudou a desenvolver o tema literário no *Jornal de São Caetano*. O texto em destaque foi publicado em 1º de junho de 1957



Texto da coluna *Gotículas Literárias*, da edição de 25 de maio de 1957 do *Jornal de São Caetano*. Foi escrito por Joel Soares Guimarães



constante e a coluna passou também a ser aberta por outros autores, dos quais Calazans de Campos. Vale ressaltar que esse espaço não se manteve apenas com os textos de seus colaboradores, mas também foi alimentado por fragmentos de obras de escritores consagrados como Machado de Assis, cujo título *Círculo vicioso* foi publicado na edição de 28 de julho de 1951, e Menotti Del Picchia, autor de *Lamentações*, texto que abriu a coluna em 4 de maio de 1947.

Na época em que iniciou sua colaboração, em 1949, Calazans de Campos era diretor administrativo da prefeitura. Teve uma intensa vida jornalística no Rio de Janeiro, onde foi redator chefe de *A Gazeta de Notícias*, subsecretário de *A Manhã*, redator político de *A Notícia* e diretor da *Agência Nacional*, órgão de imprensa oficial do governo federal. Campos passaria a assinar, em dezembro de 1950, a coluna *Homens, Fatos, Ideias*, um espaço dentro do jornal que tinha como finalidade funcionar, a partir de crônicas, como “uma janela aberta sobre a vida da cidade”, conforme ele próprio expôs em seu texto inaugural.<sup>13</sup>

A importância atribuída pelos redatores ao tema literário pode ser mensurada não somente pela existência de espaços e colunas de veiculação de poesias e crônicas, mas também por iniciativas outras que apontam o compromisso do jornal com a difusão do assunto, tal como se evidenciou na organização de um concurso, cuja divulgação foi feita, pela primeira vez, em 20 de outubro de 1946, nos seguintes termos: “Buscando incentivar, sob todas as formas, o desenvolvimento intelectual de São Caetano, nossa folha organizou um concurso literário, do qual poderão participar todos os interessados. [...] Acreditamos poder, com êsse torneio, revelar novos valores intelectuais de nossa terra, prestando, assim, serviço aos interesses culturais de nossa terra.”<sup>14</sup>

Naquela mesma edição de 20 de outubro de 1946, o jornal aproveitou o ensejo para também divulgar o edital que regeria o concurso. Dos itens integrantes do regimento, cumpre destacar o relativo aos nomes da comissão julgadora, formada por Mário da Silva Brito (representante da Editora do Globo, de Porto Alegre, patrocinadora do evento), Walter Thomé (pelo *Jornal de São Caetano*) e José Bonifácio Fernandes (diretor do Grupo Escolar Senador Fláquer), além do concernente à premiação. Conforme estipulado, ao primeiro colocado seria conferido um prêmio em dinheiro no valor de Cr\$200,00 (duzentos cruzeiros) e seis livros publicados pela Editora do Globo, ao classificado em segundo lugar Cr\$100,00 (cem cruzeiros) e três livros da referida editora e, ao terceiro colocado, duas publicações da editora porto-alegrense.

Na edição de 8 de junho de 1947, o *Jornal de São Caetano* divulgou os nomes dos três primeiros colocados em seu concurso literário, além dos títulos dos contos de cada um deles e de seus respectivos pseudônimos, a saber: em primeiro lugar, Névio Dias (Raduan, com *Vida de mendigo*), em segundo lugar, Edmur Andreucci (Petarca, com *Um médico infeliz*), em terceiro lugar, Lídio Moura (Encarcerado, com *Maria Lucia*).<sup>15</sup> Em tal edição, o jornal apresentou, na íntegra, o conto vencedor, *Vida de mendigo*.

Além dos poemas publicados na abertura da coluna *Sociais*, o *Jornal de São Caetano* criou, em diferentes momentos, seções para veicular textos literários e discutir a temática da literatura. Em 1947, na edição de 16 de fevereiro, o periódico inaugurou a seção *Notas e Curiosidades Literárias*, que foi dirigida pelo colaborador Nedi. Fazendo jus ao nome, a seção, em seu lançamento, trouxe uma série de notas e curiosidades acerca de escritores de renome, como Alexandre Dumas e Gilberto Freyre.

Na edição de 1º de julho de 1953, o jor-

nal lançou a coluna *Trovas*, com diversos pequenos poemas de diferentes autores, como Tomás Bulhões, Luiz Otávio, Maciel de Oliveira, Ciro Vieira da Cunha, Álvaro Faria, Petrarca Maranhão e Hélio Gonçalves. A coluna só voltaria a ser publicada na edição de 16 de setembro de 1953 e os autores contemplados, na ocasião, foram Newton Rossi, Múcio Teixeira, Ademar Tavares, Pereira Fortes, dentre outros.

Outra coluna literária divulgada pelo periódico foi *Livros e Autores*. Seu lançamento deu-se na edição de 27 de fevereiro de 1954. Na ocasião, o espaço apresentou uma gama de informações a respeito de livros que tinham sido lançados na época, como os de autoria de Helena Silveira, *Mulheres frequentemente*, e Albert Swchertzer, *Entre a terra e a água*. Obras que estavam prestes a ser lançadas foram também destacadas, como *História de minha infância*, de Gilberto Amado, e *O homem e a casa*, de José Lins do Rêgo.

Naquele ano de 1954, o *Jornal de São Caetano* abriu ainda espaço para Audísio de Alencar, promotor público em São Paulo, encaminhar resenhas a respeito de livros de autores conhecidos nacional e internacionalmente. Em seu primeiro texto, publicado na edição de 23 de outubro, Alencar discorreu sobre o aclamado *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos. Eis alguns trechos da análise feita pelo promotor: “Sob o aspecto jurídico é o mais completo documentário que a literatura nacional já ofereceu sobre o problema penitenciário [...] Livro grande, sincero, grito de uma consciência em prol de uma pátria, que por ele sempre foi estremecida”.<sup>16</sup> Os outros livros resenhados por Alencar, até pelo menos o primeiro semestre de 1955 (uma vez que a pesquisa junto ao *Jornal de São Caetano* teve como limite o ano de 1957), foram *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, *O quadro negro*, do jornalista Ernani

Satyre, *Madrugada sem Deus*, de Mário Donato, e *A cidade assassinada*, do jornalista Antônio Callado. A partir do segundo semestre de 1955, não foi encontrada nenhuma resenha de Alencar nas edições do jornal. Mas, por outro lado, ele também colaborava assinando a coluna *Fatos e Livros*, voltada para a divulgação, em notas curtas, dos principais acontecimentos e assuntos em voga na época, além de alusões a temas atinentes à literatura.

Na edição de 23 de dezembro de 1954, tal coluna registrou, dentre outros episódios de cunho literário, o lançamento de *Tempo de espera*, livro de contos de Ricardo Ramos, filho de Graciliano Ramos. Audísio Alencar, aproveitando o ensejo, protestou a respeito da ausência das autoridades no funeral de Oswald de Andrade, que, segundo ele, foi uma “ingratidão e das maiores. Colette, na França, foi levada à última morada pelo Presidente da República”.<sup>17</sup>

Em 7 de janeiro de 1956, o *Jornal de São Caetano* inaugurou a seção *Cantinho Romântico*, dando prosseguimento a uma orientação que vinha sendo seguida desde sua primeira edição: a de abrir a coluna *Sociais* com um texto poético. *Cantinho Romântico* abriu tal coluna, na ocasião, com um texto assinado por Rubens. Em 1957, na edição de 6 de abril, surgiu a seção *Gotículas Literárias*. No texto inaugural, Carl Heinz Weiss, seu idealizador e responsável, revelou a finalidade do espaço, por meio de um discurso que mostra o quanto a noção de cultura estava atrelada ao letramento, à erudição, desconsiderando experiências outras: “Esta minha coluna, estas gotículas literárias, não terão outra finalidade a não ser a de reunir em São Caetano, uma elite cultural digna e meritória, segura e positiva, disposta a não ser temerária, e a ter neste ideal um motivo de alegria, de satisfação, de júbilo intenso!”<sup>18</sup>

Em outro trecho de seu discurso, Weiss, ao falar de suas pretensões em relação à coluna,

elucidou as diretrizes que seriam estabelecidas em favor do seu desenvolvimento: “Tão somente desejo propiciar aos jovens sul-são-caetanenses, a difícil chance do escrever e, deste modo, exporem suas qualidades culturais, publicamente! *Gotículas Literárias* terá como base colaborações em prosa e poesia, que uma vez, rigorosamente selecionadas, serão publicadas com o nome de seu autor. Artigos, crônicas, pequeníssimos contos, comentários diversos e poesias ou outras matérias literárias, terão indubitavelmente, deste idealista, a mais sincera acolhida! Cumpre ainda frisar que os assuntos enviados à redação do *Journal de São Caetano*, aos cuidados desta secção, não admitirão feições políticas ou dogmáticas, estruturando-se em esquemas absolutamente neutros e imparciais.”<sup>19</sup>

O texto *Sagrado ídolo*, de autoria de Carlos Henrique Branco, foi a primeira colaboração encaminhada à coluna *Gotículas Literárias*. A publicação desse texto ocorreu na edição de 13 de abril de 1957. Além desse autor, a coluna contou também com outros colaboradores, como Ambrus Zóltan, R. Saldanha Marinho, Hélen Deustch, Jacy Aimeé, Joel Soares Guimarães e Hortência Rodrigues. A respeito desta última, o responsável pela seção assim se manifestou: “Foi, incontestavelmente, uma grande descoberta, que vem coincidir com a principal preocupação de *Gotículas Literárias*: Trazer à público a floriculosa da elite cultural desta cidade!”<sup>20</sup>

Ao enfatizar sempre o propósito da coluna, Carl Weiss deixava transparecer não apenas o pensamento do jornal do qual era colaborador, mas, sobretudo, a concepção predominante na própria sociedade urbana, que restringia a categoria cultura a somente uma faceta de seu amplo leque de acepções: o aspecto do letramento. Embora esta seja uma concepção restrita que ignora o dinamismo subjacente à cultura enquanto todo um modo de vida intrínseco aos processos

de constituição do social, os quais, no entender de Raymond Williams, compreendem as diversas experiências vividas pelos sujeitos em suas variadas relações históricas,<sup>21</sup> ela mostra-se importante para a compreensão dos mecanismos de poder então vigentes. Se a cultura era tomada, exclusivamente, pelo viés do letramento, da erudição ou da instrução formal, a ausência de tais elementos configurava o inculto, condição excludente e incompatível com os ditames inerentes à vida urbana, que prima, dentre outras questões, pelo refinamento intelectual.

Este artigo, mesmo não apontando todos os detalhes do caminho percorrido pelas colunas e espaços de difusão da literatura nos jornais abordados, trouxe à baila nomes de protagonistas da cena literária da cidade, entre as décadas de 1920 e 1980, além de ter revelado o quanto a imprensa estava (e ainda está) inserida nas engrenagens políticas, sociais e culturais do viver urbano, firmando-se como um dos mais eficazes instrumentos de sua dinâmica, validação e representação. (Cristina Toledo de Carvalho) **R**

## NOTAS

<sup>1</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: Educ, 2000, p. 23.

<sup>2</sup> Não foram encontradas as referências atinentes à edição em que tal texto foi publicado, mas sabe-se que o *Argus* circulou entre 1923 e 1924.

<sup>3</sup> Preciosa colaboração. *São Caetano Journal*, São Caetano, ano I, n. 27, sem paginação, 22 jul. 1928.

<sup>4</sup> Ricardo Fermiano Soares, na época de sua participação em concursos promovidos pelo Depec, era jornalista na Bloch Editores, além de componente do grupo Poetasia, a partir do qual publicou trabalhos em dois livros. Venceu o I Concurso de Poesias de França e foi finalista no I Concurso Nacional de Mini Contos de Guaxupé, MG, e terceiro colocado no Concurso de Poesia Falada da *Revista Escrita. Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VI, Edição Especial de Natal, p. 3, Caderno B, 26 e 27 dez. 1981.

<sup>5</sup> *Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano V, n. 237, p. 7, 10 e 11 jan. 1981.

<sup>6</sup> *Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VI, n. 279, p. 5, 24 e 25 out. 1981.

<sup>7</sup> *Diário do Grande ABC*, 27 ago. 1982.

<sup>8</sup> *Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 357, p. 5, 2 e 3 abr. 1983.

<sup>9</sup> *Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 368, p. 7, 18 e 19 jun. 1983.

<sup>10</sup> *Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VI, n. 263, p. 5, 4 e 5 jul. 1981.

<sup>11</sup> *Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano V, n. 247, p. 5, 14 e 15 mar. 1981.

<sup>12</sup> Dentre tantas outras edições dos eventos literários promovidos pelo Depec, mereceu a atenção da *Folha de São Caetano* a relativa ao concurso de contos do ano de 1982. Em sua oitava versão, conforme divulgado pelo jornal, teve como vencedor Rogério Prandini, com o conto *Entre duas vias*. Ricardo Fermiano Soares, um dos personagens da polémica instaurada após a realização da edição anterior do concurso, garantiu também presença nessa edição, classificando-se em 11º lugar, com o título *Seis reflexões em torno do espelho*. *Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 329, p. 9, 18 e 19 set. 1982.

<sup>13</sup> CAMPOS, Calazans de. *Homens, Fatos, Ideias*. In: *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano V, n. 159, 1ª página, 9 dez. 1950.

<sup>14</sup> *Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano I, n. 6, p. 2, 20 out. 1946.

<sup>15</sup> *Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano I, n. 21, p. 4, 8 jun. 1947.

<sup>16</sup> ALENCAR, Audísio de. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 468, p. 4, 23 out. 1954.

<sup>17</sup> ALENCAR, Audísio de. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 484, p. 8, 1º Caderno, 23 dez. 1954.

<sup>18</sup> WEISS, Carl Heinz. *Gotículas Literárias*. In: *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XI, n. 646, p. 2, 6 abr. 1957.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> WEISS, Carl Heinz. *Gotículas Literárias*. In: *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XI, n. 654, p. 3, 1 jun. 1957.

<sup>21</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 19.

## Celso de Almeida Cini



Academia de Letras da Grande São Paulo

Posse do acadêmico Humberto Domingos Pastore, em 31 de março de 2011. Em primeiro plano, a partir da esquerda, João Bosco dos Santos, Maria Zulema Cebrián, Marina Rolim, Maria do Céu Formiga de Oliveira, Prof. João Rodrigues, Gioconda Labecca, Humberto Domingos Pastore, José Roberto Espíndola Xavier, Celso de Almeida Cini e José Ramos Vitorino. Em segundo plano, a partir da esquerda, Mário Dal'Mas, Mário Porfírio Rodrigues, Carmen Lúcia Hussein, Eva Bueno Marques, Antônio Roberto de Carvalho, Hildebrando Pafundi, José Júlio Fernandes e Mário Del Rey

# A ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO

**P**artindo do pressuposto de que arte é representação de intuição humana, expressa por meio de palavras, linhas, cores, sons, movimento e massa, desde que sejamos capazes de expressar nossa intuição por um desses meios, faremos arte. Intuir é um modo pessoal de ver fatos materiais ou espirituais, ou seja, é ver aqueles fatos segundo a nossa capacidade de apreendê-los e de compreendê-los. Duas pessoas diante de um mesmo fato material, intuem-no de modo diverso. A minha descrição de um amanhecer nunca será igual à de outro escritor.

Compreendido isto, intuir é, assim, *conformar e deformar*, este no sentido estético, isto é, mudar de forma e não no sentido pejorativo de tornar feio. Dentro desse conceito, arte literária

é, verdadeiramente, a ficção, a criação de uma suprarrealidade com os dados profundos, singulares e pessoais do artista. Então, poesia e prosa (em romance, conto, novela, crônica) são obras de arte. E, por extensão, os textos de oratória, ensaio, crítica e crônica jornalística são considerados literatura também, porque oradores, ensaístas, críticos de arte e cronistas de jornal recriam a vida segundo seu modo de vê-la. A ficção tem um sentido que transcende a realidade, mas não de drama de imaginação.<sup>1</sup>

**A Academia de Letras da Grande São Paulo** – Com sede em São Caetano do Sul, uma das instituições que se dedica objetivamente à literatura como arte é, exatamente, a Academia de Letras da Grande São Paulo (Algrasp), da qual participo como membro há 19 anos, tendo ingressado em 26 de maio de 1994.

Sempre amei os eventos do sodalício e a eles dediquei parte preciosa do meu tempo. A convivência intelectual com os acadêmicos me fez bem ao espírito. Neste período, realizei palestras literárias na Academia e em outras entidades, participei, com outros confrades, da reforma do novo estatuto da entidade e da criação de seu re-

gimento interno. Além disso, prestei minha colaboração literária em todos os números da revista *Tamises*, editada pela Algrasp e cujo objetivo sublinho mais adiante. Participei, ainda, do preparo e do julgamento de concursos literários, lecionei no curso de literatura organizado pela entidade, que publicou uma coletânea das aulas, sob o título de *Curso de Literatura/1999*, preparei textos destinados à publicação em jornais e publiquei um ensaio sobre Machado de Assis baseado em palestra que proferi no Colégio Pueri Domus, em São Caetano do Sul, no dia 29 de outubro de 1998. Por ocasião do falecimento de acadêmicos, prestei, com outros confrades, a homenagem fúnebre habitual da Academia (algumas publicadas na quinta edição da *Tamises*).

A publicação da crônica de memórias intitulada *Bons Tempos de S. André dos anos 40 e 50 e a Presença do professor Nicola Tortorelli*, publicada na *Tamises* nº2 e na revista *Raízes* 23, de julho de 2001, valeu-nos um voto de congratulação e homenagem ao acadêmico e professor Nicola Tortorelli que, em 1947, fora eleito vereador em Santo André. O pronunciamento da Câmara Municipal de Santo André constou de ofício dirigido a mim, autor, à Academia e à Fundação Pró-Memória. A carta veio assinada pelo presidente da Câmara, Carlinhos Augusto, pela vereadora Dinah Zecker e por todos os edis andreenses, presentes na sessão solene realizada em 16 de outubro de 2001.

Essas atividades tornaram-se parte importante das parcas alegrias da minha vida, como viajante da existência, na ânsia da busca inútil do tempo longínquo da juventude que há muito se foi e não voltará jamais! A Academia é casa de pensamentos e de trabalhos inovadores. Ah! Se fosse possível retroceder no tempo... Bem, isso sempre será possível na ficção literária, da qual poderemos, nós, literatos, lançar mão, quando pudermos divulgar nossas obras, lançadas por vezes à gaveta do esquecimento pelas dificuldades

financeiras da publicação. Particularmente, tenho vários inéditos... Creio que todos os acadêmicos os têm também, aguardando a oportunidade de ouro da divulgação.

**Fundação e finalidades** - Uma entidade de caráter absolutamente cultural, a Algrasp, sigla pela qual é também conhecida, é pessoa jurídica de direito privado, sem vínculo político ou religioso e sem objetivos econômicos. Suas finalidades são: a) cultivar a língua portuguesa e sua história; b) incentivar a criação literária, aí inclusa a poesia, em todas as suas formas; c) promover e disseminar o conhecimento de obras literárias consagradas, em poesia e prosa, de expressivo valor artístico; d) realizar e apoiar eventos e concursos literários de caráter privado ou oficial, com ou sem patrocínios; e) promover e incentivar a criação e a organização de bibliotecas, palestras e conferências ligadas às suas finalidades (também nas escolas) e, ainda, e) enaltecer a figura dos que contribuíram para o patrimônio cultural e artístico do país com obras de expressivo valor. “É importante para a casa do pensamento divulgar e difundir o espírito acadêmico, contribuindo para o conhecimento e a difusão da arte literária.”

A Academia de Letras da Grande São Paulo está hoje sediada em São Caetano do Sul, no Complexo Educacional do Ensino Fundamental, localizado na Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255, no Bairro Santa Paula. Mas, nem sempre foi assim. Na verdade, a Algrasp nasceu em São Bernardo do Campo, em 11 de agosto de 1981, como concretização de um sonho do saudoso poeta e escritor Rinaldo Hindemburgo Gissoni. Inicialmente, ele se reunia com literatos e intelectuais, como Walker da Costa Barbosa, Jefferson Gonçalves Gonzaga, Luiz Máximo de Souza e outros, em uma biblioteca recém-criada em São Bernardo do Campo e ali idealizaram a fundação da Academia.



**Mudanças de domicílio** – No começo, os intelectuais decidiram aprovar um esboço de estatuto elaborado por Gissoni. Posteriormente, com a presença de vários interessados, realizou-se a assembleia geral de fundação da Academia em 11 de agosto de 1981. Ainda o sodalício não tinha sede própria (e ainda não tem). Funcionava na biblioteca, enquanto domiciliada em São Bernardo do Campo. Mais tarde, em 23 de agosto de 1988, Rinaldo Gissoni fez contatos com o então prefeito de São Caetano do Sul, Hermógenes Walter Braido, que destinou um espaço para a Algrasp em dependências anexas à Biblioteca Municipal Paul Harris, junto do Terminal Rodoviário Nicolau Delic.

Em 1990, durante o primeiro mandato do prefeito Luiz Olinto Tortorello, o decreto 6.266, de 26 de abril, cedia à entidade uma sala no mezanino do Teatro Santos Dumont, na Av. Goiás, nº 1.111. Nessa ocasião, o governo municipal decidiu mobiliar adequadamente a sede da Academia de Letras, encarregando a acadêmica Eva Bueno Marques de cuidar de tudo. A festividade da posse e instalação na nova sala, realizada em 26 de abril, revestiu-se de muito brilho e grande público.

No ano seguinte, a vereadora Yolanda Ascencio (também poeta, escritora, professora e membro da Academia de Letras) propôs projeto que se tornou decreto do Executivo nº 6.260, de 23 de abril de 1991, instituindo a Academia de Letras como entidade de utilidade pública. Criada nos moldes da Academia Brasileira de Letras (ABL), contava com 40 cadeiras, cujos patronos foram adrede escolhidos pelos primeiros membros diretores, com nomes importantes de literatos brasileiros. Alguns, porém, mais tarde, tiveram seus nomes sugeridos por novos acadêmicos, quando tomaram posse nas vagas a eles destinadas.

**Atividades e sua divulgação ao público** - Evidente que uma entidade como a Academia de Letras representa importante e justo motivo de orgulho para a cidade e a engrandece culturalmente, por isso, ainda hoje o município a mantém com sede em prédio público. Afinal, trata-se de reunir na cidade intelectuais e pensadores, amantes da cultura literária, autores de obras publicadas, ou ainda inéditas, e que se ocupam também em realizar palestras culturais, concursos literários para revelar talentos e valores intelectuais jovens da localidade.

A entidade vem desenvolvendo esforços nesse senti-



Aprovada Academia de Letras de São Caetano do Sul

A presidente Gioconda Labecca no lançamento da décima edição da revista *Tamises*, em 18 de dezembro de 2012, durante o jantar de confraternização da Academia de Letras da Grande São Paulo, realizado no restaurante Don Pepe Di Napoli

do objetivando enriquecer a vida cultural de São Caetano com novas publicações e concursos de poesia e literatura. É intenso, também, o intercâmbio cultural da Algrasp com outras academias do país, além da manutenção, há 13 anos, da publicação de coletânea anual com distribuição gratuita, que divulga artigos literários dos acadêmicos, sob o título de *Tamises*. A Algrasp não faz e nem pretende manter concorrência com outras entidades similares. Pelo contrário, incentiva, aplaude e apoia iniciativas culturais sérias de entidades dedicadas à arte literária, como, por exemplo, a Academia Popular de Letras, ligada à Biblioteca Municipal Paul Harris. Pensamos, particularmente, que quaisquer iniciativas que objetivem incrementar o interesse pela leitura, divulgação e criação literária, são sempre bem-vindas, especialmente quando o incentivo vem promover e facilitar aos

interessados o contato frequente com os livros do acervo da biblioteca. É assim que nasce um escritor. Lendo, e lendo muito!

Entre 1990 e 2001, a Algrasp ocupou o mezanino do Teatro Santos Dumont. A partir de 2002, porém, o edifício teve de ser desocupado para reformas. Provisoriamente, o acervo da biblioteca e a galeria com quadros de fotos dos acadêmicos da entidade foram confiados aos cuidados do Instituto Municipal de Ensino Superior (atual Universidade Municipal de São Caetano do Sul - Uscs), que também passava por melhorias na época. Infelizmente, todos os quadros foram destruídos ou se perderam, juntamente com o acervo da biblioteca, patrimônio esse que já era considerado histórico para a Academia e para o próprio município de São Caetano do Sul.

Com novo mobiliário, foi então transferida para a sala atual, quando recebeu novos livros adquiridos pela municipalidade, para substituir a biblioteca perdida. A nova sede foi inaugurada pela diretoria, em evento solene, no dia 10 de outubro de 2002, com discurso proferido pelo acadêmico e secretário-geral professor Nicola Tortorelli. Infelizmente, no final de outubro, menos de 20 dias após a inauguração, ocorreu o falecimento de Tortorelli. O antigo e querido mestre de primeiras letras e diretor da Algrasp havia completado 89 anos em setembro daquele ano. Uma perda irreparável! Nascido em Caconde (interior de São Paulo), em 13 de setembro de 1913, foi amigo e companheiro de Guilherme de Almeida, paulistano, acadêmico da ABL e ali conhecido como Príncipe dos Poetas Brasileiros. Almeida é patrono da cadeira 03 da Algrasp que foi ocupada por Nicola Tortorelli.

**A lembrança das cadeiras vazias** - Por volta do ano 2000, praticamente todas as 40 cadeiras estavam ocupadas por acadêmicos. Nesse ano ocorreu o lançamento da primeira edição da *Tamises*, reu-

nindo vários artigos literários. Em correspondência de 2007, o presidente Gissoni informava que 57 membros efetivos haviam passado pela Academia até aquele ano, 25 óbitos ocorreram e 15 ocupantes haviam renunciado ao múnus acadêmico. Houve posses, mas mantinham-se 19 cadeiras vagas, 17 acadêmicos ativos e quatro inativos, por problemas de saúde. Isso, naturalmente, causou um esvaziamento nas reuniões da Academia.

Muitos dos encontros contaram com a presença do então prefeito Luiz Olinto Tortorello. Certo dia, num evento com a Academia quase vazia, o chefe do Executivo fez um gracejo para o presidente Gissoni, dizendo-lhe, à parte: “Gissoni, sois um burro carregando uma carroça vazia!”. Evidente que foi apenas uma brincadeira entre dois amigos, agora já falecidos. Mas, como diziam os romanos *Ridendo castigat mores* (Brincando, se dizem as verdades), Gissoni entendeu e aceitou a brincadeira. Porém, bom poeta que era, tomou o mote e respondeu em versos de redondilha maior, até aqui inéditos, que agora tomo a liberdade de publicar, postumamente, como homenagem à maestria do poeta Rinaldo Gissoni, esse talento brilhante e sério, que sobreviverá para sempre em suas várias obras literárias publicadas.



Rinaldo Gissoni durante a cerimônia de inauguração da sede atual da Academia de Letras da Grande São Paulo, no prédio do Complexo Educacional do Ensino Fundamental

## A Carga da Carroça

Eis que disse o Prefeito  
quando me viu, certo dia  
Sois um burro – com efeito! –  
de uma carroça vazia!

Senti-me um tanto atingido  
pela crítica bem posta;  
e, de fato, constringido,  
dei-lhe bem certa a resposta:

Sou burro velho, fadado  
para arrastar noite e dia,  
este meu fardo pesado,  
mas a carroça vazia...

Sob uma chuva de troça  
que desaba sobre mim,  
vou arrastando a carroça  
nas estradas do sem fim.

Minha carroça parou  
bem no meio do caminho  
rodou tanto, e se quebrou  
o frágil eixo de pinho.

Com o eixo consertado  
da minha velha carroça,  
hei de levar pelo prado  
a carga da minha roça!

Minha roça é um barato,  
tem o mais belo pomar.  
tudo vejo, tudo cato  
que se possa carroçar!...

Oh! se eu pudesse, contente,  
ter a carroça completa  
do calor da minha gente  
e dos sonhos de um poeta!

RINALDO GISSONI

**Rinaldo Gissoni** - Em verdade, desde a fundação da Algrasp, em 1981, Rinaldo H. Gissoni, sempre foi seu presidente. Quando completou 91 anos, enviou uma carta, datada de 13 de agosto de 2007, ao acadêmico e poeta Cláudio Rogério Braco (tesoureiro), pedindo-lhe que comunicasse à diretoria que deixaria a Academia em 23 de agosto de 2007, o que não chegou a acontecer. Ele se manteve no cargo até o final de 2008, embora adoentado. No biênio 2009/2010, Gissoni figurou como vice-presidente, elegendo-se presidente a excelente e laboriosa poeta Gioconda Labecca.

Com a saúde renal comprometida, Gissoni foi internado no Hospital Brasil, em Santo André, em fins de outubro de 2010. Fora casado com Antonieta Putini, falecida em 2009. O casal teve sete filhos. Mas a perda da esposa, companheira de 63 anos de casamento agravou os males do viúvo. Rinaldo Gissoni faleceu em 6 de novembro de 2010. A Academia, entristecida, prestou-lhe as homenagens fúnebres. Houve depois tributos póstumos com a presença dos filhos e filhas do extinto e o lançamento da obra *Além das Trevas* (contos), em 2011.

Dotado de notável inteligência, talento versátil e dedicado amor fiel à literatura com invejável capacidade artística, produziu extensa obra da qual constam os títulos: *Dimensões Humanas* (contos - 1976), *Brumas* (poesia - 1981), *Pedestal Inacabado* (romance - 1983), *Mistérios da Montanha* (contos - 1989), *O Enigma de Rosângela* (novela - 1993), *Irisações Finais* (poesia - 2000), *Braços Abertos* (romance - 2006) e *O Elemento RAM* (Random Access Memory – romance policial - 2007).

Entre suas obras inéditas podemos citar: *Análise Crítica de Caetés* (ensaio), *Razão e Sentimento* (oratória) e *Memórias Sem Retoques*. Obras teatrais inéditas também constam em sua produção: *Os Caramelos de Amélia*, *O Caleidoscópio*, *O Cofre de Ilusões* e *A Casa de Max Jacob*. Notável como poeta, sempre soube cultivar com maestria os sonetos, muitos dos quais impecáveis, perfeitos na métrica e muito inspirados no conteúdo.

Como presidente da Algrasp, foi sempre um líder e lutador incansável no incentivo de novos talentos, pois queria ver a Academia de Letras colocada em lugar digno. De caráter íntegro, soube cultivar “o bem e o belo” (lema da entidade), dando inúmeros exemplos de grandeza como poeta e escritor, líder e administrador correto e honrado. Severo com todas as atitudes de desgoverno moral, foi sempre muito lúcido em toda a sua longevidade. Foi varão reto, cristão fiel, dedicado esposo e pai de família.

De espírito lúcido e versátil, tinha vários diplomas universitários. Era formado em medicina veterinária, farmácia, direito e técnico em arquitetura. Contava 93 anos quando faleceu. Nasceu em São Paulo, no Bairro do Belenzinho, em 15 de abril de 1916, e veio para Santo André em 1952. Como médico veterinário, foi funcionário público federal do Ministério da Agricultura, no abatedouro do Frigorífico Swift, em Utinga, na cidade do Grande ABC. Já em 1963 foi membro fundador da extinta Academia de Letras da Região do ABC. Gissoni figura hoje na Enciclopédia da Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa (2001). Tais créditos literários confirmam seus méritos.

**Diretoria da Algrasp e alteração do patrono da cadeira nº 09** - Em nova eleição no biênio 2008/2009, elegeu-se a diretoria com Gioconda Labecca (presidente), Rinaldo H. Gissoni (vice-presidente), Celso de Almeida Cini (secretário), Cláudio Rogério Braco (tesoureiro) e Eva Bueno Marques (bibliotecária). A diretoria eleita para o biênio 2010/2011 ficou assim constituída: Gioconda Labecca (presidente), José Roberto Espíndola Xavier (vice-presidente), Celso de Almeida Cini (secretário) e Eva Bueno Marques (bibliotecária). Essa diretoria foi reeleita para o biênio 2012/2013.

Por sugestão acadêmica, o nome do presidente falecido passou a figurar como patrono da cadeira nº 09, justa homenagem a Rinaldo Gissoni, idealizador, fundador da Algrasp e seu presidente e líder cultural e administrativo por mais de três décadas.

**Quadro social atual** – Damos, a seguir, a composição do quadro social atualizado da Academia de Letras da Grande São Paulo, com números e nomes dos patronos e dos acadêmicos, ocupantes atuais das cadeiras do sodalício, na sequência, o que encerra nosso trabalho sobre parte da literatura em São Caetano do Sul.

- 01 - Gustavo Teixeira: Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
- 02 - Olavo Bilac: Flávio Ferreira de Melo
- 03 - Guilherme de Almeida: Maria Zulema Cebrián Leite
- 04 - Rui Barbosa: Agnaldo L. Sacramento
- 05 - Lima Barreto: Milton Bigucci
- 06 - Machado de Assis: vaga
- 07 - Raul de Leoni: vaga
- 08 - Monteiro Lobato: Mário Porfírio Rodrigues
- 09 - Rinaldo Gissoni: vaga
- 10 - José de Anchieta: padre Jordélio Siles Ledo
- 11 - Rocha Pombo: José Gonçalves Salvador
- 12 - Herculano Pires: vaga
- 13 - Alberto Torres: Mário Da' Mas
- 14 - Álvares de Azevedo: José Bueno Lima
- 15 - Martins Fontes: Marina Pacheco Rolim
- 16 - Euclides da Cunha: vaga
- 17 - José de Alencar: vaga
- 18 - Judas Isgorogota: vaga
- 19 - D. Aquino Correa: Humberto Domingos Pastore
- 20 - Mário de Andrade: Mário Del Rey
- 21 - José Lins do Rego: Hildebrando Pafundi
- 22 - Castro Alves: José Júlio Fernandes
- 23 - Tristão de Athayde: vaga
- 24 - Alberto de Oliveira: José Roberto Espíndola Xavier
- 25 - Vinícius de Moraes: Simone Alves Pedersen
- 26 - Cecília Meireles: Eva Bueno Marques
- 27 - Jorge Andrade: Luiz Carlos Bastos de Oliveira
- 28 - Catulo da Paixão Cearense: João Bosco dos Santos
- 29 - Humberto de Campos: Antonio Roberto de Carvalho
- 30 - Augusto dos Anjos: Gioconda Labecca
- 31 - Gonçalves Dias: Domingo Glenir Santarneckchi
- 32 - Manuel Bandeira: Cláudio Rogério Braco
- 33 - Amadeu Amaral: José Ramos Vitorino
- 34 - Carlos Drummond de Andrade: Daniel Belucci Contro
- 35 - Plínio Salgado: Zoroastro P. Ferreira
- 36 - Cora Coralina: Silmara R. Casadei
- 37 - Afonso Schmidt: Celso de Almeida Cini
- 38 - Mário Quintana: Maria do Céu Formiga de Oliveira
- 39 - Casemiro de Abreu: vaga
- 40 - Guimarães Rosa: Paulo de Sousa Ramos

Esclarecemos aos leitores que deveremos retornar ao tema, posteriormente, divulgando as obras publicadas de cada acadêmico, inclusive as dos falecidos, não constantes da presente lista, o que deverá ocorrer, oportunamente, na própria Academia de Letras da Grande São Paulo. **R**

#### NOTAS

<sup>1</sup> Conforme ensinamentos do professor catedrático de literatura da Universidade de São Paulo Antonio Soares Amora (in *Teoria da Literatura*. São Paulo: Editora Clássica, 1944).

#### CELSONO DE ALMEIDA CINI

É ESCRITOR, MEMORIALISTA, ADVOGADO E MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO.

Katia Gomes



Acervo/Biblioteca Municipal Paul Harris

Encontro da Academia Popular de Letras, realizado em 3 de abril de 2009

## A ACADEMIA POPULAR DE LETRAS

UM MOVIMENTO LITERÁRIO MODERNO

“Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste: Sou poeta.”

Cecília Meireles

Quem ama a literatura sabe que, como sementes, os poemas, contos e obras em geral precisam ser devidamente regados para germinar. A Academia Popular de Letras tem sido terra fértil e bem cuidada desde o ano de 2005 para todos aqueles que alimentam o sonho de escrever. Sim, para os amantes das letras não basta ler, é preciso escrever, e não apenas isso, são necessários ainda coragem e incentivo para revelar seus textos e ter, efetivamente, leitores.

Escrever não é tarefa fácil, quem o faz não se preocupa apenas com “o que” diz, mas também com “como” o faz, o que traz a necessidade de grande dose de atenção e conhecimento ao exercê-la. Talvez por este motivo, muitas pessoas escrevem e não se permitem ter “leitores”. Falta-lhes possivelmente: coragem.

Foto tirada em 13 de abril de 2013. De baixo para cima, a partir da esquerda: Rosana Banharoli, José Ramos Vitorino, Nilton Jorge Vetorazzi, Ana Maria Guimarães Rocha, Filomena Novi, Edna Kalil, Lumi Toyoda, Rita de Cássia Ricci, Maria Laurentino, Tina Simão, Rubens Cavalcanti, João Pedro Albuquerque Oliveira, Aristides Theodoro, Katia Gomes, Lygia Unguretti Paleo Konno, Eliete Maria, Maria de Lourdes Chessa, Isdemulo Perandin, Vilma Joana Leão, Maria Terezinha Rogatto Dorazio, Justina Forcelli, Anderson Reis, Elisabeth Cacalano, Vander Luiz, Eduardo Raciúnas, Rosália Rosa Burba, Glenir Santarneckchi, Alirio Villas Boas, Márcia Gallo, Claudio Feldman, Larissa Souza Luz, Hildebrando Pafundi, Marcelo Smeets, Marice Palmyra Cordeiro, Iracema M. Régis, Sérgio Augusto Alonso Ballaminut, Regine Wilston, Kiyoshi Ikeda, Paulo Sérgio Garcia, Rodrigo Feitosa, Marcos Massolini, Aroldo Miguel e Francisco Nascimento



Muitos chegaram às primeiras reuniões timidamente, alegando apenas curiosidade e, com o passar do tempo, revelaram-se grandes escritores, surpreendendo todos com textos encantadores. Na Academia Popular de Letras as pessoas sempre foram muito bem acolhidas e respeitadas. A diversidade é imensa: pessoas com diferentes escolaridades, profissões, idades, experiências, todos juntos trocando ideias e partilhando sentimentos, que se transformam em textos, versos e poemas. Dessa forma o grupo foi crescendo, as pessoas criando laços, tornando-se amigas, sem jamais deixar de acolher e incentivar um membro recém-chegado.

A Biblioteca Municipal Paul Harris sempre abrigou o grupo, promovendo encontros, pa-

lestras e debates, dando espaço a inúmeros lançamentos de livros e sempre divulgando as atividades da Academia. E foi assim, por meio desses eventos e do belíssimo trabalho realizado, que conheci o grupo. Isso aconteceu há muito tempo, nos idos do ano de 2005, quando visitei a biblioteca, acompanhando um grupo de alunos a uma palestra.

Naquele dia, conheci Ana Maria Guimarães Rocha, responsável pelo sistema de bibliotecas de São Caetano do Sul e presidente da Academia Popular de Letras. Ela comentou sobre o nascente grupo de escritores e convidou-me a fazer uma visita na reunião seguinte. E então, chegou o dia, eu estava lá, em meio a tantas pessoas ilustres e inteligentes, que alimentavam um sonho comum: escrever.

Alguns já possuíam livros publicados, outros haviam se destacado em concursos com trabalhos que integravam coletâneas, outros ainda cultivavam o aprendizado e a coragem para escrever seus próprios textos. Mas o que todos tinham em comum eram a simpatia e a receptividade, proporcionando um ambiente agradável de convívio fácil e de incentivo à literatura e cultura em geral.

Foi imediato o sentimento de gostar do grupo e sentir-me em casa, partilhar o sonho, encontrar incentivo. Parecia-me impossível a existência de um grupo assim. Eu, que sempre amei a literatura, teria enfim encontrado o meu lugar?

Tenho certeza de que muitos membros da Academia fariam suas minhas palavras, pois jamais conheci outro grupo com tais objetivos, que oferecesse às pessoas comuns uma voz na literatura, efetivamente um “lugar ao sol”.

A idealização do grupo deu-se no início do ano de 2005, quando a então Diretoria de Cultura de São Caetano do Sul realizou um censo cultural municipal, que tinha por objetivo registrar a produção literária e artística daquele momento com o intuito de preservar, conhecer e divulgar novos talentos, bem como criar atividades que proporcionassem a interação dos escritores.

As reuniões aconteciam quinzenalmente. A primeira foi um sucesso e contou com a presença de cerca de 120 pessoas, vindas de várias cidades da região, todas apaixonadas por literatura e cultura em geral. O nome Academia Popular de Letras foi sugerido por José Ramos Vitorino, conhecido professor e escritor de São Caetano do Sul, membro atuante, que hoje integra também a Academia de Letras da Grande São Paulo, e escolhido democraticamente por meio de votação.

A Academia hoje conta com cerca de 1.500 membros e atua muito além de seus objetivos iniciais. Realiza diversas ações como saraus, oficinas, lançamentos de livros, palestras e exposições, e projetos como Contação de Histórias,



Arquivo/Aristides Theodoro

Hora da Poesia, Tarde/Noite de Autógrafos, Viagem Literária, Porque Eu Gosto, Turismo/Caravana Literária, Chá Literário, entre outros, além de receber escritores premiados e consagrados em atividades diversas que objetivam incentivar e descobrir novos talentos.

Os escritores da Academia Popular de Letras foram autores de duas antologias. A primeira, lançada em maio de 2007, na Biblioteca Paul Harris, reuniu dez escritores e intitula-se *Cúmplices da Poesia*, a segunda, chamada *De Maria a José: histórias de pessoas comuns que fizeram de São Caetano o que é hoje*, foi lançada em 15 de fevereiro de 2012, no Teatro Municipal Santos Dumont, e apresenta crônicas que traçam o perfil do nosso povo, resgatando pessoas, histórias e o amor pela cidade.

Atualmente a Academia mantém cerca de três encontros mensais e, entre outras atividades, presta esclarecimentos quanto ao mercado editorial para que os jovens (ou nem tão jovens) escritores possam concretizar o sonho do primeiro livro e embarcar para uma nova jornada. **R**

Foto tirada por ocasião do Chá Literário da Academia Popular de Letras em 2010. A partir da esquerda, Décio Drummond (escritor de São Paulo), Iracema M. Régis (escritora de Mauá), Ana Maria Guimarães Rocha e Aristides Theodoro (escritor de Mauá). O Chá Literário integra a programação de eventos da Academia

#### KATIA GOMES

É LICENCIADA EM LÍNGUA PORTUGUESA/INGLESA E PÓS-GRADUADA EM LITERATURA BRASILEIRA. É MEMBRO DA ACADEMIA POPULAR DE LETRAS E DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

João Tarcísio Mariani



# POR UMA CABEÇA,

**E**m tempos de papa argentino, *por supuesto*, ou nada mais justo do que colocar o tango em evidência. Uma das mais célebres composições dessa variedade musical foi e continua sendo *Por una cabeza*, que anos atrás foi destaque no filme *Perfume de Mulher* e, como todo tango que se preza, foi composto por Carlos Gardel e Alfredo Le Pera. Por ironia do destino, ambos não eram argentinos: Gardel era francês ou uruguaio (há controvérsias) e Le Pera era brasileiro e paulistano (legítimo). E o que o papa, o tango e seus autores têm a ver com nossa crônica? Por enquanto somente o título.

A cidade de São Caetano do Sul, onde nos orgulhamos de ter nascido, como qualquer município digno, tem sua história e suas estórias. A gente sempre pode torná-las mais formidáveis, ou até mesmo menos interessantes do que realmente foram, mas o que não podemos jamais é deixá-las cair no esquecimento e não registrá-las.

Como temos feito em edições recentes de *Raízes*, estamos dedicando nossas crônicas ao tema principal da revista, ou seja, ao assunto “em foco”, que nesta edição está centrado na literatura de nossa cidade. E falando sobre o tema

na localidade, dentre tantos expoentes que merecem destaque, nós decidimos, por nossa conta e risco, escolher um que, além de nascido aqui, sempre foi apaixonado pelo município, sem demérito para todas as outras ilustres personalidades literárias locais, tanto as que foram evidenciadas nesta edição da revista quanto as figuras que constam meritoriamente dos anais da história da literatura sul-são-caetanense.

Antes de tudo, vamos enfatizar que é prerrogativa fundamental que uma cidade como São Caetano tivesse alguns filhos ilustres capazes de, além de todas as atividades que sempre exerceram na vida pessoal e profissional, serem competentes para arrumar tempo e muita, mas muita, dedicação na tarefa árdua de resgatar e compilar a memória das pessoas, fatos, locais e épocas que contribuíram para a história desta nossa querida urbe.

A nossa vontade era enaltecer aspecto por aspecto, cada um dos episódios e cada uma das iniciativas que essa “cabeça”, por nós escolhida, aqui focalizada e enalticida, promoveu em favor dos registros históricos de São Caetano. Infelizmente o espaço limita a descrição, tantas foram essas iniciativas, mas felizmente não diminui o brilho das ideias e das realizações assi-



naláveis que a “cabeça” homenageada criou.

Quando se enaltece alguém, reconhecendo nessa pessoa um senso apurado de hierarquia de valores na vida, é comum se dizer que isso foi alcançado, em síntese, graças ao “berço”. Então, começaremos dizendo que o homenageado, além da boa cepa de família, teve sua origem cursando o então primário na Escola Paroquial São José (atual Instituto Sagrada Família), onde usufruiu do privilégio de ter como sua professora ninguém mais, ninguém menos que a autônoma e vereadora Olga Montanari de Mello. Obviamente, ela deve ter ajudado a “cabeça” do menino a sonhar com ideais elevados para a vida cultural de São Caetano. Depois, ele cursou o secundário no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, do não menos saudosos e digno professor Vicente Bastos. Para completar o panorama perfeito do berço de infância e adolescência,

registra-se seu início na área de trabalho, como *office-boy* da indústria que, naquele tempo, era a mais moderna do seu setor no Brasil: a Cerâmica São Caetano. Uma autêntica escola profissional, pois a empresa estava em evidência, dirigida pelos filhos do engenheiro Roberto Cochrane Simonsen (falecido na época), e reconhecida pela prática da mais avançada política social.

Porém, como estamos muito mais interessados na vivência a serviço de nossa cidade, para nós a trajetória de suas iniciativas começou em 1957, quando foi editado o seu primeiro livro: *São Caetano do Sul em IV Séculos de História*, sob os auspícios do Rotary Club de São Caetano, tendo como padrinhos Mário Porfírio Rodrigues e Urames Pires dos Santos. Esta informação permite a muitos reconhecerem quem é a “cabeça” em foco.

Prosseguindo, em 1959, ele deu à luz a ideia de um museu e criou as condições necessárias para que esse sonho se tornasse realidade,

desde a definição do local, a formação do acervo e, finalmente, a efetiva participação na instalação do Museu Municipal de São Caetano, do qual foi o primeiro diretor.

No Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura de São Caetano, no início da década de 1990, com algu-

mas outras excelentes cabeças, fez parte, desde o início do projeto até a definição, do importante conselho de curadores que delineou os rumos de uma instituição. Essa “cabeça”, com muito empenho, contribuiu decisiva e criativamente para desenvolver a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul naquilo que era fundamental para que hoje pudéssemos continuar a colher os



frutos daquela marcante iniciativa e primoroso trabalho.

Como assinalamos desde o início, a nossa homenagem é dirigida a uma “cabeça” que ajudou decisivamente a construir o acervo da memória desta cidade e à qual devemos a introdução às iniciativas que visaram resgatar e preservar a nossa história, despertar a admiração e o respeito por São Caetano e conduzir ao aprendizado dos valores registrados e escritos do município. Felizmente, continua sendo uma vida dedicada, com empenho, a tudo o que contribui para que as gerações futuras tenham a possibilidade de entender e reviver os pormenores e as emoções que cercaram a épica trajetória, desde a Fazenda de São Caetano do Tijucuçu dos monges beneditinos até a São Caetano de nossos dias.

E não bastaria apenas ter uma cabeça boa, inteligente e devotada, seria necessário muito mais do que isso: amor ao belo (contar a história com arte), espírito cívico (característica quase em extinção) e respeito ao patrimônio público (virtude ausente em boa parte dos nossos políticos). Sem esses requintes seria impossível construir um acervo aceitável, digno e permanente da memória de uma cidade.

Enfim, a “cabeça” que reúne todas essas virtudes e, por isso, hoje aqui homenageada é o professor emérito, graduado em ciências sociais, com mestrado e doutorado em sociologia, escritor e fotógrafo consagrado, JOSÉ DE SOUZA MARTINS.

E, por falar em escritor e no foco literatura, é bom que se assinale a vasta, variada e magnífica obra escrita que o consagrou no Brasil e no mundo, na qual muitos dos seus livros colocam São Caetano em evidência. Como se

não bastasse a elevada qualidade de todo o seu trabalho literário, ainda é preciso ressaltar a impressionante dimensão de sua obra, que se compõe de: 40 livros/edições, mais de 100 pesquisas e produções e cerca de 500 textos para jornais e revistas publicados, além de 14 prêmios e títulos recebidos.

Dentre seus livros, destacamos apenas alguns, essenciais por suas manifestas referências e ligações com a cidade. São eles: *Imigração e a crise do Brasil agrário* (1973), *Subúrbio* (1992), *O Imaginário na Imigração Italiana* (editado pela Fundação Pró-Memória em 2003), *A Aparição do Demônio na Fábrica* (2008) e *Uma Arqueologia da Memória Social – Autobiografia de um moleque de fábrica* (2011).

Destaque especial para este último livro, que é absolutamente imperdível porque tem o poder de mostrar, em matizes vivas, a capacidade do professor Martins de permear, com a mesma facilidade e verve criativa, os meandros do real (sua própria biografia), do social (sua análise sociológica, simplesmente didática) e do surreal (sua veia humorística apuradíssima). Como pesquisador, nas mais diversas áreas que percorreu em seus estudos, sempre com competência e brilhantismo, tratou de temas muito sérios e cruciais. Acreditamos que ele mesmo jamais poderia supor, por exemplo, na década de 1960, quando iniciou o desenvolvimento de tais pesquisas, que elas seriam tão atuais na sociedade brasileira e mundial de hoje. Exemplos dessa assertiva são: *O Estudo da Fertilidade Humana no Distrito de São Paulo*, *O decoro nos rituais de interação da população paulistana*, *A mentira como conhecimento crítico da vida cotidiana: estudo sociológico sobre a mentira como revelador*

José de Souza  
Martins durante  
depoimento  
sobre a Igreja  
Matriz Sagrada  
Família



Foto: Antonio Gonçalves

de consciência social, *Linchamentos no Brasil* e *O poder no atraso no Brasil*. Qualquer semelhança com a nossa situação atual é mera coincidência, certo professor Martins?

Depois de tudo o que dissemos sobre o emérito mestre, ficou ainda faltando registrar que, talvez inspirado pelo fato de ter sido durante muito tempo “lente” - segundo o dicionário Aurélio, sinônimo obsoleto de professor de escola superior -, Martins também mostrou as suas qualidades utilizando uma lente, transformando a sua sensibilidade em fotografias e dando a sua criativa contribuição ao campo das artes visuais.

Em se tratando de fotos, a imagem aqui reproduzida foi feita recentemente, durante o depoimento de Martins sobre a comemoração dos 75 anos da Igreja Matriz Sagrada Família. Nesta paróquia, ele fez a primeira comunhão e foi crismado. Em seu livro *Subúrbio* (1992) reproduziu o desenho original do templo, projeto do padre Alexandre Grigolli e que se encontra no arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Martins discorreu entusiasmadamente, em seu depoimento, sobre a história da querida Matriz que, apesar de dita nova, como ele, já chegou aos 75 anos. Depois, visitou as obras do futuro Museu de Arte Sacra Sagrada Família, que está sendo construído com o objetivo de preservar a memória da caminhada de 90 anos dos padres

estigmatinos em São Caetano, evento a ser comemorado em 2014, uma vez que eles, oficialmente, instalaram-se aqui em 28 de março de 1924.

Seria necessária uma edição especial de *Raízes* para que fosse possível elencar todas as contribuições que a São Caetano foram dedicadas pelo trabalho do professor Martins, ilustre e incansável protagonista da memória de nossa cidade. Esperamos que isto venha a acontecer enquanto o querido professor ainda está disponível e “brilhante”, como em suas bodas e nas da Matriz.

Fica registrado nesta revista, com a qual ele tanto colaborou e ainda colabora, o reconhecimento de uma “cabeça” que merece, ainda em vida, o preito de gratidão e o efusivo aplauso da cidade natal, pela qual ela lutou (e ainda o faz) em favor da constante manutenção de seu patrimônio histórico, artístico e literário.

Enfim, a justa homenagem “por uma cabeça” que São Caetano do Sul tem a obrigação de exaltar, lembrar e agradecer, como responsável que foi, e continuará sendo, pelas muitas outras cabeças que, graças ao trabalho de JOSÉ DE SOUZA MARTINS, hoje podem ler, admirar e conhecer a história de nossa querida cidade. **R**

JOÃO TARCÍSIO MARIANI

É CONSULTOR DE EMPRESAS E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Dalila Teles Veras

# O GRUPO LIVRESPAÇO E A ESTRATÉGIA DE SEDUÇÃO PARA A POESIA (1983-1994)

**A**pós longos anos sob um regime militar de exceção que, através do autoritarismo e da censura à circulação do livre pensamento, em muito cerceou a produção artística, o país vive, no início dos anos 80 do século passado, a euforia da abertura política. Surgem novos partidos e são realizadas eleições diretas para todos os cargos eletivos, inclusive governadores, com exceção da presidência da República, que viria consolidar-se dois anos mais tarde, após a histórica campanha Diretas Já. A sociedade dá mostras e vontade de reorganizar-se e nascem novas perspectivas culturais.

No chamado Grande ABC, região metropolitana de São Paulo composta pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, o cenário era de grande agitação sociocultural. A efervescência se dava em especial pela discussão e busca de novas alternativas de envolvimento social.

Em 1982, Luiz Inácio Lula da Silva, então influente dirigente sindical, é preso pelo Departamento de Ordem Política e Social (Dops).

Neste mesmo ano o Partido dos Trabalhadores (PT), grupo político nascido das lutas dos trabalhadores no Grande ABC, elege seu primeiro governo com Gilson Menezes como prefeito de Diadema. A região demonstra uma grande capacidade de mobilização popular, haja vista os movimentos grevistas na virada dos anos 1970 para 1980, e é exemplo para uma tomada de consciência política nacional.

É também quando a arte volta os olhos para o Grande ABC. Em 1981, Leon Hirszman leva para o cinema sua peça *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, ambientando-o na região (filme que se transforma em grande sucesso de público). Antonio Possidonio Sampaio, após a publicação, em 1979, do livro *A Capital do Automóvel* (na voz dos operários), lança, em 1982, *Lula e a Greve dos Peões*, livros que traduzem, através do olhar agudo e privilegiado do autor, todo esse cenário de inquietações. Estudos acadêmicos analisando o fenômeno do trabalho e suas lutas sociais no ABC também são publicados em todo o Brasil e no exterior.

Em Santo André, um grupo autodenominado Trabalhadores da cultura da região do

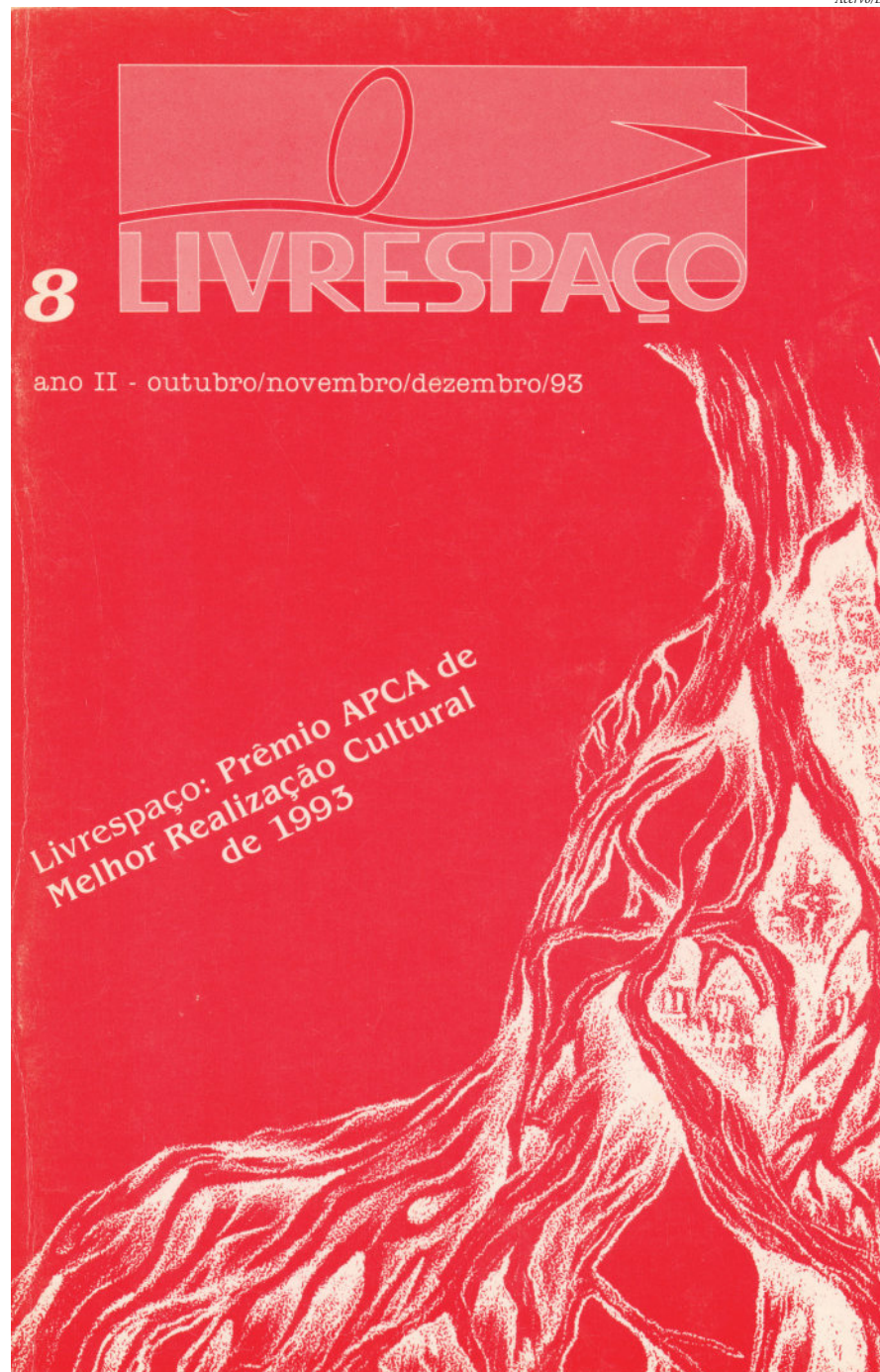
ABC, liderado por Denil Tucci, promove discussões periódicas e ações culturais, além de estratégias de intervenção na condução das políticas públicas da cultura municipal.

Simultaneamente a essas reuniões, pessoas ligadas à literatura mobilizam a opinião pública e protestam contra a censura nos concursos de poesia de São Caetano do Sul, e de contos, de São Bernardo do Campo, ambos promovidos naquele ano. A imprensa dá grande cobertura ao fato e, desta vez, ao invés do cerceamento, um episódio ligado à cultura acaba, de alguma forma, também colaborando para a abertura de um processo de discussões que não teria volta até o completo restabelecimento da democracia no país.

Os economistas, por meio da ótica arrogante que leva em conta apenas o modelo econômico desenvolvimentista, chamaram de “década perdida” esses efervescentes anos 1980, de extraordinárias conquistas sociais e políticas como há muito a história brasileira não registrava. Foi a partir da mobilização popular e da cultura que o Brasil deu a resposta. Na região do ABC não foi diferente.

**Surgimento do grupo** - Nesse cenário, é inaugurado o Café Livrespaço, na Rua das Bandeiras, nº 374, em Santo André. Apesar da reduzida área física de suas instalações, o proprietário, músico, lança a proposta de funcionar como um espa-

Capa da  
oitava  
edição da  
revista  
*Livrespaço*



Livrespaço de Poesia, no Senac, em 1983. Foram identificados: Denil Tucci, Inajá Bevilacqua (na época, assessora de cultura da Prefeitura de Santo André), The-reza Cristina Theóphanes Santos, Dalila Teles Veras (de roupa escura, ao centro da foto), Cláudio Feldman, Marcos Kalil, Jurema Barreto de Souza e Katsuko Shishido



Arquivo/Dalila Teles Veras

ção cultural aberto a exposições, lançamentos de livros e outras atividades. Os poetas participantes dos encontros dos Trabalhadores da cultura mostraram-se receptivos à ideia de expor seus trabalhos no Café e, do convite, passaram à ação. O Livrespaço de Poesia (exposição de pôsteres poéticos, leituras de poesia e noites de autógrafos), agendado para durar 10 dias (de 7 a 17 de abril de 1983), por conta da receptividade do público, estendeu-se até o final daquele mês.

Ainda sem a configuração de grupo, os poetas participantes daquela mostra foram convidados pela unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) de Santo André para um projeto semelhante em suas instalações. A princípio, o público seria composto pelos próprios alunos dos cursos de formação de mão de obra técnica ali oferecidos, mas convites também foram enviados a professores da rede estadual de ensino de 1º e 2º graus, bem como de algumas escolas particulares. A resposta foi surpreendente: 1.500 estudantes visitaram a ex-



Arquivo/Dalila Teles Veras

O Grupo Livrespaço em setembro de 1984. Em pé, Dalila Teles Veras, Katsuko Shishido, Rosana Chrispim, Jurema Barreto de Souza, Tônia Ferr e Valdecirio. Agachados, Margarita Anechina, José Marinho do Nascimento e Francis de Oliveira

posição durante o mês da realização do evento. Ao invés de espectadores passivos, esses visitantes interagiram com a poesia, provocados pelos poetas ali presentes. O interesse demonstrado igualmente surpreendeu, não só por parte dos professores, mas também dos estudantes que participaram ativamente das discussões, dos exercícios de criatividade e dos recitais.

O evento na galeria do Senac, verdadeiro

balão de ensaio, mostrou que a intuição inicial dos poetas apontava para um caminho perfeitamente possível, ou seja, a sensibilização de crianças e adolescentes para a leitura e, em especial, para a poesia.

Nascia ali o Grupo Livrespaço de Poesia que, em homenagem ao primeiro espaço que os acolhera, adotaria o mesmo nome. Formava-se, assim, o embrião daquele que seria o eixo central da atuação do grupo durante os 11 anos de sua atuação: um projeto voltado para a formação de um público leitor, que, a seguir, recebeu o nome de Encontro Poeta-Leitor.

**Propósitos** - Em suas discussões iniciais, o grupo percebeu que, tendo em vista as mudanças na conjuntura social e política do país, não haveria mais lugar para o panfleto na literatura, recurso do qual tanto se utilizou a chamada poesia marginal na década anterior. Necessário, daí em diante, seria aprimorar a palavra e buscar leitores qualificados para decifrar o seu código.

A seriedade desses propósitos e, provavelmente, outras razões ainda não analisadas como, inclusive, falta de disponibilidade, tenham sido a causa para afugentar parte daqueles 16 poetas participantes das duas primeiras exposições, bem como da primeira coletânea (xerografada) patrocinada pelo Senac. Permaneceram os que demonstraram legítima vocação para a poesia, que já a encaravam como ofício, bem como também se comprometeram e muito se empenharam em ir além do papel, ou seja, exercer uma outra função, o de agentes transformadores, que encarassem a arte também como ato de resistência e participação social.

Aos remanescentes dessa primeira etapa (Cláudio Feldman, Dalila Teles Veras, Denil Tucci, José Marinho do Nascimento, Jurema Barreto de Souza e Katsuko Shishido), juntaram-se outros elementos (Rosana Chrispim, Francis

de Oliveira, Tônia Ferr e Margarita Anechina) com os quais o grupo passou a atuar a partir daí e por um bom tempo. Um grupo *sui generis* de pessoas com as mais variadas formações e com idades variando, na época, dos 21 aos 55 anos, unidos por um entusiasmo ímpar.

**Encontro Poeta-Leitor – a espinha dorsal** - O passo seguinte foi levar a ideia de um projeto de encontros em sala de aula para a 2ª Delegacia de Ensino de Santo André que, surpreendentemente, graças à visão da então delegada Vitória Helena Cunha Espósito, acatou a proposta e colocou os poetas em contato com os professores de língua e literatura da rede estadual de ensino, aos quais se juntaram alguns professores de outras áreas, igualmente interessados.

Na primeira reunião, realizada em agosto de 1983, durante a qual foram expostos o projeto e suas intenções, inscreveram-se professores de 19 escolas. O grupo saiu dali com sua agenda recheada de contatos que acabaram se transformando em parceiros fiéis para os eventos posteriores. O projeto Encontro Poeta-Leitor foi iniciado imediatamente (na última semana daquele mês) e até novembro do mesmo ano, levado às salas de aula de 18 instituições de ensino (15 escolas da rede pública, duas faculdades de letras e um Centro Educacional do Serviço Social da Indústria - Sesi), envolvendo um total aproximado de 7.500 estudantes.

Tratava-se de uma verdadeira revolução cultural, invadindo com lufadas de palavra nova os então vetustos espaços educacionais. No dizer de um aluno participante: “uma verdadeira epifania”.

O projeto continuou nos anos seguintes com a mesma intensidade, estendendo-se para as escolas da 1ª Delegacia de Ensino do município, bem como para estabelecimentos de ensino particulares, faculdades, bibliotecas, incluín-

do todos os sete municípios da região e capital, sempre com um grande número de participantes (em 1984 foram 5.870 e, em 1985, 3.500).

Uma metodologia própria foi desenvolvida, no sentido da elaboração de estratégias que envolvessem os estudantes. Em todos os encontros, desdobramentos eram provocados para garantir a continuidade do incentivo permanente à leitura dentro das próprias instituições. A cumplicidade dos professores mostrou-se imprescindível ao processo de transformações. O resultado foi uma profusão de ações subsequentes, como concursos, murais, varais de poesia e muitas outras, envolvendo, inclusive, familiares dos estudantes. Os professores recebiam questionários de avaliação da passagem dos poetas pela escola, fornecendo ao grupo, importante retorno para o prosseguimento e eventual redirecionamento das atividades.

Importante ressaltar que todo esse trabalho de oficinas nas escolas não contou com nenhum recurso material do poder público, apesar das promessas iniciais da Secretaria de Educação e Cultura de Santo André, que divulgou o seu apoio ao projeto, mas jamais compareceu com qualquer espécie concreta de patrocínio, sequer tendo contribuído para o transporte dos poetas até as escolas, muitas vezes em bairros distantes. Tudo, absolutamente tudo, neste projeto, foi realizado com os recursos dos próprios integrantes do Livrespaço, somados a entusiasmo e vontade inabaláveis.

Nem por isso houve choradeiras ou lamentos. O irrequieto e produtivo grupo de poetas prosseguiu sua ação, sem se limitar ao projeto Encontro Poeta-Leitor, atuando em diversas frentes.

**Publicações** - Oficinas internas, com intermináveis e prazerosas discussões, ocorriam nas “religiosas” reuniões semanais do grupo. Desses debates decorreu a publicação de mais quatro

livros coletivos do grupo (duas antologias e duas coletâneas temáticas). As Edições Livrespaço nascem, assim, da necessidade de uma editora que cumprisse o papel de difusão dessa produção e que até aquele momento não havia surgido na região.

Além das publicações coletivas, todos os poetas continuaram a publicar individualmente os seus livros e cada um prosseguia na pesquisa e aprimoramento de sua própria linguagem poética, sem que houvesse uma proposta estética comum.

Dois coleções de pôsteres poéticos ilustrados foram ainda publicadas e, finalmente em 1992 (após uma tentativa, cinco anos antes, com a publicação do número zero, em maio de 1987), é publicada a revista *Livrespaço*, que circulou bimestralmente em todo o Brasil e no exterior durante dois anos.

Por essa publicação e outras realizações do grupo naquele período, o Livrespaço recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), de melhor realização cultural do ano de 1992.

**Inserção na vida cultural regional** - A febril atuação do Livrespaço rompeu as fronteiras regionais. Por diversas ocasiões, o grupo foi convidado a relatar sua experiência. Em 1984, participou da 8ª Bienal Internacional do Livro com uma comunicação sobre os encontros Poeta-Leitor nas escolas. Em 1985, foi convidado a participar de um dos painéis do Encontro Nacional de Escritores em Goiás – Independência ou Morte?, promovido pela União Brasileira de Escritores de Goiás, em Goiânia. O trabalho apresentado por integrantes do grupo A Dependência dos Independentes, seguido de um relato de experiências, foi muito bem recebido e divulgado. Em maio desse ano, a Semana Livrespaço, alicerçada em debates, exposição de pôsteres, palestras e oficinas literárias, alcançou enorme



sucesso de público em Santo André.

A Semana Livrespaço prosseguiu até 1992, quando alcançou sua sexta versão, com o tema 70 anos da Semana de Arte Moderna. Na programação constaram releituras dos modernistas por diversas áreas de expressão artística (literatura, música e artes plásticas), encerrada com a Orquestra Sinfônica de Santo André, regida pelo maestro Flávio Florence, no Teatro Municipal de Santo André. No programa, composições de Villa-Lobos e, nos intervalos, leituras de poemas pelos poetas do grupo. Nomes como Lygia Fagundes Telles (que levou mais de 500 pessoas ao Teatro Municipal de Santo André em 1985), Fernando Moraes, Marcos Rey, José Paulo Paes, Oswaldo França Júnior, Carlos Felipe Moisés, Fábio Lucas, Uilson Pereira, Ricardo Ramos, Cláudio Willer, Ênio Squeff, Augusto Massi, entre muitos outros, contribuíram para o brilho dos eventos.

Dessa forma, uma vez por ano, os papéis se invertiam: ao invés dos poetas irem até onde o povo estava, o povo ia encontrar-se com eles para que, mais uma vez, a reunião entre o poeta e o leitor pudesse ser celebrada. Todas as atividades das Semanas Livrespaço foram realizadas nos equipamentos da prefeitura, em todos os espaços disponíveis do Paço Municipal (teatro, auditório, saguão e biblioteca).

O grupo também participou ativamente das Feiras do Livro que, na década de 1980, eram realizadas pela Prefeitura Municipal de Santo André no saguão do Teatro Municipal. Após algumas participações junto ao estande da União Brasileira de Escritores, em 1988, na IX Feira do Livro de Santo André, a turma compareceu com estande próprio e uma intensa atividade cultural: concurso de poesia, lançamentos de livros, recitais e debates com o público.

Além da atividade literária propriamente dita, o Livrespaço também desenvolveu

preponderante papel na vida cultural da região, contribuindo com a discussão, sugestão e intervenção nas linhas de políticas públicas de cultura. Participou ativamente de fóruns de cultura e, ainda, atuando como braço da União Brasileira de Escritores em toda a região do ABC.

**Dissolução e desdobramentos** - Em princípios de 1994, reduzido já há algum tempo à participação de apenas seis elementos (Cláudio Feldman, Dalila Teles Veras, Jurema Barreto de Souza, J. Marinho do Nascimento, Rosana Chrispim e Tônia Ferr) e sem a mesma disponibilidade para continuar publicando e renovando uma revista



Arquivo/Dalila Teles Veras

Os poetas do Livrespaço no Encontro Nacional de Escritores em Goiás, realizado em Goiânia, em junho de 1985, com o tema Independência ou Morte. O trabalho apresentado pelo grupo tinha como título *A Dependência dos Independentes*

que exigia constante atualização e debate, sem contar a animação cultural que igualmente requeria uma boa dose de energia e tempo, o grupo decidiu pela dissolução.

À sua maneira, no entanto, os poetas remanescentes do grupo deram/dão continuidade a esse trabalho sob novas facetas e colorações. Jurema continuou publicando *A Cigarra*, fanzine xerografado na época do grupo, depois transformado em uma revista de sofisticação gráfica que alcançou a marca de 42 números em 2007, quando comemorou 25 anos de circulação com um número especial, encerrando ali sua distribuição. Feldman, que na época publicava o jor-



Acervo/Dalila Teles Veras

Público na abertura da 2ª Semana Livrespaço, realizada no Auditório Municipal, em Santo André, em maio de 1986

nal alternativo *Taturana*, continua a editar seus próprios livros pela mesma chancela e, inveterado poeta marginal, ainda os vende à porta de teatros e museus. Marinho seguiu sua vocação acadêmica e continua a ensinar e a seduzir para a leitura, como professor universitário, doutorado pela Universidade de São Paulo em literatura brasileira. Rosana foi para Campinas cuidar da carreira dentro de uma empresa multinacional, mas não abandonou a poesia. Em 2003, publicou pela Alpharrabio Edições o volume *Entretempo*, reunindo essa produção esparsa. Tônia descobriu-se compositora e, por um breve período, também atriz. Divide o seu agora folgado tempo de octogenária entre a palavra e a música. Dalila fundou, em 1992, a Alpharrabio Livraria e Editora que, desde então, discute e promove a literatura e outras expressões artísticas e culturais por meio de cursos, debates, palestras, recitais, concertos, oficinas, publicações. Seu catálogo editorial reúne mais de 40 autores em cerca de 120 títulos representativos da produção literária regional. Todos continuam fiéis à poesia, sedutores irremediavelmente seduzidos.

Em 2007, dediquei-me à tarefa de reunir e organizar o rico espólio documental da trajetória de 11 anos do grupo. Com o distanciamento

do “calor da hora”, ficou evidente o importante papel histórico do Livrespaço. Essa trajetória, ainda que tenha sido mencionada anteriormente em trabalhos acadêmicos, publicações literárias e, em especial, no livro *História da Literatura em Santo André – um ensaio através do tempo*, de Tarso M. de Melo (2000), no qual fez jus a um extenso e analítico capítulo, merecia ser registrada de forma mais detalhada. Assim, convidei cinco de seus integrantes para, juntos, mergulharmos nessa tarefa.

Após um ano de muito trabalho, foi publicado pela Alpharrabio Edições, em outubro de 2008, ano do vigésimo quinto aniversário de fundação do grupo, o livro *Seduzir para a Poesia – Trajetória do Grupo Livrespaço 1983-1994*, escrito por Dalila Teles Veras (organizadora), Cláudio Feldman, José Marinho do Nascimento, Jurema Barreto de Souza, Rosana Chrispim e Tônia Ferr. Narrada nas 186 páginas do volume, essa riquíssima experiência poderá também servir como uma espécie de espelho, no qual novas gerações de poetas possam se mirar e, mais do que pelos acertos, erros e lacunas, possam também motivar e provocar, de forma mais adequada, ações culturais compatíveis com estes novos e complexos tempos. **R**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antologia Livrespaço/Senac*. Santo André, 1983 (edição artesanal).  
*Coletânea Livrespaço*. Santo André: Edições Livrespaço, 1984.  
*Diário do Grande ABC*, Santo André, 1983-1993.  
*Documentos diversos do espólio do Grupo Livrespaço* (correspondências, cartazes, folders, convites, atas, recortes de jornais). Acervo/ABC's Núcleo Alpharrabio de Referência e Memória. *Literatuando* (coletânea). Santo André: Edições Livrespaço, 1985.  
*Sete versus Sete* (coletânea). Santo André: Edições Livrespaço, 1990.  
*Subvertida Palavra* (coletânea). Santo André: Edições Livrespaço, 1988.

#### DALILA TELES VERAS

É POETA, CRONISTA E ATIVISTA CULTURAL. CO-UNDADEIRA DO GRUPO LIVRESPAÇO DE POESIA E CO-EDITORIA DA REVISTA HOMÔNIMA, PUBLICOU INÚMEROS LIVROS, NOS GÊNEROS POESIA, CRÔNICA E ENSAIO, DOS QUAIS DESTACAM-SE À *JANELA DOS DIAS – POESIA QUASE TODA* (ALPHARRABIO EDIÇÕES, 2002) E *RETRATOS FALHADOS* (ED. ESCRITURAS, 2008). NO SEU TRABALHO ENSAÍSTICO, PUBLICOU, EM COAUTORIA COM LUZIA MANINHA TELES VERAS, *ALPHARRABIO 12 ANOS – UMA HISTÓRIA EM CURSO*.

Priscila Gorzoni



Arquivo/Yvone Dias Avelino

Yvone Dias Avelino: “Qualquer obra literária pode ser uma fonte histórica, a depender dos interesses e objetos que o historiador busca”

## QUANDO A LITERATURA ENTRA NA HISTÓRIA

“Os romances históricos transmitem uma verdade histórica através da verossimilhança novelesca. Eles têm o poder de fazer a carne voltar a ser verbo, sem o verbo perder o gosto, ou a cor, ou o cheiro, ou a forma da carne, imagem que nos parece bastante significativa do poder de recriação da obra literária e das suas relações com a realidade que ela representa.”  
Gilberto Freyre

“A ficção invade a história, a ficção infringe a história, a ficção dramatiza a história. Não foi, portanto, o simples prazer de reconstituir a história que levou [André] Malraux a escolher o acontecimento histórico como matéria de seus romances. Não foi tampouco a mera necessidade de ação e motivação realista que guiaram a transformação da realidade histórica em ficção romanesca. Ao transformar a história em literatura, interroga sobre sua finalidade e sobre o verdadeiro sentido da ação histórica individual. Dessa interrogação vê-se jorrar toda a tragicidade da experiência humana perante a história”, afirmou Maria Tereza Freitas em *Literatura e História: o romance revolucionário de André Malraux*, da Atual Editora.

O interesse do historiador em usar a literatura como fonte em suas pesquisas é recente. Apenas nos anos 1980 a literatura e a história se fundiram como áreas de objetivos em comum e, ao mesmo tempo, distintos. Foi exatamente nessa época que este ramo da história unido à linguagem da literatura surgiu com a disseminação da história cultural. A aproximação desses dois campos conduziu as interpretações dos historiadores para representações socioculturais, muito bem postas, por exemplo, nas obras do francês Roger Chartier, e, nas da brasileira Sandra Pesavento.

Segundo Yvone Dias Avelino, historiadora, professora de graduação e pós-graduação do programa de história da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, o historiador

“É necessário prestar atenção nos detalhes da escrita, nas descrições da narração de lugares, personagens, costumes, temporalidades, etc. Ao se utilizar a obra literária devem-se ampliar as percepções do que está escrito de maneira indireta ou nebulosa, do que existe nas entrelinhas”, indica.

não pode encarar a obra literária apenas como veículo de conteúdo, pois o valor do texto literário não está propriamente na confrontação que dele se pode fazer com a realidade exterior, mas na maneira como esta realidade é abordada, aprofundada, questionada e recriada. “A literatura fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram.”

Portanto, pode-se pensar em uma história de desejos não consumados, de sonhos não realizados, de ideias não vingadas, como apon-

tou o historiador Nicolau Sevcenko em *Literatura como missão*, da Editora Brasiliense. Sendo assim, o historiador se ocupa da realidade, enquanto o escritor é atraído pela possibilidade. Cabe ao historiador captar esse excedente de sentido embutido no romance.

O historiador debruça-se sobre o texto literário em busca de signos que apontem para o passado. Cabe a ele reapresentá-lo pelo ângulo das práticas sociais da época. Mais do que narrativas poéticas, a literatura fornece ao pesquisador indícios sociais e antropológicos da vida dos agentes em determinado período.

Yvone, que é especialista na área de literatura e história, relata que essa relação não é tão tranquila quanto parece ser e o pesquisador que deseja enveredar-se por ela deve estar atento. O contato da historiadora com a união dessas duas disciplinas começou na década de 1980, com a tradução dos textos de Walter Benjamin, Georg Simmel e outros autores. “Esta relação sempre me atraiu como questão de estudos pessoais e interesse pela área”, comenta.

Inicialmente trabalhar com literatura e história não foi uma tarefa fácil. Para isso, Yvone precisou buscar informações em outros autores que já se guiavam por esse caminho. “O novo nos apresenta desafios diferentes, por haver conhecimentos a adquirir. Serviram-me de apoio e exemplo pesquisadores como Nicolau Sevcenko, com a obra *Literatura como missão*, e Maria de Lourdes Eleutério, com sua dissertação de mestrado, publicada com o título *Oswald de Andrade: o itinerário de um homem sem profissão*, além das obras de Antônio Cândido”, lembra.

Apesar de todas as dificuldades encontradas inicialmente, Yvone considera a literatura uma grande contribuidora da história. Ela conta que, por meio do conhecimento do contexto, do texto e do autor da obra a ser analisada ou interpretada, a história pode ser compreendida

de uma forma mais ampla. “Um exemplo disso é *Éramos seis*, de Maria José Dupré, na qual observamos uma São Paulo como personagem e cenário do cotidiano de uma família de classe média. Ao utilizarmos uma obra literária como fonte, não podemos apenas tê-la como principal documento histórico, é necessário rastrear outras informações e fazer o cruzamento”, diz.

Além dessas contribuições, a literatura pode ser usada como fonte e como documento histórico desde que a relação entre emissor e receptor utilize as linguagens como mediadoras do processo histórico. “Qualquer obra literária pode ser uma fonte histórica, a depender dos interesses e objetos que o historiador busca. As obras literárias contêm fortes indícios históricos, e cabe ao historiador descobri-los. Uma obra literária, como qualquer outra linguagem, tem dentro de si o que o psicólogo russo Vigotski chama de psicologia da arte, ou seja, contém em sua forma o conteúdo. Sendo assim, o historiador busca o método para abraçar este código de linguagem, observando as partes que constroem o todo. Podemos nos alimentar do cinema, da música, da literatura, e retirar dali o significado do objeto que o autor desejou apontar.”

Yvone não está sozinha no trabalho de unir literatura e história. Existem vários grupos que fazem essa relação ou encontram na literatura elementos para compreender a história. “Eles estão em São Paulo e Santa Catarina, além de Bahia, Piauí e Goiás. Este ramo da história hoje se encontra bem disseminado, pois cada vez mais os historiadores se encantam com a literatura, e os literatos, com a história”, explica.

Para aqueles que desejam entrar nessa área de estudo é fundamental observar. “É necessário prestar atenção nos detalhes da escrita, nas descrições da narração de lugares, personagens, costumes, temporalidades, etc. Ao se utilizar a obra literária devem-se ampliar as percep-

ções do que está escrito de maneira indireta ou nebulosa, do que existe nas entrelinhas”, indica. Esse cuidado é importante, porque as obras literárias fazem cruzamento de fontes, e a ficção e as fantasias fazem parte da literatura, e não da história, que busca a concretude. Portanto, na análise do pesquisador deve-se buscar o que pertence à história. “Heródoto, na antiguidade clássica, já dizia: ‘o literato trabalha com o que poderia acontecer, e o historiador com o que aconteceu.’ Este cruzamento leva o historiador a tomar cuidado para ressaltar apenas os valores da sua área, em uma fonte rica de informações, e que não é propriamente histórica. É ficção que contém fatos históricos”, finaliza Yvone.

Yvone Dias Avelino possui graduação em história, mestrado em história social, e doutorado em história econômica pela Universidade de São Paulo (USP). É titular no departamento de história da PUC/SP. Integra as comissões consultivas e editoriais das seguintes revistas: *Oralidades - Revista de História Oral* (USP); *Práxis - Revista Eletrônica de História e Educação* (Universidade Jorge Amado - Salvador); *Projeto História* (PUC/SP); *Aurora - Revista Eletrônica de Arte, Mídia e Política* (PUC/SP); e revista *Instituinte* (Instituto IBECS - Comunidade Ética), sendo editora da revista *Cordis - Revista Eletrônica de História Social da Cidade* ([www.pucsp.br/revistacordis](http://www.pucsp.br/revistacordis)). Tem experiência na área de história, com ênfase em cidade, cultura, história, memória e literatura. Coordena o Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC) da PUC/SP. **R**

---

#### PRISCILA GORZONI

É JORNALISTA FORMADA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, CIENTISTA SOCIAL PELA USP, E ADVOGADA PELA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. É ESPECIALISTA EM FUNDAMENTOS E ARTES PELO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP E É MESTRANDA EM HISTÓRIA PELA PUC/SP. ATUALMENTE É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Mariana Zenaro

---

# REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA E LITERATURA:

NARRATIVAS ENTRE A VIDA E A ARTE

“**T**udo o que não é vida é literatura”, disse o revisor ao historiador, personagens da obra *A história do cerco de Lisboa*, do escritor português José Saramago. Pergunta o historiador: “A história também?”. Responde o revisor: “A história sobretudo, sem querer ofender”.





*Alegoria de Clio*, 1689, óleo sobre tela, Pierre Mignard (1612-1695), Museum of Fine Arts, Budapeste, Hungria. Clio é uma das nove musas, e, junto com as irmãs, habita o monte Hélicon. Filhas de Zeus e Mnemósine, a memória. As musas reúnem-se, sob a assistência de Apolo, junto à fonte Hipocrene, presidindo as artes e as ciências, com o dom de inspirar os governantes e restabelecer a paz entre os homens. Clio é a musa da história e da criatividade, aquela que divulga e celebra as realizações. Preside a eloquência, sendo a fiadora das relações políticas entre homens e nações. É representada como uma jovem coroadada de louros, trazendo na mão direita uma trombeta e, na esquerda, um livro intitulado Thucydide (ver Tucídides)

História e literatura por muito tempo estiveram distanciadas, como se falassem de assuntos completamente diferentes, em línguas distintas. Os mundos do real e do fantasioso colocados em confronto. Realmente, com o passar do tempo, a linguagem historiográfica foi se diferenciando da literária, principalmente porque a disciplina histórica se construía enquanto forma “científica” do texto e da narrativa, pois é com base na *res* (coisa concreta, no sentido latino do termo) que poderia conduzir a história à veracidade. Sabemos hoje em dia que a escrita científica é tão vulnerável quanto qualquer outra, pois se constitui em linguagem e, assim sendo, está necessariamente impregnada de representações sociais e culturais.

Mas hoje afirmar que a literatura integra o rol das fontes históricas não suscita polêmicas. A nova história cultural, nas últimas décadas, ampliou as possibilidades de estudos a partir da definição de novos temas e problemas, além da utilização de documentos e fontes não tradicionais. A possibilidade do uso plural de fontes como memórias, diários, cartas, biografias, fotografias, literatura, música, pintura, histórias de vida, depoimentos, anúncios e relatos de festas escolares publicados em jornais e revistas, entre outros, permite acessar as práticas e os saberes difundidos, assim como, os discursos e os dispositivos produzidos em torno do tema de investigação. Nesse sentido, as pesquisas vêm analisando para além das fontes ditas oficiais, como documentos de Estado. O essencial é enxergar que os documentos e os testemunhos “só falam quando sabemos interrogá-los (...) toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a investigação já tenha uma direção”, afirmou o historiador francês e fundador da Escola dos Annales, Marc Bloch. Por essa visada, a literatura passa a suscitar múltiplas leituras da sociedade de uma época, de um lugar, e encontra seu papel enquanto preciosa fonte para análises no campo da disciplina histórica.

Se pensarmos a história na antiguidade, muito antes de ser campo disciplinar moderno, de caráter positivista, cientificista, nos domínios do saber, trata-se de uma grandiosa narrativa constituída por diversos capítulos e narradores, que reconstituem fragmentos deixados pela experiência e existência humana, a exemplo de obras de Heródoto e Tucídides. O filósofo grego Aristóteles (485? - 420 a. C.) (1987:28) definiu a história como o relato de fatos particulares, explicando: “relatar fatos particulares é contar o que Alcibíades fez ou o que fizeram a ele”. Isto é, à história não cabia exercer qualquer papel analítico ou reflexivo – função esta atribuída, pelo autor, ao que hoje chamamos de literatura –, mas apenas narrar o que alguém fez ou o que aconteceu.

O distanciamento entre a história e a literatura se intensificou ao passo da dogmatização dos princípios científicos nos séculos 18 e 19, dos quais fazem parte cientistas que estabeleceram conceitos teóricos ainda presentes na atualidade: Adam Smith, Lavoisier, Darwin, Durkheim, Karl Marx, Max Weber e outros. A busca pela cientificidade, que legitimava as produções dos intelectuais, era acompanhada pela busca do profissionalismo por meio das disciplinas acadêmicas. No início do século 19, a sociologia se afirmou como ciência humana, com a força do pensamento durkheimiano, e mais tarde também a história chegaria a esse status.

Na sociedade europeia racionalista que se formava, na qual predominavam os novos valores burgueses, difundiu-se o ideal evolucionista – próprio do sistema capitalista e colonizador –, pois atrelado ao conceito de cientificidade, estava a ideia de civilidade, que distanciou “cientificamente” as sociedades evoluídas/civilizadas das primitivas. No campo da historiografia, apenas as sociedades evoluídas mereceriam ter sua história investigada. Desde a antiguidade, a história consistia na narrativa de acontecimentos políticos e



militares, apresentada como os “grandes feitos” dos “grandes homens” e nas efemérides. Em meados do século 18 alguns intelectuais começaram a se preocupar com o que seria uma “história da sociedade”, voltando seu olhar para os costumes, a moral, as leis, etc. Alguns deles dedicaram-se à reconstrução de valores do passado, outros à história da arte, da música e da literatura. No entanto, a busca pela profissionalização e cientificismo do século 19 tratou de excluir a história não-política, ou sociocultural, da nova disciplina acadêmica. Nesse século houve o advento do positivismo, filosofia sociológica criada por Augusto Comte (1798-1876), que exprimia os ideais burgueses de evolução e progresso. No topo da escala evolutiva positivista, o homem descobria a razão e as ciências, expressão maior do progresso. As ciências deveriam basear-se na observação dos fatos e na experiência e o cientista deveria se abster completamente de expressar suas opiniões ou sentimentos no seu trabalho, mostrando apenas a verdade. Nas ciências humanas, como nas naturais, haveria leis imutáveis. A sociedade jamais poderia ser modificada senão através delas. Essa teoria influenciou praticamente toda a produção historiográfica do período.

O principal historiador representante desse momento historiográfico foi o alemão Leopold Von Ranke (1795-1886), que acabou instituindo o que chamamos hoje de “paradigma tradicional”. Ranke exprimiu bem o ideal positivista em uma de suas frases mais famosas, dizendo que seu objetivo não era julgar, mas tão somente contar “como realmente aconteceu”.

Estes valores operantes na produção do conhecimento histórico são consequências da mentalidade europeia racional burguesa da época e da necessidade de profissio-



A *Arte da Pintura*, c. 1666-1668, óleo sobre tela de Johannes Vermeer (1632-1675), Kunsthistorisches Museum, Viena, Áustria. Na cena representada na pintura de gênero de Johannes Vermeer, a modelo, que pousa se valendo de todo *mise en scène*, traveste-se como Clio, a musa da história, para ser retratada pelo artista

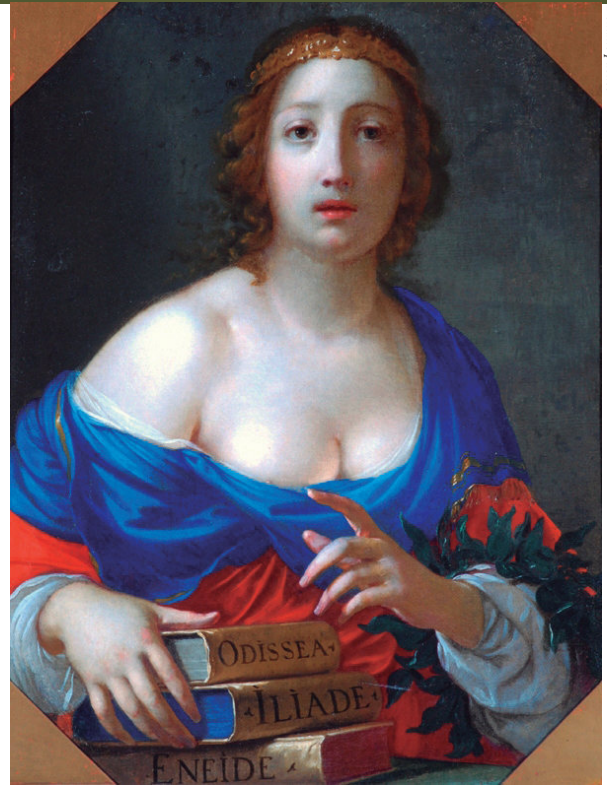
nalização da história, que só viria juntamente com um método científico e isento. Embora outros tipos de história não fossem totalmente excluídos do paradigma tradicional – ao escrever sobre a Reforma Protestante, Ranke não rejeitou a história da sociedade e da arte –, eles eram marginalizados no sentido de serem considerados periféricos aos interesses dos “verdadeiros historiadores”. Essa visão de história não deixou de ser contestada no século 19 por alguns historiadores, como Michelet, Burckhardt e Marx, sendo que este iniciou a história econômica, dando importância às tensões internas das estruturas socioeconômicas. Ao final desse século, muitos historiadores passaram a ser influenciados pelo pensamento de Marx.

No início do século 20 as críticas à história política eram particularmente agudas. A Escola dos Annales ou Movimento dos Annales sistematizou pela primeira vez essas críticas com a revista originalmente chamada de *Annales d'histoire économique et sociale*, criada em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch, juntamente com intelectuais de outras disciplinas. Febvre e Bloch pensavam de forma interdisciplinar (seu grupo de trabalho reunia psicólogos, sociólogos e geógrafos) e em termos de história-

*Calíope*, óleo sobre tela, Cesare Dandini (1595-1658), Bowes Museum, Durham, Inglaterra. Calíope é a musa da poesia épica. As musas eram entidades mitológicas a quem era atribuída, na Grécia Antiga, a capacidade de inspirar a criação artística ou científica. Na mitologia grega, eram as nove filhas de Mnemosine e Zeus. O templo das musas era o Museion, termo que deu origem à palavra museu nas diversas línguas indo-europeias como local de cultivo e preservação das artes e ciências. Na pintura do pintor maneirista Cesare Dandini vemos uma representação alegórica da musa inspiradora da poesia épica. A dama traz consigo três livros clássicos, a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero, e a *Eneida*, de Virgílio. As três obras são narrativas em verso que tem por assunto fatos heroicos vividos por personagens humanas excepcionais, manipuladas, de certa maneira, pelo poder dos deuses, e tem por finalidade manter a tradição, registrar os fatos heroicos, garantindo-lhes a sobrevivência

-problema. A partir de 1968, o tipo de história associado à Escola dos Annales passou a ser chamado de “nova história”. Esta foi responsável por uma grande abertura nos temas, tais como o corpo, a família, a mulher, a criança, a morte. Alguns preferem a denominação “movimento” por não se tratar de uma “escola” com diretrizes fixas, havendo divergências de pensamento, fotografias, quadros, literatura e depoimentos orais como fonte histórica. O caráter interdisciplinar se fortificou, existindo um contato cada vez mais regular entre historiadores e antropólogos, economistas, críticos literários, psicólogos, sociólogos e geógrafos. Em oposição ao paradigma tradicional, que pressupunha a objetividade do saber histórico, os novos historiadores passaram a discutir a subjetividade na produção do conhecimento, ou seja, a impossibilidade do historiador se desfazer de seus valores e convicções pessoais, deixando de interferir no seu objeto. Hoje em dia a inexistência da neutralidade no trabalho historiográfico já é consenso. Pois entre a “História e ficção: onde termina uma e começa outra? Em que a história contada pelos historiadores difere das histórias contadas pelos ficcionistas? É cada vez mais difícil responder com segurança a questões desse tipo”. (COUTO, 1994: 4)

Exemplo de belo trabalho historiográfico significativo que contempla a literatura como espelho do real é *Represálias selvagens*, do historiador austríaco Peter Gay. Nos três ensaios que compõem a obra, Gay se propõe a analisar alguns romances do realismo no século 19, como a *Casa sombria* (1853), de Charles Dickens, *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, e *Os Buddenbrook* (1901), de Thomas Mann. O autor demonstra que as obras mais representativas



Domínio Público

do realismo literário constituem documentos de valor para o historiador interessado. A “verdade” da obra de arte, para Peter Gay, é frequentemente mais confiável e informativa do que a massa de dados documentais que costuma balizar as pesquisas sobre um determinado período. No caso sintomático de *Madame Bovary*, por exemplo, o autor destaca como o apetite investigativo de Flaubert, que consultou centenas de livros para construir a verossimilhança de seus personagens e dos eventos narrados no romance, converte o livro em um autêntico compêndio informativo sobre o cotidiano da pequena burguesia provinciana.

No Brasil, as obras que merecem ser citadas por tecer uma discussão acerca da sociedade de época tendo como fonte o gênero literário são *A história contada: capítulos de história social da literatura* e *Machado de Assis historiador*, de Sidney Chalhoub, e *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*, de Sandra Jatahy Pesavento.

Inserida no movimento da sociedade, a literatura tem sido abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas redes de interlocução, até como um estudo dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Em grande análise, ter a literatura como manancial para se dissecar a realidade coloca em questão a relação estabelecida entre realidade e ficção. Como docu-



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Mulheres não identificadas na década de 1920. A partir do século 19, com a ampliação da cultura do letramento, a literatura torna-se aliada das mulheres. Muitas leitoras acesavam o mundo de aventuras e desventuras fora do lar, por meio das narrativas livrescas

mento de uma cultura e também limitada por ela, a literatura, como toda produção artística, ainda que seja uma atividade livre e criadora, tem sua materialidade fundada na realidade mundana na qual se animam os homens. Para além de uma realidade direta ou óbvia, ela deve ser posta como uma complexa problemática que para o historiador significa refletir acerca da construção do conhecimento. E se esta literatura é um “tesouro” de

conhecimento produzido pela sociedade humana, contudo, não é evidente por si, é dever do historiador desconfiar, interrogar as palavras do escritor, assim como suas motivações. O historiador vê-se penetrar narrativa adentro, deslizar por linhas e sentidos, e desbravar um universo investigativo quando aproxima a narrativa literária da história. E as questões suscitadas são muitas, pois a narrativa literária suscita o deleite e a cautela, sendo que, no campo da construção da narrativa histórica, os entendimentos acerca da fonte levam a considerar a sociedade, a arte e a psicologia individual. Sobre o escritor recai a síntese que realiza, no personagem original, dos códigos de uma sociedade. A afirmação de Oscar Wilde pode ser considerada tão relevante quanto controvertida: “(...) a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida.” Há mais verdades na ficção do que na realidade contada. Não obstante, a história na antiguidade, ou na era do cientificismo, prima por construir narrativas. O historiador que concebe seu fazer com excelência sabe construir a narrativa do real com o sabor que só a ficção poderia ter. **R**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *A Poética Clássica*. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1987.  
 BENJAMIN, Walter. 1994. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense. (Obras escolhidas, v. 1).  
 BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lília Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.  
 COUTO, José Geraldo. 1994. A Invenção da história. *Folha de S. Paulo*. Caderno MAIS, 11 set.  
 DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette – Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.  
 FERREIRA, Antonio Celso. Literatura – A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (ORGS.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011.  
 GAY, Peter. *Repsália selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.  
 FINLEY, M.I. *História antiga: testemunhos e modelos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.  
 LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

#### SITES

- [http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia\\_em\\_revista\\_09\\_beatriz\\_zechlinski.pdf](http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_09_beatriz_zechlinski.pdf) - Acesso em: 7 abr. 2013  
<http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT1504.htm> - Acesso em: 7 abr. 2013  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF22/melo.pdf> - Acesso em: 7 abr. 2013

#### MARIANA ZENARO

É JORNALISTA, HISTORIADORA E PÓS-GRADUADA EM BENS CULTURAIS PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Marília Tiveron



Acesso/Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul

Na montagem, à esquerda, foto dos anos 1980, durante a construção da atual sede da Aciscs, que observamos à direita

# DIAMANTE LAPIDADO

Fundada em 23 de fevereiro de 1938, a Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul (Aciscs) completou 75 anos em 2013, mas continua festejando nos próximos meses seu Jubileu de Diamante. Um diamante que foi lapidado com o passar do tempo por meio de cada desafio enfrentado e cada luta superada. Uma associação, que assim como a pedra, se mantém resistente.

A Aciscs já surgiu como um grande acontecimento político-social para a coletividade comercial do município, que, na verdade, ainda não era um município. Primeiramente, São Caetano surgiu como distrito de São Bernardo, tornando-se subdistrito de Santo André, e só alguns anos depois alcançou sua emancipação política e administrativa, com a vitória dos autonomistas em 24 de outubro de 1948.

Contudo, desde o primeiro momento, a Aciscs já agia como uma instituição local. Foi em reuniões realizadas na casa de comerciantes que se lançou a ideia de se criar uma entidade para representar a classe comercial de São Caetano, segmento econômico que crescia rapidamente. Cabe aqui citar os responsáveis por sua idealização e fundação: Arthemio Lorenzini, Júlio Marcucci, Francisco Massei, Manuel Martins e Aurélio Tenca, então subprefeito do distrito de São Caetano.

O principal objetivo era defender os direitos, necessidades e interesses da classe e pleitear melhorias. Nos dias atuais, a associação ainda guia-se por esses preceitos e também agrega como meta a representação dos associados em todas as esferas dos poderes públicos, com o respaldo da Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo (Facesp).

Desde o começo, muito trabalho, tempo e suor foram investidos para que o projeto decolasse. E já ao final do primeiro ano havia um balanço positivo das atividades realizadas. Foram 38 reuniões ordinárias, uma assembleia geral extraordinária para aprovação de emendas e estatuto e uma reunião solene por conta da visita de Décio Toledo Leite, prefeito de Santo André na época.

Além da própria fundação, uma das grandes vitórias da associação foi a construção da nova sede, um empenho coletivo de três presidentes consecutivos. No final dos anos 1970 entendeu-se que o prédio de dois andares, localizado na Rua Rio Grande do Sul, tinha se tornado pequeno para os serviços que a Aciscs desempenhava.

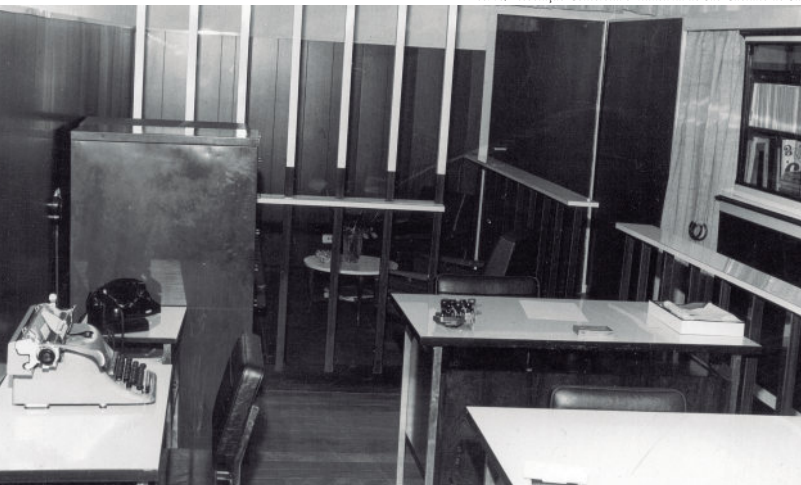
Na gestão de Mustapha Abdouni foi então comprado um terreno na Rua Amazonas, elaborado um projeto arquitetônico e lançada a pedra fundamental. Mas foi durante os anos em que Alarico Suhadolnik esteve à frente da entidade que as obras tiveram início e as fundações e a estrutura em concreto armado foram montadas. Após isso, e com pouco dinheiro no caixa, formou-se uma comissão de obras que buscou recursos materiais e humanos para a conclusão da construção do edifício. Com a venda da antiga sede foi possível finalizar os acabamentos e comprar os móveis e utensílios necessários.

A nova sede foi então inaugurada oficialmente na gestão de Guilherme Rodrigues da Silva em 1988, ano em que a Aciscs completava 50 anos de fundação. E, como “presente” pelo Jubileu de Ouro, a Facesp realizou uma reunião no local recém-inaugurado.

Apesar de ser apartidária, a associação busca criar uma relação de mão dupla com o poder público. Mas não foi somente em épocas em que os interesses divergiam que a Aciscs pôde contar com o apoio de grandes empresas estabelecidas em São Caetano, como a General Motors do Brasil e a Casas Bahia. Durante toda a trajetória da instituição, a iniciativa privada sempre contribuiu para que diversos

Sala da antiga sede, localizada na Rua Rio Grande do Sul, onde eram realizados os atendimentos do Serviço Central de Proteção ao Crédito

Acervo/Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul



projetos fossem colocados em prática.

Outra conquista da associação foi alcançada no dia 3 de junho deste ano, quando foi sancionada uma lei que instituiu no calendário oficial de datas e eventos do município o dia 23 de fevereiro como o Dia da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul.

**Associados** – É importante esclarecer que nem todos os estabelecimentos comerciais da cidade são ligados à Aciscs. Sendo assim, parte das ações promovidas pela associação atinge apenas seus afiliados. É o caso de uma ação de marketing promovida pela entidade no mês de maio de 2013 que sorteou viagem e estadia a Buenos Aires por meio de um concurso cultural que incentivou as compras nas lojas associadas. Porém, outras atividades acabam abrangendo grande parte dos estabelecimentos, como a decoração natalina, que com o apoio da prefeitura, será montada nos centros comerciais para chamar a atenção da população no final do ano.

Na atual administração, comandada por Mauro Laranjeira, uma das metas é aumentar o contingente de associados, ampliando, por consequência, o poder da entidade. Atualmente são cerca de 700 associados para um universo que Laranjeira estima ser de cinco mil estabelecimentos comerciais, 800 indústrias e 19 mil prestadores de serviço.

Quatro frentes de trabalho foram estabelecidas para ouvir e atender às solicitações dos associados, sendo três delas mais importantes e imediatas. A primeira é uma comissão de marketing, que tem como principal objetivo a elaboração de um calendário promocional para 2013 para fidelizar o consumidor. Ele engloba Dia das Mães (segundo domingo de maio), Dia dos Namorados (12 de junho), Dia dos Pais (segundo domingo de agosto), Dia das Crianças (12 de outubro) e Natal (25 de dezembro). No ano que vem estuda-se



a inclusão do Dia Internacional da Mulher (8 de março) e do Dia da Secretária (30 de setembro).

A segunda diz respeito à promoção de palestras e cursos, com a ajuda do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Relações no Trabalho, tendo como alvo a excelência na gestão e no atendimento. Já a terceira comissão foi formada por conta de uma reivindicação de grande parte dos estabelecimentos comerciais: a revisão da Lei Cidade Limpa. A associação entende que é necessário alterar certos trechos nos quais constam determinadas proibições e aplicações sem descaracterizar o objetivo da lei.

**Diretoria** – Segundo o novo estatuto, estabelecido em 2010, a diretoria executiva é composta por 41 membros, sendo um presidente, cinco vices, um secretário, diretores adjuntos e dez suplentes. Um terço da nova diretoria deve ser composto por ex-diretores.

A cada três anos são realizadas novas eleições, sendo que, no caso de haver chapa única, um único voto já é suficiente. No caso de haver duas



Arquivo/Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul

Na imagem Samuel Klein descerra a placa da Aciscs acompanhado por Flavio de Souza, Roberto Fiúza e João Pedro Pedullo



Arquivo/Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul

Imagem mostra uma das reuniões executivas promovidas pela associação. Entre os presentes estavam Flavio de Souza, Luiz Berton, João Pedro Pedullo, Moacir Passador Júnior, Jorge Laranjeira, Michel Aber, Alarico Suhadolnik, Mauro Vincenzi Laranjeira e Roberto Fiúza

ou mais, ganha aquela que tiver maioria. Além da diretoria, há um conselho fiscal formado por três membros e três suplentes. Todos os ex-presidentes de diretoria e de conselho são considerados conselheiros vitalícios. É para eles que a cada três meses a diretoria que está em vigor deve prestar contas. Esta é uma maneira de permitir que quem já passou pelos cargos possa continuar participando dos acontecimentos, ajudando a nortear os caminhos de quem agora está no poder.

**Desafio** – Um dos maiores desafios ainda enfrentado pela Aciscs é o de combater a mentalidade de que é melhor comprar em São Paulo. Em um retrato do comércio dos anos 1950, publicado na edição 26 da revista *Raízes*, já é possível encontrar a seguinte descrição: “A forte atração exercida pelo comércio da capital tem desencorajado os investimentos no setor comercial de São Caetano do Sul, tanto por parte das grandes cadeias de lojas como dos comerciantes locais”.

É exatamente por isso que a Aciscs pretende reforçar as campanhas promocionais, para mostrar que os consumidores encontram o que desejam na cidade, muitas vezes por um preço mais acessível, e que é preciso que eles conheçam e prestigiem o que é ofertado. Se por um lado, há diversas vantagens de se estar a um passo de São Paulo, por outro a proximidade acaba por prejudicar o comércio local.

Então, de cabeça erguida e com respeito aos 75 anos de experiência, a associação continua a se inovar, tendo para 2013 o slogan: “Aciscs que faz mais pela gente”. **R**

---

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA  
 RUSSO, Alexandre Toler. Panorama geral do comércio nos anos 50. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 26, p. 11-15, dez.2002, p. 12

---

**MARÍLIA TIVERON**

É JORNALISTA FORMADA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO E COLABORADA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

# OS 90 ANOS DA IGREJA PRESBITERIANA FILADÉLFIA EM SÃO CAETANO

**E**ra então um dia normal do mês de fevereiro de 1923 quando alguns pastores, inspirados por Francisco Móra, decidiram iniciar uma grande empreitada na cidade: a criação da Igreja Presbiteriana Filadélfia. Em um primeiro momento as atividades eram realizadas em um prédio localizado na Rua Senador Fláquer, nº 121, no Bairro São José, em São Caetano do Sul. A tarefa tinha apoio da



Arquivo/Igreja Presbiteriana Filadélfia

Um dos primeiros registros da Igreja Presbiteriana Filadélfia, em data não identificada



Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo e de Elieser dos Santos Sarai-va, que exercia o cargo de superintendente geral das escolas dominicais das congregações irmãs.

“A igreja foi criada porque não havia ainda templos evangélicos em São Caetano do Sul. A Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo entendeu que a cidade oferecia um campo interessante de trabalho e assim deu início à primeira igreja evangélica. Foi a primeira no ABC e, por isso, transformou-se na base de várias igrejas presbiterianas da cidade e região. Depois de sua criação, outros pontos de pregação surgiram, tornando-se igrejas no futuro. A de São Caetano sempre teve importância na comunidade, tanto pelos trabalhos sociais desenvolvidos quanto pela assistência prestada aos fiéis”,

relata Davi Galvão Boldori, pastor da igreja da cidade desde 2006.

Nos dois primeiros anos, a congregação funcionou na Rua Senador Fláquer e depois se transferiu para um prédio na Rua Rodrigues Alves, no Bairro da Fundação. Nessa época, durante um culto realizado em um lar crente de Santo André, cogitou-se a instalação de uma Escola Dominical em São Caetano. A ideia foi absorvida pelos reverendos Mathatias Gomes dos Santos, Miguel Rizzo Júnior, Rodolpho Nogueira e Avelino Boa Morte. “Todos eles foram importantes em várias partes do Brasil. A minha avó, que morou no Rio de Janeiro, já dizia o quanto o reverendo Mathatias havia sido importante por lá. Muitos outros pastores e presbíteros passaram pela nossa história, homens que foram muito preciosos nesta obra. Agradecemos a Deus por suas vidas”, lembra o reverendo.

Em 1928, mais uma mudança na trajetória da congregação, que se mudou para um edifício na Rua Heloísa Pamplona, também no Bairro da Fundação, e lá ficou por dez anos. Nesse período já se projetava a compra de um terreno em São Caetano e a construção de uma igreja. Mas só em 1937, por intermédio de uma comissão formada pelo pastor reverendo Renato Ribeiro dos Santos e pelo superintendente da Escola Dominical Luiz Fernandes Eustáquio, se iniciou uma campanha financeira para a compra do espaço onde seria construído o templo. No dia 31 de outubro do mesmo ano, a comissão escolheu um terreno na esquina das ruas Niterói e Goitacazes, no Bairro Centro.

No ano seguinte, em 13 de maio de 1938, exatamente às 15h30, foi lançada a pedra fundamental do novo prédio com o cântico do hino 552 dos Salmos e Hinos, e com a leitura da palavra do *Primeiro Livro dos Reis* (1Rs 6:11-19). Na cavidade da pedra foram colocados os seguintes objetos: uma Bíblia, alguns jornais diários, pe-



Foto: Antonio Reginaldo Camioni

Reverendo Davi Galvão Boldori, pastor desde 2006 da Igreja Presbiteriana Filadélfia em São Caetano do Sul



Foto: Igreja Presbiteriana Filadélfia

Fachada da Igreja Presbiteriana Filadélfia. Foto da década de 2000

riódicos evangélicos, moedas correntes e a cópia da ata na qual ficou registrada essa solenidade. Durante a cerimônia estiveram presentes Isaac Mesquita, representante da Igreja Presbiteriana Unida e Vila Mariana, reverendo Avelino Boa Morte, representante da Congregação de Betânia e Bela Vista, Antônio Vidal, da Igreja Batista de São Caetano, e Miguel Rizzo Júnior, pastor da Igreja Presbiteriana Unida.

O prédio foi inaugurado no dia 10 de julho de 1938. Um ano depois a congregação recebia os seus primeiros fiéis sob a liderança do pastor Henrique de Oliveira Camargo. Ele foi substituído, em 1944, por Mário de Cerqueira Leite Júnior, que contou com a colaboração de Oswaldo Alves e Boanerges Garcia para a eleição dos primeiros presbíteros, diáconos e da primeira diretoria do conselho da recém-organizada igreja.

No dia 21 de janeiro de 1946 foi aprovada pelo presbitério a alteração do nome da igreja incluindo a palavra Filadélfia, tornando-se, assim, Igreja Presbiteriana Filadélfia. A história da igreja sempre esteve intimamente ligada à trajetória de São Caetano, acompanhando sua emancipação e industrialização.

No dia 23 de novembro de 1958, o reverendo Ludgero Machado de Moraes realizou o lançamento de outra pedra fundamental em diferente terreno, na Rua Goitacazes. O projeto da nova igreja foi desenvolvido pelo engenheiro Jurandir Gonçalves Alves da Cunha. Porém, dois anos após seu início, a construção foi paralisada por questões financeiras. As obras só foram reiniciadas em 1967, sob liderança do pastor Ismael de Oliveira. Em 1968 o velho templo foi demolido para dar lugar ao novo edifício. A mudança completa para a Rua Niterói, nº 226, foi realizada em 1971, com o reverendo Joaquim Rodrigues Mourão.

Em 1988, a Igreja Presbiteriana Filadélfia, que tinha como pastor o reverendo Foulton

Nogueira, voltou a ter a denominação de Congregação Presbiterial e só em 1990, após uma reunião da mesa administrativa do Presbitério de São Caetano, reassumiu seu status de igreja. No mesmo ano, no dia 12 de agosto, foi realizada uma reunião de reorganização da igreja que contou com a presença de Adriano Félix de Almeida, Aguinaldo Moura Ferreira, Rubens Leite, César Ferrari Neto, Drausio Piratininga Gonçalves, Orlando Cintra, Wagner Pertton e Valmir Leite.

Até os dias de 2013 estiveram à frente da igreja os reverendos João Emerick de Souza, José Roberto Corrêa Cardoso, Alexandre Rocha Petenati, Saulo de Almeida e o pastor atual, reverendo Davi Galvão Boldori.

**Tradições** - Boldori conta que, na época da criação da igreja, os cultos eram diferentes dos atuais, pois seguiam uma linha reformada do presbiterianismo. “Nos cultos sempre houve a leitura da palavra, cânticos de hinos, corais, orações, o povo falando a Deus, e a pregação da palavra. Esses momentos sempre foram organizados e entrelaçados. Se o pastor falava sobre determinado assunto, os cânticos e orações eram relacionados ao mesmo tema. Hoje, os cultos seguem essa mesma estrutura, mas levamos em conta a cultura contemporânea. Temos não só os hinos dos séculos 16 e 17, mas também estilos diferentes. Fazemos o uso de tecnologia, com projeções de textos, e o uso de imagens e vídeos, dentro de uma linha litúrgica organizada e contemporânea. Celebramos os sacramentos batismo e Ceia do Senhor, e também casamentos, que são cultos nos quais é pedida a bênção de Deus. O pastor costuma acompanhar o casal antes e depois do casamento”, exemplifica o reverendo.

A Igreja Presbiteriana Filadélfia é uma igreja de tradição histórica reformada. “Filadélfia é o nome de uma das igrejas que está em *Apocalipse*,



Arquivo Igreja Presbiteriana Filadélfia



Arquivo Igreja Presbiteriana Filadélfia

Culto de comemoração dos 50 anos da Igreja Presbiteriana Filadélfia, realizado em 1973

Alunos da escola bíblica dominical em foto de 1952

capítulo 3. A nossa filosofia gira em torno da Reforma Protestante do século 16, principalmente no que diz respeito ao zelo pela palavra de Deus e à Confissão de Fé de Westminster. Agimos tendo por base os preceitos da Igreja Presbiteriana do Brasil. Temos como propósito ser fiel à palavra de Deus, atentos a seu tempo, cultura, visando comunicar, de forma relevante, a vida que há em Jesus, de forma criativa, acolhedora e transformadora.”

**Um pastor dedicado** - Davi Galvão Boldori, de 39 anos, nasceu e foi criado em São Caetano do Sul. Formou-se em teologia pelo Seminário Presbiteriano José Manuel da Conceição, em 1999. Foi licenciado para o ministério em 2000 e, em 2001, ordenado pastor. Atualmente faz um curso de integralização de créditos pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Boldori tem uma trajetória intensa dentro da igreja presbiteriana. Antes de trabalhar em São Caetano, foi pastor na Igreja Presbiteriana de Vila Califórnia, em São Paulo.

O chamado para se tornar pastor aconteceu em sua vida quando menos esperava. Ele era

membro da Congregação Presbiteriana de Vila Califórnia e, certo dia, estava ouvindo uma pregação sobre o capítulo I do *Livro de Jeremias* para ser instrumento nas mãos de Deus. Segundo Boldori, neste dia, “Deus despertou sua vocação de uma forma irresistível”. Na época, ele conversou com o pastor Alexandre Rocha Petenati, que o orientou a amadurecer a ideia. Durante o ano, o jovem se aproximou mais do pastor e acompanhou todo o seu ministério. Em 1995, Boldori então abandonou sua profissão de técnico em eletrônica, passando a se dedicar apenas à igreja. O pastor destaca como um dos pontos mais importantes para o nascimento de sua vocação o zelo de sua família com relação à sua preparação cristã, porque desde pequeno frequentava a Igreja Presbiteriana de São Caetano do Sul.

Foi convidado para dirigir a igreja, quando a mesma passava por um processo de estagnação. “Fui convidado para fazer um trabalho de revitalização. É uma tarefa difícil, especialmente por ser uma igreja de tradição tão antiga. Mas hoje percebo que estou colhendo alguns frutos preciosos desta fase de transição”, relata. Seu maior desafio é apontar os diferenciais de sua crença, sem, porém, julgar as outras igrejas. “É preciso mostrar cuidado com relação ao uso da palavra de Deus, de uma forma que não fique só na teoria, mas que possa ser aplicada na prática, mostrando valores e estratégias”, conta.

E explica que “entre as dificuldades que enfrentamos hoje estão algumas situações novas para as quais precisamos nos adaptar para comunicar a palavra de Deus com fidelidade. O nosso objetivo é conseguir criar estas pontes de comunicação”. Para atrair mais fiéis, o reverendo tem usado várias estratégias. Uma delas é buscar a integridade no ensino e na prática da bíblia, mantendo um equilíbrio sadio nas áreas essenciais da igreja, comprometido com as plantações de novas igrejas e com o alcance de pessoas inse-

ridas na cultura urbana da cidade.

“Estamos promovendo uma atividade diferente que é manter a igreja aberta das 11h30 às 13h, todos os dias. Entendemos que, como estamos localizados em um centro comercial, precisaríamos fazer algo que servisse a esse público, resolvemos então oferecer um espaço para que qualquer pessoa possa se dedicar à oração, ao silêncio ou ao sossego. Colocamos a igreja à disposição da sociedade. Encontramos alguns fatos interessantes, pessoas que estão passando por grandes problemas e entram para orar. Depois de alguns dias, elas voltam e agradecem aquele momento. Mas esse é um trabalho que está começando, temos outros planos”, finaliza.

Atualmente, a Presbiteriana Filadélfia é a sede do presbitério de São Caetano do Sul, que compreende a Igreja Presbiteriana de São Caetano do Sul, no Bairro da Fundação, que é a maior igreja do mesmo, a Igreja Presbiteriana de Vila Gerty, a Igreja Presbiteriana de Rudge Ramos, a Igreja Presbiteriana de Vila Paula, a Igreja Presbiteriana de Vila Guiomar, a Igreja Presbiteriana de Utinga (estas duas últimas em Santo André) e a Congregação na Vila Califórnia, em São Paulo. (Priscila Gorzoni) **R**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

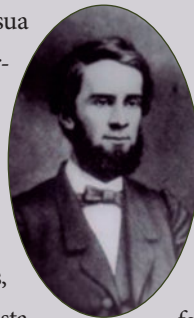
RUSSO, Alexandre Toler. *Caminhos da Fé*: itinerário dos templos religiosos de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004.  
TOROPOV, Brandon; BUCKLES, Padre Luke. *O guia das religiões no mundo*. São Paulo: Editora Madras, 2006.

Site: [www.ipb.org.br](http://www.ipb.org.br)

## O presbiterianismo

O presbiterianismo teve início na Escócia, durante a Reforma Protestante no século 16. Esse movimento religioso teve como inspiração a doutrina calvinista. Segundo Alexandre Toler Russo, em *Caminhos da Fé*, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, a proposta desta linha religiosa está relacionada ao seu nome. O vocábulo presbiteriano tem sua origem na raiz grega *presbítero* ou *ancião*, termo designado pela igreja primitiva para os tipos de ministérios.

Como forma de organização especial, a supervisão dos trabalhos clericais fica a cargo dos presbíteros e não dos bispos, como na Igreja Católica Romana. Dentro desta filosofia, o único chefe da igreja é Cristo e todos os fiéis são sacerdotes e responsáveis pela glorificação de Deus e pela pregação do Evangelho. Existem diferentes dons entre os cristãos, que se expressam por meio de inúmeras formas ministeriais. Os ministros, por sua vez, são eleitos por congregações e desempenham funções de caráter representativo. A bíblia ocupa um lugar central na vida do fiel e a interpretação do livro religioso



está de acordo com as concepções calvinistas.

No entanto, os presbiterianos aceitam os credos “tradicionais” do cristianismo e dão destaque especial à doutrina da predestinação. No Brasil, as igrejas presbiterianas surgiram das atividades missionárias norte-americanas realizadas em meados do século 19.

O primeiro pregador presbiteriano a chegar aqui foi Ashbel Green Simonton, em 1859. O presbiterianismo brasileiro está dividido em dois grupos: a Igreja Presbiteriana do Brasil, que é resultado das primeiras ações missionárias, e a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, surgida em 1903.

No país, os presbiterianos compõem uma federação de igrejas locais que adota a bíblia como a única regra de fé. Com uma comissão executiva, o grupo desenvolve seu governo mediante concílios e indivíduos. Os concílios da Igreja Presbiteriana do Brasil são compostos de conselhos, que exercem a jurisdição sobre a igreja local; o presbitério, que coordena os ministros e conselhos de determinada região; o sínodo, que comanda três ou mais presbitérios, e o supremo concílio, que gerencia todos os concílios.



Arquivo Maria Tomé Nogueira

Maria Tomé quando jovem

## A ÚLTIMA HERDEIRA DE GIOVANNI TOMÉ



Foto: Antonio Reginaldo Carlini

Quando a dona de casa Maria Tomé Nogueira, 92 anos, chega à sala da entrevista, impressiona pela simpatia. Sua aparência não é a de uma senhora com tanta experiência de vida, mas a de uma mulher bem mais jovem. Ela entra na sala animada para contar sua história e quer ser fotografada. Logo diz: “Gosto de tirar fotos”.

Essa é a primeira vez que vejo uma descendente da família Tomé. As famílias dos patriarcas Giovanni e Tommaso Tomé se instalaram no então núcleo colonial de São Caetano em 28 de julho de 1877 com a primeira leva de imigrantes italianos. Maria é a única descendente viva de Giovanni Tomé e ainda mantém uma memória perfeita.

Atualmente Maria mora em São Bernardo do Campo, mas passou sua infância e vida adulta em São Caetano do Sul. Na cidade, trabalhou, casou e criou os filhos. Chegou à região quando tinha 9 anos, na década de 1930. “Nós morávamos em São Paulo, na Vila Bela, quando a minha mãe ficou viúva e resolveu em 1934 vir

para São Caetano, onde viviam seus parentes. Fui registrada no dia 16 de julho de 1920. Nasci em Elias Fausto, uma cidade próxima a Campinas. Minha mãe se chamava Francisca Tomé e meu pai Batista Tomé. Ela já havia morado na cidade e era parente de Giovanni Tomé, um dos pioneiros”, relata Maria.

Sua mãe era italiana e veio da terra natal para o interior do Brasil, região de Campinas. De lá partiu para Jundiaí, onde morou por dois anos. Em São Caetano, passou a morar nas casas de funcionários das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. “Naquela época a vida era muito boa, embora fôssemos pobres. Na Matarazzo, eu queria me ocupar dos maquinários e costumava falar para o meu chefe: ‘Seu Guido me dê uma máquina para trabalhar’. Ele respondia que eu era muito nova para mexer com aqueles equipamentos. Mas eu fui ficando na Matarazzo até que eles me deixaram trabalhar na área com 14 anos. Naquela época as crianças começavam cedo. Frequentar escola era mais difícil, não havia tantas instituições de ensino em São Caetano. Apesar disso, comecei a estudar em Jundiaí e, quando vim para cá, esta-

Maria Tomé Nogueira: “Gosto de tirar foto!”

va no terceiro ano. Como já era grande para ficar na escola pela manhã, fui estudar à noite. Mas eu e minha irmã não estudamos por muito tempo, pois era um sacrifício enorme. Mais tarde, quando meu marido já havia morrido, estudei no Bairro de Rudge Ramos, em São Bernardo. Quando ele estava vivo, não me deixava estudar. A maior parte do tempo dedicávamos ao trabalho, pois era complicado, não tínhamos tanta folga como nos dias atuais, mas dava para se viver. Eu acordava às 4 horas da manhã e não tinha finais de semana. Trabalhei muito. Nos poucos dias de folga que tínhamos, aproveitávamos para ir ao cinema e a bailes. Eu tinha uma turma boa de amigas, que gostava de viajar de trem para Santos nos finais de semana.”

Embora a vida fosse mais fácil em alguns aspectos, hábitos simples como tomar banho exigiam muita habilidade e criatividade. Maria conta que, para que pudesse fazer sua higiene, seu irmão precisou improvisar uma lata de 20 litros e fazer um chuveiro. De seus dois irmãos, um ficou morando com os tios em uma fazenda e o outro era muito doente e por isso não trabalhava. Naquela época a medicina era muito restrita, existiam poucos médicos que atendiam a pacientes em casa, e não havia nem hospital nem velório. Quando alguém morria era necessário carregar o morto até o cemitério. Na cidade só havia dois, o Santa Paula e o da Cerâmica.

As comidas eram como as atuais, mas como a mãe de Maria era italiana, costumava fazer o macarrão artesanalmente. “Fazia a massa, modelava e colocava o molho, que era caseiro. A minha mãe costumava misturar banha com óleo para cozinhar. Ela tinha a ‘mão santa’ para fazer macarrão em casa, essa era a sua especialidade. Dava muito trabalho, mas antigamente a turma não se preocupava com isso, todo mundo esperava.” Maria herdou este talento de sua mãe: “Uma vez, no Natal, preparei o macarrão comprado e o

artesanal. Ninguém comeu o que veio pronto, todos preferiram aquele feito em casa. É fácil fazer, primeiro eu misturo o ovo e a farinha, sem colocar água. Faço a massa, deixo secar e corto como desejo. Fica muito gostoso”.

**A cidade** - Até hoje Maria se lembra da São Caetano da década de 1930. A cidade era bem diferente, as casas de comércio eram baixinhas e tinham uma porta só. Para comprar botão, linha de costura e enfeites precisava se deslocar até o Bairro do Brás, em São Paulo. “Os comerciantes de São Caetano eram turcos. Eles compravam os produtos na capital e depois vendiam para nós. As ruas eram bem distintas das atuais. Na Rua Alagoas ficava um circo que sempre vinha à cidade. Na área onde hoje está o Edifício Vitória havia parques de diversões grandes. Havia muitos lugares de lazer para frequentar em São Caetano. Eu não tinha medo de andar à noite, porque nada de ruim acontecia. Não tinha luz elétrica, era tudo escuro, mas nós não ligávamos, usávamos a claridade da lua para nos guiar. O transporte era mais difícil, pois havia poucos trens e ônibus e as ruas eram de terra. Os primeiros coletivos que vi faziam pontos nas porteiras dos trens.” No entanto, a recordação mais viva de Maria é o primeiro mercado municipal de São Paulo, que era totalmente diferente do atual. “Era pequeno e bem distinto”, recorda.

**O casamento** - Com 23 anos, a vida de Maria mudou radicalmente. Sua mãe faleceu e ela, ainda solteira, mudou-se para a casa de duas irmãs, uma delas chamada Josefina, que era casada. Nessa época, morando na divisa de São Caetano com São Paulo, conheceu seu marido. “Casei-me com Agenor Nogueira quando eu tinha 27 anos. Eu o conheci no Cine Max, que ficava perto da estação de trem. Naquele período os relacionamentos entre homens e mulheres eram bem diferentes e de muito respeito. Era muito gostoso. Nós logo nos

casamos, pois já tínhamos muita idade. O casamento aconteceu na Igreja Matriz Sagrada Família. Então fui morar com minha sogra. Mas, como eu queria morar sozinha, meu marido arrumou uma casa pequena de quarto e cozinha na Rua Piauí. Nós moramos no local durante dez anos”, conta.

Mesmo depois de casada, Maria continuou trabalhando na Matarazzo, até que seu primeiro filho nasceu. “O meu marido não me deixava trabalhar, porque eu tinha o bebê pequeno. Tivemos três filhos (Cláudio, Roberto e Achiles) e eu me tornei dona de casa. Antigamente a forma de educar era bem diferente da atual. Eu só dormia quando os meus filhos chegavam da rua”, lembra.

Agenor Nogueira era fundidor na General Motors e até falecer, manteve-se nesse ofício. “Ficamos casados por muitos anos e fizemos inclusive bodas de prata. Quando ele faleceu fiquei totalmente sozinha, pois meus filhos já estavam adultos e tinham tomado os seus rumos”, relata.

**Morte e mudança** - Após morar na Rua Piauí, Maria e o marido se mudaram para uma casa na Rua Maranhão. Nessa época, os três filhos do casal já estavam grandes. Sua mudança para o Bairro de Rudge Ramos aconteceu depois do trauma de perder o filho mais velho, que trabalhava na mesma empresa do pai. “Ele faleceu com apenas 20 anos de idade em um acidente na linha de trem em 1968. Como o velório foi realizado em minha casa, ficou muito difícil continuar vivendo no local. O BNH (Banco Nacional de Habitação) começou a distribuir casas em São Bernardo, então meu marido comprou uma. Eu queria sair da Rua Maranhão de qualquer jeito. A lembrança era muito forte. Nunca mais morei em São Caetano, embora goste muito daqui. Perder um filho foi como acabar o mundo. Eu passava sempre na frente do quarto dele, e sofria com a sua falta. Per-



Agenor/Maria Thomé Nogueira

Os filhos de Dona Maria e Agenor Nogueira: Cláudio, Roberto e Achiles



Agenor/Maria Thomé Nogueira

Dona Maria e os filhos Roberto e Achiles

cebi que não dava para ficar mais em São Caetano”, relembra Maria.

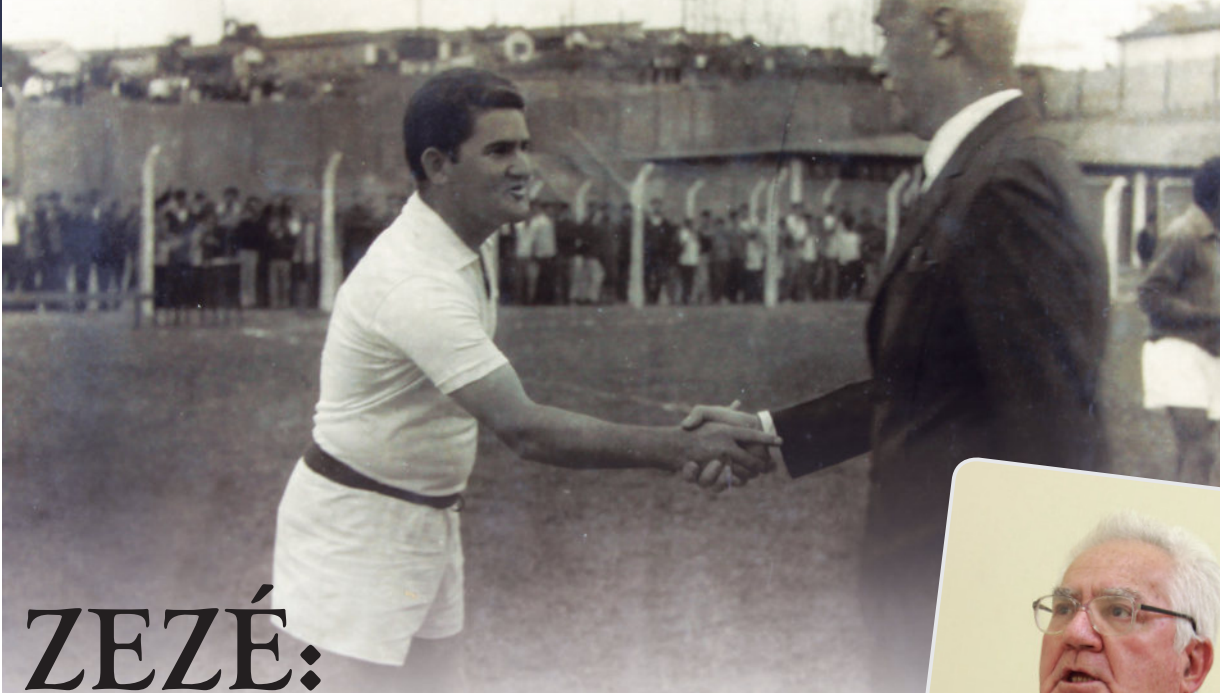
**Panfletos e fuga** - Antes de vir para São Caetano com a mãe, ainda morando em Jundiaí, Maria viveu situações inusitadas. “Na Revolução de 1932 começaram a distribuir folhetos para sairmos da cidade, dizendo que haveria um bombardeio. A minha mãe resolveu fugir com os filhos, mas o meu irmão quis ficar. Eu tenho um conhecido que precisou pular o nosso portão para fugir da surra que os gaúchos estavam dando nele. Ele apanhou demais. Naquela época nós tínhamos medo, teve gente que se escondeu embaixo da ponte. Nós fomos para uma fazenda que tinha um quarto inteiro de tábuas, ficamos de dois a três dias lá. Por sorte deu tudo certo”, finaliza. (Priscila Gorzoni) **R**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul 1992.

*Diário de fim de século: notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX*. São Caetano do Sul: Fundação Pró Memória de São Caetano do Sul, 1998.

Flagrante de sua época de jogador, no Estádio Distrital Carlos Joel Nelly, em 1968



Arquivo José Pires Maia

# ZEZÉ:

## O HOMEM DAS 1.000 VEZES

Zezé é memória viva do esporte em São Caetano do Sul e figura conhecida na locução dos jogos da cidade. Sua vida está intrinsecamente ligada à do São José Futebol Clube, fundado em 1954. Nele atuou por 18 anos como atleta e diretor.

José Pires Maia, o Zezé, figura conhecida na locução dos jogos de São Caetano do Sul



Foto/Antônia Reginaldo Carlini

“**E**nquanto a cor da pele for mais importante do que o brilho dos olhos, sempre haverá guerra”, frase do cantor Bob Marley que Zezé costuma utilizar em suas locuções.

A voz de José Pires Maia, o Zezé, de 74 anos, funcionário da Secretaria Municipal de Esportes de São Caetano do Sul, ecoa pelo saguão do prédio. O timbre forte e afinado dá a impressão de que é locutor de programa de rádio. Sua voz é imponente, forte e tem personalidade. Não à toa tornou-se conhecido por suas locuções nas partidas da cidade. Sua marca registrada são as mensagens que emite durante as narrações. Elas são retiradas de filósofos, pensadores e ditos de sabedoria popular. Entre os mais lembrados estão Bob Marley, Martin Luther King, Dalai Lama e Carlos Drummond de Andrade.

A locução surgiu na vida de Zezé em 1996. Desde

então, ele registra e separa por modalidade cada uma delas. “Apresento o jogo, os jogadores, o hino, os árbitros e, no decorrer da partida, soltamos as mensagens. Isso é inédito, não faço o trivial como na maioria das locuções. Eu sinto a diferença do público com relação às mensagens. Eu levo em conta os espectadores e solto as frases de acordo com o que observo”, afirma.

Uma das mais famosas é a de Martin Luther King, que diz: “Aprendemos a voar com os pássaros, e a nadar com os peixes, mas não aprendemos a conviver como irmãos”. Uma vez Zezé a citou e teve como retorno o aplauso do público. “Chorei porque percebi o sentimento das pessoas nesse momento”, ressalta.



Mas essa não foi a única vez que as locuções lhe renderam emoção. “Uma das que mais me deixou comovido foi quando me enviaram um papel com os nomes de cinco pessoas, todos da mesma família, sendo um deles o de um garoto especial. Na saída, eles me esperaram e agradeceram por eu ter citado seus nomes”, exemplifica.

Em outra ocasião, em um festival de basquete no Bairro Barcelona, estavam reunidas cerca de 300 pessoas e, como sempre, Zezé se dirigiu ao público e pediu silêncio para cantar o hino nacional. “Quando olhei para a plateia, vi um homem do tiro de guerra. Após o canto, me chamou e disse que havia feito ele chorar”, lembra.

O locutor se tornou tão famoso que, ao se levantar da cadeira, lemos na parte de trás de sua camiseta a seguinte frase: 1.000 vezes Zezé. Ao ser questionado sobre os dizeres, ele explica, com orgulho, que ganhou a peça de vestuário quando completou 1.000 locuções esportivas. “Os meninos do vôlei fizeram rateio e a compraram. Quem criou a frase foi o professor Márcio Bernardes, que me convidou para uma participação no programa *Globo Esporte*. Hoje são 1.021 locuções de praticamente todas as modalidades esportivas. Era uma utopia que se tornou realidade”, recorda.

**Filho de português** - Zezé nasceu no dia 13 de janeiro de 1939 na cidade de Serra Azul, em São Paulo, mas veio ainda criança para São Caetano do Sul, trazido pelos pais, Álvaro Girão Maia e Maria Rosa Zanirato Maia. Por isso, considera ter duas nacionalidades.

A mãe de Zezé era descendente de italianos, trabalhou na colheita de café em Serra Azul, e depois tornou-se dona de casa. “Ela foi um exemplo de vida. Partiu com mais de 90 anos, lúcida, e nos deixou um legado muito bom. E agora sou eu quem tenta passar esses valores adiante.”

O pai de Zezé era português, veio da cidade de Pereira Barreto para o Brasil com 8 anos de idade. Os pais se conheceram em 1937, em Serra

Azul, casaram-se e tiveram sete filhos, sendo seis meninos e uma menina. Zezé é o primeiro filho do casal. Ele ajudou a cuidar dos irmãos quando o pai morreu prematuramente, aos 60 anos.

Ao chegar a São Caetano, em 1945, o pai de Zezé trabalhou no almoxarifado da Cerâmica São Caetano. “Como já possuía algum conhecimento, logo foi contratado. Depois abriu um bar com dois amigos, em frente ao Bosque do Povo. Com o tempo, a sociedade se desfez e ele ficou sozinho. Também tínhamos uma mercearia, chamada Flor da Vila, que ficava na antiga Rua Caramuru (atual Rua Engenheiro Armando de Arruda Pereira). Nessa época já éramos uma família numerosa. Como não tínhamos muitos recursos para estudar, apenas alguns dos meus irmãos se formaram. Um deles foi o Luis Carlos que trabalhou como professor e diretor de uma escola técnica de São Caetano”, conta.

**Do balcão ao futebol** - Antes de ser locutor, Zezé ocupou diversos cargos. Assim como todos os filhos do casal, seu primeiro trabalho foi no balcão do bar e da mercearia da família. “Trabalhei lá durante cinco anos. Entre 1946 e 1949, estudei na escola de padres, onde hoje fica o (Instituto de Ensino) Sagrada Família. Como todo garoto, tínhamos vontade de continuar estudando, mas não era possível devido aos muitos irmãos que tinha”, relata. Zezé ainda trabalhou em uma farmácia na Rua

Foto do bar da família na década de 1950. Na foto aparece Zezé, então com 15 anos, ao lado dos pais, Maria Rosa Zanirato Maia e Álvaro Girão Maia





Zezé (o quinto da esquerda para a direita) aparece com seus colegas jogadores no Campo Monte Alegre, em 1957

Humberto de Campos, e também como letrista e açougueiro.

Enquanto trabalhava no bar do pai, acalentava o sonho de jogar futebol. Esse não era apenas um desejo seu, mas de todos os garotos da época. Ele se tornaria realidade em 1954, quando resolveu criar o São José Futebol Clube, que teve suas cores baseadas nas da bandeira brasileira. Durante os 18 anos em que ficou no clube, participou de 520 partidas. “O time foi fundado no dia 1º de março e, a partir daí, fizemos uma série de treinamentos na Cerâmica, exatamente onde hoje fica o Espaço Verde Chico Mendes”, lembra.

No primeiro jogo oficial da equipe, Zezé chorou de emoção. “Um dos nossos primeiros dirigentes foi Natale Cavalheiro, que morreu afogado em Santos, em 1964. Naquele tempo não tínhamos aquela vontade de ser jogador de futebol, apenas jogávamos por lazer. Tínhamos muito patriotismo e respeito pelo semelhante. Todos os clubes modestos existiam graças às contribuições dos associados, jogadores e dos moradores abastados. Nós chegamos a reunir em campos abertos mais de mil pessoas em um único jogo. Tudo começou com um campo isolado, espaço que hoje abriga o Bosque do Povo. Depois passaram a ser três campos na cidade. Cada time jogava no seu. Se o São José Futebol Clube ainda existisse, estaria completando 59 anos”, recorda.

Zezé permaneceu no clube como atleta até 1972, quando passou a fazer a parte da administração. E, durante todo esse período, lembra que nenhuma conquista foi fácil. No início não havia espaço para fazer reuniões, para tanto, precisavam

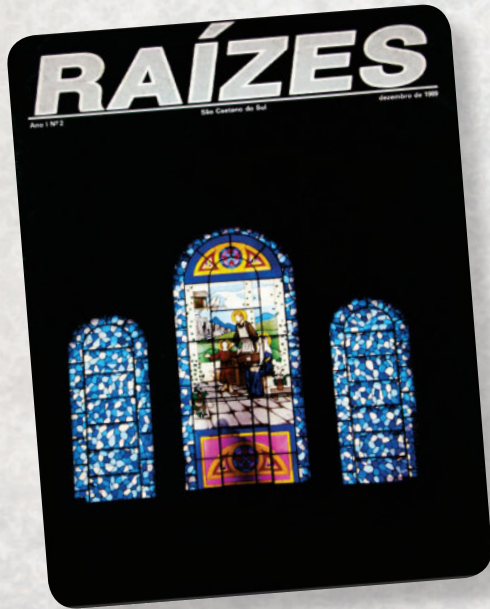
usar a criatividade. “Em 1962, iniciamos uma campanha para conseguir sede própria. A única solução que encontramos foi fazer rifas. Nós sorteamos brindes e, com isso, conseguimos realizar as obras. Ficamos no endereço da Estrada das Lágrimas durante cinco anos (de 1954 a 1959). Mudamos para a Rua Boa Vista e lá ficamos por mais três anos. Depois nos instalamos em uma padaria, cujo dono era muito atencioso. Ele levantou um muro para que o pessoal não nos atrapalhasse. Em 1964, planejamos inaugurar a nova sede com um baile, mas acabou sendo celebrada uma missa por conta do falecimento de Natale”, relata.

Zezé atuou na administração até 1973, quando ocorreram fusões de clubes, criando-se, assim, o Centro Esportivo e Recreativo Vila São José. Atualmente esse centro tenta retomar suas atividades, formar equipes de base e tirar garotos da rua para aproveitá-los no esporte. “Se a criança tiver boa formação, jamais irá se desligar do caminho certo”, ressalta.

**Uma vida de trabalho** – Durante muito tempo, Zezé conseguiu se dedicar ao São José e ao comércio do pai. “Trabalhei no bar até 23 anos e depois parti para uma empresa. Passei por várias delas. Quando deixei a última, em 1990, veio o desespero. Estava difícil conseguir um emprego, por isso saía todos os dias, em grupo, para visitar 20 empresas. Mas, mesmo assim, não conseguia trabalho. Foi então que prestei concurso público para a prefeitura de São Caetano do Sul. Comecei como servente de provedor”, relata.

De lá para cá, Zezé já passou por várias gestões no departamento de esportes até que o local ganhou o título de secretaria. “Estou aqui há duas décadas. Já passamos por diversos endereços, como as ruas Alegre, Nelly Pellegrino e o estádio (Anacleto Campanella). Foi um bom aprendizado.” (Priscila Gorzoni) **R**

## Humberto Pastore



Capa da segunda edição de *Raízes*

Vamos falar de um tempo em que ninguém ainda era usuário do Facebook e nem o celular era algo assim tão comerciável, vamos dizer assim. Estamos retratando o que foi notícia na segunda edição da revista *Raízes*, publicada no mês de dezembro de 1989. Capa e contracapa foram estampadas por imagens dos vitrais da Igreja Matriz Sagrada Família, localizada no centro da cidade.

A publicação teve 48 páginas e trouxe como articulistas pesquisadores de peso, como o sociólogo José de Souza Martins, que falou sobre a vinda do imperador D. Pedro II ao núcleo colonial de São Caetano, no ano de 1878.

Outro colaborador foi Henry Veronesi que retratou o contador de história Cavaliere Zapparoli. Valdenízio Petrolli preferiu escrever sobre a participação da imprensa na emancipação política local, verificada no período de 1928 a 1959.

A quarta colaboração veio do artigo intitulado *Por que aqui?*, de Antonio Andrade, que

explicou os fatores da rápida mudança entre o rural e urbano nos rincões do Tijuçu. As pesquisadoras Maria do Carmo Romeiro e Silvana Pereira Gimenes destacaram os grandes números de um pequeno município. E quatro páginas foram dedicadas à *Memória Fotográfica*.

O jornalista Aleksandar Jovanovic contou *Três cenas de bastidor político*. Já o acervo histórico da General Motors foi escrito por Dalva Soares Bolognini, e o *Gosto pelo teatro amador* foi o tema do material entregue por Mário Botteon.

Oscar Garbelotto decidiu mostrar a trajetória da família de Cândido Piccolo da Itália até São Caetano. Já Claudinei Rufini escreveu a pesquisa *As raízes na aldeia*, e no espaço *Homenagem*, Sonia Maria Franco Xavier escreveu *São Caetano, nas lembranças de Casério Veronesi*.

Das matérias que constam da edição número dois de *Raízes*, destacamos um trecho da reportagem que abre a já tradicional revista. Foi em 28 de setembro de 1878 que o imperador Dom Pedro II esteve em São Caetano. No trabalho de sete páginas, José de Souza Martins rebate todas as informações contraditórias, que apontavam que o mandatário do Brasil na época tivesse pernoitado no então núcleo colonial. Em seu estudo, muito bem detalhado, fica claro que o filho de Dom Pedro I só ficara no local por uma hora:

O dia 28 de setembro de 1878 era um sábado. Viajou em trem especial, tendo saído de São Paulo às 15h30, demorou ¼ de hora, conforme anotado. E às 17h já estava em São Paulo. Portanto, saíra às 16h45. As contas apontam que permanecera justamente sessenta minutos. O que ele fez neste período ninguém sabe, pois não existem registros. **R**

HUMBERTO DOMINGOS PASTORE  
É JORNALISTA E ESCRITOR, MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO E DO CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO PRO-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Mário Porfírio Rodrigues

## O JOVEM EMPREENDEDOR QUE SE TORNOU INDUSTRIAL

Seja qual for seu sonho  
comece: ousadia tem  
genialidade, poder e magia.  
Goethe

Acervo/Família Dal'Mas



Victorio Dal'Mas

**P**equenas histórias verídicas têm sido relatadas nas páginas de *Raízes* destacando pessoas e famílias que, no final do século 19, chegaram a um pequeno lugarejo quase deserto (o então núcleo colonial de São Caetano) e venceram diversos obstáculos.

Esses casos, juntos, fizeram a linda história do município. Após meio século de trabalho hercúleo na lavoura, nas olarias e nas indústrias ainda incipientes, esse grupo de abnegados também se julgou adulto e com o direito de se tornar município independente, a ponto de iniciar um movimento, que fracassou em 1928, mas que acabou vingando 20 anos depois.

O nosso enfoque hoje é sobre um garotinho pobre, órfão de mãe aos 3 anos de idade e abandonado pelo pai, que chegou a São Caetano com 15 anos, praticamente sozinho, sem local para dormir e sem ter o que comer. Quatro décadas depois inaugurava sua própria indústria e tornava-se um dos, ou talvez, o homem mais rico da cidade que o acolheu e que aprendeu a amar. É uma história verdadeira, comovente, muito bonita e digna de ser imitada, de um sonho realizado com determinação.

**1888 (Treviso, Itália)** - Os acontecimentos tiveram início no norte da Itália, em Treviso, localidade de onde vieram os colonizadores de São Caetano. No dia 2 de agosto de 1888 nasceu, na cidade de Cappella Maggiore, província de Treviso, Victorio, filho de Giovanni Dal'Mas e Maria Verônica Gava Dal'Mas. Quando o menino tinha 3 anos de idade ficou órfão de mãe, seu pai o abandonou e ele foi recolhido pelo Colégio Salesiano Dom Bosco, na mesma cidade italiana. Na instituição, concluiu o curso primário e aprendeu o ofício de sapateiro.

*Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*



Deixando o colégio com quase 10 anos de idade, foi morar com sua tia Bona Silvestrini, muito religiosa, mas de poucas posses. Com dificuldades financeiras, quatro anos depois, ela resolveu seguir seus conterrâneos e embarcou para São Caetano. Em 1903, logo que chegaram, explicou ao sobrinho que não tinha condições financeiras para mantê-lo e que, infelizmente, ele teria de dar um jeito de viver de forma independente. Diante dessa situação ele deixou a casa da tia.

**Sozinho em São Caetano** - Victorio Dal'Mas não esmoreceu e, aos 15 anos de idade, resolveu ir à luta. O primeiro emprego que encontrou foi o de oleiro, na olaria de João Domingos Perrella que, como outras já existentes na localidade,

produzia tijolos e telhas. Não tendo onde ficar, todas as noites verificava o forno que não estava carregado com tijolos para queimar, para dormir no local. Sabedor dessa situação, Luiz Martorelli, conhecido como Gijo, que tinha idade próxima a de Victorio, conseguiu permissão de seus pais para que o amigo dormisse nos fundos de sua casa. A família de outro amigo, Hermenegildo Netti, ciente do acontecimento, fornecia diariamente uma refeição ao jovem.

Victorio Dal'Mas prometeu às duas famílias que pagaria por essas despesas e por tudo o que estavam fazendo por sua sobrevivência. Realmente, anos depois, ele os procurou, mas nada quiseram receber, ficando registrada uma enorme dívida de gratidão com ambas, que ele jamais esqueceu.

*Forno da olaria onde Victorio Dal'Mas dormia. Foto de cerca de 1903*

**Trabalho e casamento** - Convicto de que essa situação não duraria muito tempo, já homem feito, começou a trabalhar como operário na fábrica de sabão e graxa Pamplona Sobrinho & Cia., indústria que mais tarde seria vendida ao Conde Francisco Matarazzo. No período no qual trabalhou nesta empresa, conquistas importantes aconteceram em sua vida. Bastante dedicado ao trabalho, em pouco tempo foi encarregado pelo gerente industrial, engenheiro Seraphim Constantino, de misturar os itens das matérias-primas, com predominância do sebo. Para o desempenho dessa função ficou também conhecendo o processo de fabricação do sabão.

Em seu trabalho na fábrica, conheceu uma linda moça, operária como ele, quatro anos mais jovem, por quem se apaixonou, e foi correspondido. Chamava-se Antonia Braidó. Como os casamentos eram quase sempre entre membros das famílias de imigrantes italianos, eram naturais, naquela época, questionamentos sobre

Família Dal'Mas, da direita para a esquerda: João, Rosa, a matriarca Antonia com Mário no colo, Victorio e Ettore. Ítalo não havia nascido. Foto de cerca de 1925, registrada pelo fotógrafo Nino Mastronardi (Rua São Caetano, nº 129, São Paulo)

a família do noivo. Portanto, Dal'Mas precisou passar por uma série de perguntas, mas esclarecidos os pormenores, os pais da noiva ficaram satisfeitos e a união foi autorizada. Em 20 de julho de 1912, perante o terceiro juiz de paz, José Mariano Garcia Junior, casaram-se Antonia Braido e Victorio Dal'Mas.



### À procura da independência

– Depois do casamento, o trabalho na indústria continuou normalmente. No exercício das suas funções, o jovem já estava percebendo, há tempos, que os carroceiros que entregavam os resíduos de carne que vinham de açougues e eram a principal matéria-prima para produzir o sabão, estavam, após o descarregamento, dirigindo-se a um bar que existia perto da fábrica para se fartarem com um bom salame, cerveja e, às vezes, até um bom vinho.

Dal'Mas deduziu que eles ganhavam

muito mais do que seu modesto salário com o trabalho de percorrer açougues em busca de sebo. Foi então que, após quatro anos de casamento, e de muito aprendizado na fábrica, pediu demissão. Com uma carroça e um burro, emprestados por seu sogro Giovanni Braido, começou a trabalhar como carroceiro.

Aproveitou os primeiros lucros para comprar seu próprio veículo de tração animal. Logo depois, instalou-se na Rua Herculano de Freitas. Em seguida, adquiriu um enorme ta-



Vista geral das Indústrias Dal'Mas, na Rua Major Carlo Del Prete. Cerca de 1947

Cola e Adubos Distillação Sebo  
Indústrias DALMAS  
Fabricas: SÃO CAETANO S.P.R. S. Paulo

cho de ferro fundido, foi buscar orientação com o engenheiro Seraphim Constantino e passou a derreter o sebo em rama, para vender à fábrica de sabão onde trabalhou. O preço era bem melhor, porque o sebo já estava derretido.

Continuando na base das observações, experiências e ousadia, Dal'Mas visitou uma indústria de cola em Santo André e logo depois adquiriu equipamentos para começar a produzir o material, utilizando ossos que eram desprezados por terceiros. Em substituição ao burro e a carroça, adquiriu um caminhão usado, por meio do qual conseguiu agilizar a retirada nos açougues e as entregas aos seus clientes dos itens que fabricava.

**Novos produtos e fábrica nova** - Transcorridas quase duas décadas, todos esses itens passaram a ser produzidos no complexo industrial da Rua Major Carlo Del Prete, nº 1.074, construído por Victorio Dal'Mas.

Sempre como fruto das suas agudas observações, outros itens começaram a ser retirados do sebo, como estearina, oleína e glicerina

em sua empresa. Ele deu início, também, à produção de adubos para a agricultura e de velas para uso doméstico, com base no sebo e no osso que retirava nos açougues de vários municípios vizinhos de São Caetano.

Os filhos de Antonia e Victorio estudaram e se formaram, mas todos colaboraram ativamente, desde cedo, com os empreendimentos do pai. João formou-se em ciências econômicas e, ainda jovem, guiava caminhão para comprar resíduos nos açougues; Ettore, diplomado em administração de empresa, fazia o mesmo serviço, mas já auxiliado por um motorista (com o transcorrer dos anos, ambos passaram a atuar na parte administrativa); Mário, engenheiro industrial, e Ítalo, advogado, labutavam na produção e na parte jurídica, respectivamente.

**Edifício Vitória** - Com o progresso vertiginoso do seu novo parque industrial e os filhos, já adultos, destacando-se em vários setores da sociedade sul-são-caetanense, Victorio Dal'Mas estava entre os homens mais ricos e notórios de



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Fachada do Edifício Vitória na década de 1950

São Caetano. No dia 2 de fevereiro de 1945 é declarado cidadão brasileiro pelo ministro da Justiça do Brasil.

Colaborou ativamente com movimentos cívicos italianos e vibrou com a criação do município de São Caetano do Sul, em 1948. Além de participar de várias atividades sociais, que comentaremos mais adiante, ele queria deixar para a cidade que o acolheu tão bem, uma obra marcante. Deu início, então, à construção do Edifício Vitória, uma construção de 30 mil metros quadrados. No projeto constavam um cinema, 56 salas comerciais, vários salões de festas e uma grande galeria. Inúmeras pessoas julgaram a obra uma insanidade, alegando que a cidade não comportaria um empreendimento desse porte.

No dia 30 de setembro de 1953, com recursos próprios, sem qualquer ajuda de órgãos governamentais, nem de bancos, o menino pobre, que aqui chegou em 1903, entregou sua obra à cidade que o acolheu. Com a presença do prefeito municipal Anacleto Campanella e demais autoridades, foi inaugurado o edifício, o magnífico Cine Vitória e o salão de festas, que foi palco de grandes acontecimentos políticos, jurídicos, culturais, artísticos e sociais da região. O Edifício Vitória abrigou, de 1953 a 1961, em determinada época, os poderes executivo, legislativo e judiciário.

Em 28 de abril de 1978, São Caetano do Sul perdeu o garoto carente, que se tornou um empreendedor de sucesso e que amou a cidade que o abrigou. Victorio Dal'Mas faleceu aos 90 anos de idade. **R**

## MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

FOI FUNDADOR DO JORNAL DE SÃO CAETANO E DO HOSPITAL SÃO CAETANO. É MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO E DO CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

## O filantropo

Entre o árduo trabalho e os deveres familiares, Victorio Dal'Mas sempre encontrava tempo para participar de entidades associativas e beneficentes, as quais citaremos resumidamente a seguir:

1928 – Aos 40 anos de idade, foi presidente do São Caetano Esporte Clube;

1931 – A Sociedade de Mutuo Soccorso Principe di Napoli, entidade de plano de saúde, estava trocando de diretoria e se encontrava em vias de ir à falência tal o montante da sua dívida. Encarregado de salvar a entidade, Dal'Mas conseguiu pagar as dívidas em pouco tempo, reerguendo a sociedade. Foi aplaudido e homenageado em assembleia geral;

1932 – Foi presidente da comissão da Campanha dos Capacetes de Aço da Marcha Constitucionista de 1932;

1945 – Portaria do ministro da Justiça concedeu a cidadania brasileira a Victorio Dal'Mas;

1952 – Recebeu da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano o título de sócio-fundador;

1960 – Foi agraciado como sócio-benemérito da Associação de Pais e Mestres do Colégio Sagrada Família;

1961 – Recebeu diploma de Industrial do Ano, concedido pelo Grêmio Estudantil 28 de Julho;

1961 – Ganhou também diploma de Honra ao Mérito concedido pelo Rotary Club de São Caetano do Sul;

1961 – Foi agraciado pelo governo italiano com a comenda da Ordem da Estrela da Solidariedade;

1962 – Foi homenageado com o título de Cidadão Sulsancaetanense, concedido pela Câmara Municipal de São Caetano do Sul;

1980 – Prefeitura Municipal prestou homenagem póstuma com um busto na Praça Di Thiene.



Vanusa Nascimento

# CAMINHO TRACADO, METÀ À VISTA



Arquivo Maria Tereza do Amaral Pinto

São Caetano do Sul tem muita história para contar e seus moradores são protagonistas de cada episódio dessa grande enciclopédia que aumenta a cada dia. Neste recorte da vida e história da “pequena terra de várzeas alagadiças” há um personagem que marcou época. É Odilon de Souza Mello, advogado e importante intercessor nas questões políticas e socioculturais da cidade.

Homem de porte alto, robusto, galante, com sua postura e vestes sempre impecáveis, características que atraíam olhares por onde passava, Mello possuía uma imensa força de vontade para lutar por uma sociedade mais humana. Não bastassem todas essas peculiaridades, uma o fazia mais belo e gracioso: seus lindos olhos verdes, que se destacavam com o castanho da pele e do cabelo, que nunca estava em desordem. Eles também transpareciam e remetiam à esperança que carregava consigo, em prol do trabalho e da luta pela cidade que o fascinava.

Filho de Frederico de Souza Mello e Maria Barina de Souza Mello, nasceu no dia 5 de

agosto de 1922 em Santa Lúcia, distrito de Araquara, no interior de São Paulo. Desde menino, era dedicado aos estudos e aos pequenos trabalhos na lotérica de seu pai. Na década de 1940, sua família mudou-se para a capital paulista, onde abriram uma nova loja no mesmo ramo. Conforme o estabelecimento foi dando certo, inauguraram outro em Santo André em seguida. Não demorou muito para o jovem rapaz mudar-se para São Caetano do Sul. Ainda estudante e no auge do movimento autonomista, em 1948, Mello comprou um terreno na Rua Baraldi, no Bairro Centro, e construiu um prédio de dois andares, onde seria seu futuro escritório e residên-

Casamento de Odilon de Souza Mello com Maria Tereza do Amaral Pinto, no dia 15 de novembro de 1959, em Perdigões, na capital paulista

cia por alguns anos. Ele se formou em advocacia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e atuou durante muito tempo ao lado do irmão Ulisses, também advogado, e do amigo Paulo Wolf.

Em meio ao cotidiano agitado, o belo moço conheceu Ivone Tiacci com quem namorou e casou-se no ano de 1953. Os dois tinham muitos planos e sonhos, como todo casal no começo de uma nova vida. Dessa união nasceu o pequeno Odilon, um momento de alegria e felicidade para a família, mas que veio acompanhado de uma grande tristeza, a morte de Ivone durante o parto.

Aos poucos Mello foi reconstruindo sua caminhada. Ele continuava atendendo em seu escritório, cuidando do filho e acompanhando as mudanças políticas e o desenvolvimento de São Caetano. Depois de algum tempo, foi passar férias no litoral paulista e, a partir daqui, este artigo ganha uma nova personagem, que também abrilhantou a história da cidade.

Era verão, e, durante as tardes, Mello ficava com amigos à beira-mar. Exímio observador, logo percebeu a bela jovem, que como ele também estava de férias com a família. Era Maria Tereza do Amaral Pinto, filha de José Albino Pinto e Jandira do Amaral Pinto, natural de Campos de Goitacazes, no Estado do Rio de Janeiro. Ela morava no Bairro de Alto de Santana, na zona norte de São Paulo.

Os dois começaram a namorar e depois de quase cinco anos selaram a união na Capela de Santa Tereza D'Ávila, da PUC, no dia 15 de novembro de 1959. Nos primeiros anos, o casal dividia o fim de semana com visitas à família de Maria Tereza, na capital, e aos encontros do Rotary Club de São Caetano. Eles tiveram dois filhos, José Frederico e Luiz Henrique. O primeiro recebeu esse nome em homenagem ao seu avô paterno.

O casal com os filhos Odilon, em pé à esquerda, Frederico, no colo do pai, e Luiz Henrique, nos braços da mãe



Arquivo Maria Tereza do Amaral Pinto

Mello sempre foi engajado nas ações que envolviam a política sul-são-caetanense e nas atividades rotarianas, além de ter atuado na fundação da Guarda Infante-Juvenil da cidade, atual Patrulheiros Mirins, da qual foi presidente de 1961 a 1962. Sua importante contribuição se deu na elaboração do estatuto, que tem como objetivo integrar a formação escolar e profissional, além de oferecer orientação em prol da cidadania para crianças e adolescentes do município.

Maria Tereza acompanhava o marido pelos quatro cantos da cidade. Ao seu lado, ela participava de todas as reuniões do Rotary. Mas, no ano de 1967, ela assumiu uma responsabilidade maior. “No dia em que ele foi eleito presidente do Rotary, chegando em casa, me contou a novidade e logo anunciou que eu era a presidente da Casa da Amizade. Eu estava com os filhos pequenos ainda, mas foi aí que eu engrenei mesmo em São Caetano, abracei a causa e trabalhei muito.”

A maior parte dos serviços assistenciais era de responsabilidade das esposas dos rotarianos. Durante a gestão do casal, teve-se início a construção do Lar Menino Jesus, na Estrada das Lágrimas. A construção era o objetivo primordial de Mello, que depois de pronto passou a

atender crianças e adolescentes com idade entre 7 e 14 anos, dando suporte e amparo, principalmente nas necessidades básicas, como alimentação, saúde e higiene. Todas as festas, campanhas de Natal, bazares, rifas, bingos e almoços promovidos pelas duas instituições tinham como propósito angariar fundos e donativos para a finalização da obra.

Havia muito trabalho a ser feito, os dois empenhavam-se a cada dia que passava, o tempo se tornava mais e mais precioso. Foi ainda na gestão de Mello e Maria que a primeira Feira das Nações saiu do papel, movimentando a cidade e a região. A realização do evento se tornou uma inovação no calendário de São Caetano na época. A iniciativa aconteceu até a sua décima quinta edição, na antiga garagem da prefeitura e reunia culturas de diversos países.

Em cada barraca da Feira das Nações havia peculiaridades dos países expostos, como aspectos culturais, costumes, localização geográfica e folclore. Maria Tereza conta que cerca de 300 pessoas se envolviam na organização e que era preciso mais de uma semana para montar as tendas. “A primeira feira durou um fim de semana, já a segunda, começamos com dois sábados e domingos, aí chegou a ser realizada em três fins de semana.”

Além de esposa, mãe, companheira e idealizadora de grandes ações em benefício dos mais necessitados, Maria Tereza teve importante participação na instalação do Distrito de Bandeirante, em São Caetano do Sul, no final de sua administração na Casa da Amizade, já no ano de 1968. O bandeirantismo desenvolvia atividades semelhantes ao escotismo, mas voltado somente para meninas. O ideal de servir já fazia parte de seu cotidiano. Sua dedicação e preocupação com a assistência social e as crianças abandonadas eram motivações diárias.

As histórias de lutas e vitórias do casal

Mello e Maria Tereza foram relatadas no decorrer deste texto, mas outra conquista está registrada nas páginas de São Caetano: a eleição de Mello a vice-prefeito em 1965. Na eleição, como candidato do Partido Socialista Brasileiro (PSB), ele concorreu com outros candidatos a vice, pois na época havia uma campanha individual e acirrada para o cargo. Com 9.656 votos, foi o último vice-prefeito eleito com votação própria, independente dos votos recebidos pelo prefeito eleito, Hermógenes Walter Braidó, fazendo parte da quinta legislatura municipal (1965-1969).

Após o mandato do marido, já na década de 1980, Maria Tereza retorna à presidência da Casa da Amizade. Nesse período, a meta estipulada pelos dois era a construção do salão de festas da sede. Maria relata que “ele (Mello) levanta muito cedo, buscava os pedreiros e levava até a obra e ainda ia atrás de patrocínios com empresários e comerciantes da cidade”. Apesar da vida agitada do casal, os dois tinham momentos nostálgicos no aconchego do lar. Em casa, Mello adorava tocar piano, um dom adquirido apenas pela escuta dos sons das notas. Na primeira sexta-feira do mês e todos os domingos era um ritual da família ir à missa para receber a comunhão. Mello também foi membro da Academia de Letras da Grande São Paulo e com o amigo Mário Del Rey fez parte do Instituto Astronômico de São Caetano. Após isso, seu trabalho voltou-se para a preservação do meio ambiente, despoluição e limpeza da represa Billings.

Mello discursando nas festividades da 12ª Feira das Nações, no ano de 1982. Da esquerda para direita estão João Dal'Mas, prefeito na época, Odilon de Souza Mello, Maria Tereza, Luci Montoro, André Franco Montoro, Roberto Leandrini e Maurício Hoffman

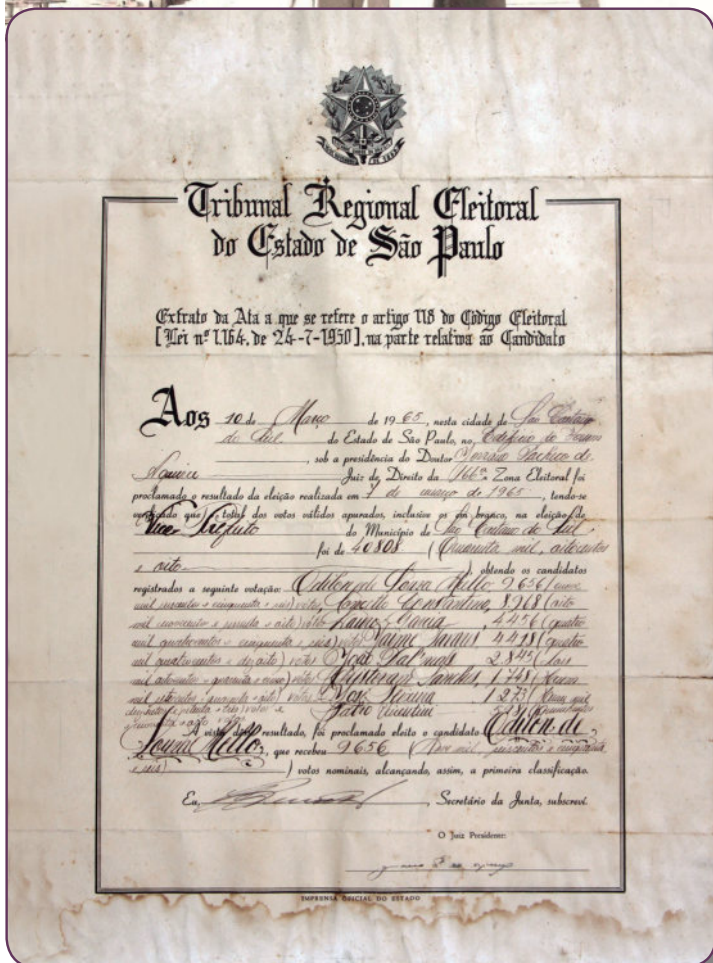
Acervo/ Maria Tereza do Amaral Pinheiro



Durante seu mandato, Mello, ao lado da esposa e do prefeito Walter Braido, recebeu a visita do governador de São Paulo na época, Paulo Egydio Martins. Foto da década de 1960



Certificado emitido no dia 10 de março de 1965 que oficializa Odilon de Souza Mello como vice-prefeito de São Caetano do Sul



O título desse artigo faz referência a uma passagem que Maria Tereza guarda do marido na lembrança. “Ele sempre me dizia: imagina um navio, imagina o ponto (de chegada), esse será o nosso objetivo, é lá que vamos soltar âncora.”

No dia 13 de março de 2003, com 80 anos, Mello faleceu, deixando esposa, três filhos e seis netos, além de um legado de honras, glórias e conquistas. **R**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASCENCIO, Yolanda. *Meio século de Legislativo em São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998, p.28.
- A vida e a obra dos Patrulheiros Mirins. *Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, n. 16 e 17, p. 10, out. 1982.
- MÉDICI, Ademir. Os primeiros representantes políticos de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 17, p. 5-14, jul. 1998.
- Memória Fotográfica. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 27, p. 116, jul. 2003.
- Memória Fotográfica. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 45, p. 112, jul. 2012.
- RODRIGUES, Mário Porfírio. 50 anos de Rotary: consolidação de ideal de servir. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 23, p. 38-41, jul. 2001.
- SANTOS, Urames P. Rotary em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 6, p. 83-84, jan. 1992.
- SEVERINO, Viviane Campos. Núcleo de Convivência Menino Jesus: herança de Dom Jorge em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 29, p. 12-13, jul. 2004.

#### VANUSA NASCIMENTO

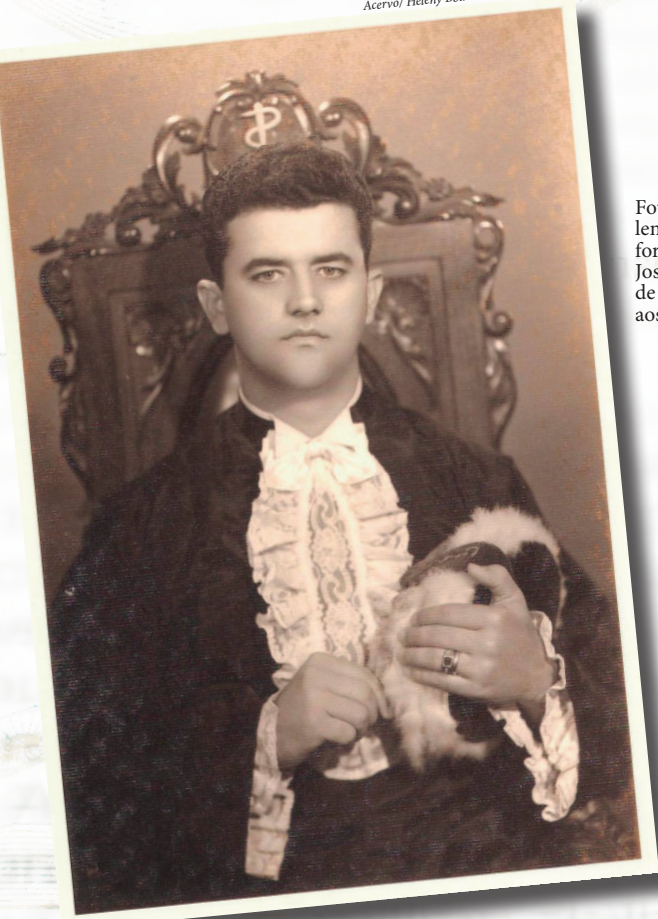
É JORNALISTA, MESTRANDA EM COMUNICAÇÃO SOCIAL PELA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

# A VIDA POR OUTROS OLHOS

“ Prometo que ao exercer a arte de curar, mostrar-me-ei sempre fiel aos preceitos da honestidade, da caridade e da ciência; penetrando no interior dos lares, meus olhos serão cegos, minha língua calará os segredos que me forem revelados, o que terei como preceito de honra; nunca me servirei da minha profissão para corromper os costumes ou favorecer o crime. Se eu cumprir êste juramento com fidelidade, goze para sempre a minha vida e a minha arte de boa reputação entre os homens (...). ”

Juramento dos formandos da oitava turma de médicos da Faculdade Federal de Medicina do Triângulo Mineiro, dezembro de 1966

Foto da lembrança de formatura de José Waldo de Carvalho aos 27 anos



Acervo/ Heleny Boaventura de Carvalho

A escolha da profissão é muito importante na vida de uma pessoa e para muitos ela é feita em uma fase de descobertas e incertezas ainda na juventude. Mas, unindo determinação e objetividade, ela se transforma em paixão e legado, além de gerar frutos como amizades verdadeiras, histórias e memórias. Por meio das lembranças de Ana Paula Boaventura de Carvalho, filha de José Waldo de Carvalho, nós leitores, vamos conhecer um pouco sobre este homem, que dedicou sua vida à profissão e à família.

Filho de José Baptista de Carvalho e Otília Orsi de Carvalho, ele nasceu no dia 2 de julho de 1939, em Uberaba, região do Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais. Com apenas 6 anos de idade, Carvalho já trabalhava como engraxate e na adolescência ajudava seu pai em uma fábrica. Era ele quem empacotava as mercadorias, como café e milho. Na mesma empresa, algum tempo depois, passou a ajudante de motorista de caminhão e aos poucos foi conquistando a admiração daqueles que o rodeavam.

Ser médico tem suas várias definições. Não é somente estudar a saúde humana e tratar disfunções e moléstias. Ser médico é tudo isso e muito mais. É preciso muita dedicação aos estudos e pesquisas e, acima de tudo, amar o que faz. Waldo, como gostava de ser chamado, sabia de todas estas definições, quando acabou o antigo colegial e decidiu ingressar no ensino superior.

Na época, seus pais não tinham condições financeiras de pagar uma faculdade particular, razão que o impulsionava mais ainda na tentativa de entrar na universidade pública. Após três vestibulares, veio a primeira de muitas conquistas: ele havia conseguido passar no curso de medicina da Faculdade Federal de Medicina do Triângulo Mineiro, em Uberaba. Estudioso, concluiu os estudos no ano de 1966 e fez parte da oitava turma de médicos da instituição.

Apesar de ter nascido e sempre morado em Uberaba, foi em São Sebastião do Paraíso que o cupido flechou seu coração. Um belo dia, o jovem rapaz, magro, de quase 1,80 m, foi com seu tio até uma agência da Caixa Econômica, na pequena cidade. Lá trabalhava Heleny Boaventura de Carvalho, natural de Rio Paranaíba, interior de Minas.

Depois de uma singela conversa e um convite para ir ao cinema, os dois se despediram. No outro dia a conversa entre os recém-amigos continuou na praça. Três anos se passaram e a



Arquivo Heleny Boaventura de Carvalho

O esperado baile, onde o romance começou. Foto do dia 21 de dezembro de 1961



Arquivo Heleny Boaventura de Carvalho

Casamento de José Waldo de Carvalho e Heleny Boaventura, no dia 10 de janeiro de 1965, em São Sebastião do Paraíso

única lembrança que Carvalho tinha de Heleny era seu nome gravado em um pedaço de papel, guardado na carteira. Certo dia, os dois se preparavam para ir a um baile, o que eles não imaginavam era que o destino cruzaria seus caminhos novamente. O encontro rendeu troca de palavras cheias de carinho. Dali em diante os olhares de Heleny e Carvalho nunca mais se afastaram.

O casamento ocorreu no dia 10 de janeiro de 1965, na mesma cidade do primeiro encontro. Dessa união nasceram Paulo Henrique, Valéria e Ana Paula. O primogênito tinha apenas um ano de idade quando a família mudou-se para São Paulo. Na capital paulista, Dr. José Waldo fez residência médica na Escola Paulista de Medicina.

Com o fim da especialização em oftalmologia, a família veio morar em São Caetano do Sul, onde já estava um tio de Carvalho. Uberaba, agora, era destino das viagens de férias. No ano de 1978, com o término da construção



Família Carvalho reunida em casa. Da esquerda para direita, Paulo Henrique, Heleny com Ana Paula no colo, José Waldo e Valéria. Foto da década de 1960

da sua residência, o casal instalou-se no Bairro Barcelona. Era Heleny quem cuidava dos detalhes da nova casa. Neste mesmo ano, Carvalho foi nomeado presidente do Conselho Diretor do Rotary Club Leste de São Caetano.

Ana Paula lembra que seu pai era muito guerreiro e suas conquistas e vitórias vieram por mérito próprio e muito trabalho. Ela relata que “o ambiente familiar era muito bom, meu pai era zeloso e carinhoso com os filhos”. Nos programas de fim de semana estavam inclusas as festas do Rotary e passeios no Clube de Campo da Sociedade de Medicina, local que as crianças adoravam, principalmente por conta dos animais.

Já as festas de Natal e Ano Novo eram comemoradas em Minas, ao lado dos avós. Sessões de cinema no Cine Lido e no Cine Vitória também estavam entre as atividades preferidas da família. Outra diversão garantida e que Ana Paula não esquece é o espetáculo de patinação no gelo *Holiday on Ice*, com personagens da Disney, no Ginásio do Ibirapuera. Ela conta que seu pai era tão atencioso que até comprava almofa-

das para ela e os irmãos ficarem mais confortáveis na arquibancada gelada do ginásio. No ano de 1979 a viagem para Disney, em Orlando, nos Estados Unidos, marcou a infância e a vida da família Carvalho.

Médico dedicado à família e à sua profissão, Carvalho gostava de estar sempre presente, principalmente na educação dos filhos. Era um incentivador e um exemplo de vida para os amigos e pacientes. Homem sério, mas que entre os íntimos revelava grande personalidade e caráter.



Aerov/Heleny/Bonaventura de Carvalho

Foram 48 anos de vida dedicados ao amor e às maravilhas que a vida lhe proporcionou ao lado de Heleny. Foto de 2012

Sua integridade, honestidade e dignidade eram valores que sempre passava aos filhos e netos. Netos esses que ele mantinha sempre embaixo da asa nos encontros dominicais. Era com eles que Carvalho passeava pelas manhãs no Espaço Verde Chico Mendes ou na Avenida Presidente Kennedy, em São Caetano. As tardes eram dedicadas ao lanche, preparado pelo avô coruja. No cardápio, pão de queijo e bolinho de polvilho frito.

José Waldo de Carvalho faleceu fazendo uma das coisas que amava, atendendo pacientes em seu consultório. De seus 73 anos de vida, 48 anos, oito meses e 15 dias foram dedicados à amada Heleny. Ele deixou sua esposa, três filhos e seus oito netos no dia 24 de setembro de 2012. (Vanusa Nascimento) **R**

Família unida e muita festa para comemorar os 70 anos de Heleny em julho de 2012. Da esquerda para direita, Valéria, José Waldo, Heleny, Paulo Henrique e Ana Paula



Aerov/Heleny/Bonaventura de Carvalho

# RENATO BRANCATELLI:

## NAS LETRAS DE UM ARTISTA



O artista plástico Renato Brancatelli em sua biblioteca, no ateliê da Rua Niterói

**O** inusitado sempre me cativou. Certo dia estava passando pela Rua Niterói, no centro de São Caetano, ao fim de uma tarde de segunda-feira, quando fui abordada por uma figura pitoresca. Eu já o conhecia de vista. Sempre o via em visitas rápidas que fazia à sede administrativa da Fundação Pró-Memória, na ocasião dos preparativos para a 3ª Vitrine de Arte – Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul, que ocorreu na Pinacoteca Municipal em outubro de 2011. Foi então que Renato Brancatelli fez-me o convite para conhecer seu ateliê, naquela mesma rua. Ele perguntou-me: “Oi! Você está com muita pressa? Não quer

conhecer meu ateliê rapidamente?”. Meio sem reação, aceitei, com certo estranhamento. Mas o que poderia haver de mal? Lá fui eu exercitar meu olhar antropológico, flunar por aí, deparar-me com mais um personagem desta cidade.

Logo na parede esquerda, próxima à porta da entrada, encontra-se o planeta Terra em uma bela pintura em estêncil, com a inscrição em grego *gaya* (Gaia), trabalho do amigo grafiteiro Jorge Tavares. O recinto é tão pitoresco quanto seu habitante. Na mesinha de canto da sala, cuja base são livros antigos empilhados e pintados de branco, há objetos que aludem ao universo onírico de Salvador Dalí. Uma maçã verde de cera, um telefone negro, daqueles antigos da Ericsson, esferas, uma pirâmide, etc. Na parede uma cópia da obra de René Magritte *La Reproduction Interdit*, um retrato de costas de Edward James, poeta e patrono do artista surrealista belga, grande influência para a poética plástica desenvolvida por Brancatelli em sua pintura. As referências visuais naquele ateliê levam à vertigem das retinas.

Fiquei maravilhada com a coleção de selos do artista. Com muito zelo, ele me mostrou as três pastas repletas deles, certamente mais de mil, todos reproduções dos grandes trabalhos da pintura do mundo. Retirava selo a selo cuidadosamente com uma pinça e mostrava-me. Curiosa, eu identificava as minúsculas obras



com uma lupa. Folhear aqueles álbuns é como fazer uma viagem pelos museus de arte mundo afora. Encantador! Divertidíssimo! Ele também me mostrou sua câmara de maravilhas: uma pequena biblioteca. Tivemos uma longa conversa, cheias de lembranças do artista. E eu, que iria ficar apenas 15 minutos, lá permaneci por mais de três horas!

Na cidade, transeunte da região central, sempre cativante, de conversa fácil, como bom descendente de italianos do sul, expansivo, com um quê de excentricidade. Não raro os habitantes de São Caetano conhecem o proprietário do imóvel da Rua Niterói onde, na fachada, figura uma pintura do profeta Abdias, do artista barroco Aleijadinho.

**Origens e família** - Calogero Renato Brancatelli nasceu em 9 de fevereiro de 1956, no Bairro da Mooca, na capital paulista, e é descendente de sicilianos. Seu nome foi uma homenagem ao seu avô paterno, Calogero Brancatelli, seguindo uma tradição italiana de dar ao primogênito o nome deste membro da família. Calogero é nome de origem grega, vem de *kalos* (belo) e *gheron* (velho). Também é um nome muito comum no sul da península itálica, devido ao santo patrono de Agrigento, o sábio ermitão cartaginês San Calogero<sup>1</sup>, datado do século 4 ou 5. A madrinha Agda, prima da mãe de Brancatelli, era casada com um médico, proprietário de uma maternidade próxima ao Clube Juventus. Foi registrado, portanto, em São Paulo, mas a família morava em São Caetano do Sul, no Bairro da Fundação, onde o avô materno, Giuseppe Di Bella, abriu um açougue. A primeira residência da família da mãe de Brancatelli foi no bairro monumento da cidade, na Rua Mariano Pamplona, nº 216.

A bisavó Agata também veio ao Brasil, em 1918, ficou por um tempo vivendo no Bairro da Mooca, onde possuía, junto dos filhos, um

comércio de produtos alimentícios importados da Itália. Após alguns anos, em 1935, retornou ao país de origem com um dos filhos. Os demais ficaram em terras brasileiras. O avô de Renato Brancatelli deixou o ramo de secos e molhados, quando parte dos familiares retornou à terra natal, e tornou-se açougueiro. Na década de 1960, montou um entreposto de carnes, uma distribuidora para os açougues da região. O avô tinha um açougue na Rua Mariano Pamplona, e abriu outro na Rua Heloísa Pamplona, posteriormente vieram outras unidades. O pai de Renato, Carlo Brancatelli, nascido em 1923, acabou abandonando a terra natal em 1949. Nos anos de 1930, acontecia a ascensão do fascismo na Itália. Carlo estudava economia na Universidade de Catânia, mas foi obrigado a parar os estudos devido à convocação ao exército e para se tornar motorista de caminhão. Quando a guerra findou, a Itália estava arruinada, e a mãe de Carlo, Lina Brancatelli, logo veio a falecer. Assim ele se destinou ao Brasil para recomeçar a vida. Instalou-se na casa do tio Giuseppe, onde cuidava das finanças dos negócios da família. A convivência diária com a prima Maria Aparecida Di Bella levou-o a um namoro. Casaram-se. Em 1956, quando Renato nasceu, seus pais foram à Itália em lua de mel. Por lá ficaram por mais de um ano. Além de Renato, o casal Brancatelli teve quatro filhos: Lina, Rosanne, Guiomar e José Carlos.



Arquivo Renato Brancatelli

Foto de São Caetano do Sul, tirada por volta de 1949 - Comércio (açougue) da família Di Bella/ Brancatelli, localizado na Rua Mariano Pamplona, nº 216. Da esquerda para a direita: Carlo Brancatelli, Rosario Cucuccio, Bruno Fili, o casal Guiomar e Giuseppe Di Bella (pais de Maria Brancatelli, mãe do artista) e tios de Carlo Brancatelli (pai de Renato), a simpática cadela Chiquita sentada junto do grupo de crianças (não identificadas)

O pai de Renato havia recebido orientação de um professor do curso de economia para que, ao chegar ao Brasil, pudesse dar continuidade aos estudos, mas os negócios do tio o ocuparam de tal maneira que não havia como escapar das responsabilidades. O comércio no ramo de carnes sempre deu bons proventos, o que proporcionou a Renato um padrão de vida bem confortável.

O ano de 1968 foi um tanto especial para o menino. “Eu tinha 12 anos e estava em uma escola no Bairro da Fundação, no Senador Fláquer. Vivíamos uma situação bem complicada no Brasil por causa da ditadura civil militar, e eu não estava tendo um bom rendimento escolar. Meu pai precisava resolver umas questões relacionadas a imóveis na Sicília, coisas dos tempos do meu bisavô. De tempos em tempos era necessário ir para lá. Meu avô Giuseppe viajava regularmente para a Itália para cuidar destes imóveis. Em 1968, foi a vez do meu pai. E eu fui junto. Ficamos seis meses, tempo suficiente para poder aprender o idioma”, relata. A viagem foi inesquecível. As belezas da Sicília logo o deixaram apaixonado pelo local. “Associa-se a Sicília à máfia, como se nada mais tivesse lá. Há o Monte Etna, um vulcão de 3.340 metros de altitude, mitologia grega, sítios arqueológicos que recontam a história do mundo antigo, dos trânsitos do Mediterrâneo. A Sicília é maravilhosa! Localizada bem no centro do Mediterrâneo, de todas as rotas, na intersecção de todas as culturas. Meu pai me levou a lugares maravilhosos na Sicília, eu o agradeço imensamente por ter feito isso. Ter ido a este lugar foi uma iniciação”, comenta emocionado o artista. Destaca a visita

ao Vale dos Templos, em Agrigento, onde se encontram ruínas de templos gregos, construídos com arenito vermelho, um tipo de pedra natural da região - as colunas são todas incrustadas de conchas e caramujos. Um dos momentos mais adoráveis da viagem foi a visita guiada ao Museu Arqueológico de Agrigento. “Como todos nós sabemos, a maior parte dos museus do mundo fecha às segundas-feiras, mas nós ficaríamos brevemente naquela cidade, e uma prima, casada com um primo de meu pai, tinha um parente que trabalhava nesse museu, que nos levou em uma visita guiada exclusiva naquele dia em que a instituição não funcionava. Apenas ele, eu e meu pai. O museu estava fechado, foi uma visita inesquecível”, diz. Renato se encantou com imagens votivas de Deméter e Perséfone em diversos tamanhos, feitas de terracota, que estavam em uma vitrine. E, pela primeira vez, “nosso guia nos contou o mito do rapto de Perséfone, uma das histórias fundamentais da mitologia grega, que se associa à própria agricultura, às passagens das estações do ano. Foi encantador”. Certamente um contato fundamental com a arte que marcou sua vida e religiosidade.

A mãe de Renato, Maria Aparecida, era uma dona de casa muito vivaz, letrada e instruída. Os pais cultivaram o hábito de ler, por isso, a casa dos Brancatelli sempre teve muitos livros, o que favoreceu a formação cultural do filho. “Hoje em dia é difícil alguém que tenha uma biblioteca, ou estantes de livros, em casa. As pessoas pensam que este tipo de coisa não combina com a decoração. Tive a felicidade de viver em uma casa com livros. Isto foi uma referência importantíssima na minha vida”, comenta o artista. “Não é que meus pais tivessem uma biblio-



Arquivo/Renato Brancatelli

Calogero Brancatelli (avô de Renato Brancatelli) na década de 1920

teca fantástica, tinham alguns poucos, mas para uma criança parece um mundo repleto de livros, o que me fascinava”, completa. Quando criança, lembra que sempre dava um jeito de comprar gibis. Gostava de ler Monteiro Lobato, então de algum modo isso lhe proporcionou uma iniciação na literatura. Sentia-se atraído por ficção científica e literatura fantástica. A decisão de trabalhar com arte foi indiretamente influenciada pelo fato de que sempre dispôs de livretos para colorir, lápis de cor etc. Até hoje, Renato guarda alguns dos cadernos de desenho.

A casa da família Brancatelli estava sempre em movimento. O pai, Carlo, tinha como *hobby* gravar filminhos em oito milímetros. Possuía até um equipamento para colar, cola de acetato, tudo para editar os filmes. Tinha um gravador de rolo que trouxe da Itália, sendo que ninguém na vizinhança podia ter este tipo de aparelho naquela época. Renato, munido de tantos recursos, deixava a imaginação à solta, desenhava em papel vegetal e coloria com canetas hidrográficas para projetar em forma de slides, fazia todos os trabalhos de escola em audiovisual. Não se lembra, precisamente, mas talvez tivesse uns dez anos, quando foi à papelaria e comprou um caderninho de 50 páginas, e escreveu sua primeira história. Parecia uma novela, um romance. A partir da segunda que se propôs a escrever, as narrativas passaram a ser acompanhadas de ilustrações feitas de próprio punho. Desde tenra idade era dotado da faculdade de fantasiar, de colocar no papel histórias imaginadas, apreciava escrever, desenhar, criar.

**Formação profissional e ingresso no mundo das artes plásticas** - Aos 17 anos, começou a trabalhar em um jornal do ABC Paulista, o já extinto *O Repórter*. Assim, sob a supervisão de Virgínia Pesolo, escritora andreense, passou a frequentar a Câmara dos Vereadores para capturar novas

pautas da cena política e da vida da cidade. Foi um grande aprendizado. Posteriormente, teve uma passagem rápida pelo *Diário do Grande ABC* e pelo pequeno jornal sul-são-caetanense *O Arauto do Pentágono*. Atuou como jornalista de 1973 a 1976.

Foi nesse tempo que cursou a sua primeira escola de arte. Em dada ocasião, foi entrevistar um artista, Bal Moura, baiano radicado em Santo André, que tinha uma escola de arte e depois se embrenhou no mundo da publicidade. “Eu saía pela manhã, ia para a escola de Bal Moura, com minha maleta, meus pincéis e minhas tintas. Fui levando esta vida, pintava um quadro, escrevia um conto, então comecei a me enturmar com o pessoal de Santo André. Em um evento acabei conhecendo o poeta e artista gráfico andreense Zhô Bertholini”, relembra.

Em 1976, durante a gestão de Hermógenes Walter Braido, Renato foi trabalhar em uma espécie de ouvidoria da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, que havia sido recentemente criada pelo então chefe de gabinete, Luiz Antonio Cicaroni. No mesmo ano, já havia desistido de continuar a trilhar o jornalismo e ingressou no curso superior de artes plásticas na Faculdade Armando Álvares Penteado (Faap). Em 1978, a pedido do novo prefeito, Raimundo da Cunha Leite, foi transferido para o Departamento de Educação e Cultura, no qual desempenhou a função de assistente de assessoria de cultura, cargo que ocupou até 1979. Em 1980, montava seu primeiro ateliê, localizado na Rua Major Carlo Del Prete.



Guiomar e Giuseppe Di Bella (avós maternos de Renato), foto de 1935, aproximadamente, em estúdio em São Paulo



Renato trabalhando na pintura do mural *Queda e ascensão*, baseado na aquarela do cartunista Millôr Fernandes. A pintura parietal está nas dependências do Laboratório Fleury, no Bairro Jabaquara, em São Paulo. Foto de 2000

Na mesma época participava de um ateliê coletivo com os colegas de faculdade no Bairro de Pinheiros, em São Paulo, onde teve uma experiência prática com restauro de arte sacra com a amiga Jade Gadotti, que havia chegado de Florença há pouco tempo.

Logo depois, em 1982, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, no departamento de museologia, trabalhou na conservação de obras em papel. Em seguida, chegou a se aprofundar na pesquisa de conservação de acervos em celulose, e cursou encadernação artística no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo com as renomadas bibliófilas Tereza Brandão e Guita Mindlin. No final de 1984, surgiu a oportunidade de trabalhar na Fundação Roberto Marinho como ilustrador de cenografia didática do Telecurso de 2º Grau. Em 1986, deixou a fundação e passou a se dedicar às atividades em seu ateliê, como faz até hoje. Ao longo de mais de 30 anos de carreira artística, participou de dezenas de mostras individuais e coletivas.

A Casa do Olhar Luiz Sacilotto, em Santo André, possui de Renato Brancatelli uma obra da série *Noturnos*, incorporada ao acervo como prêmio aquisição do IV Salão Jovem de Arte Contemporânea de Santo André. O artista também tem três obras salvaguardadas no acervo da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul: *O Ídolo e as Rosas*, pintura do gênero de natureza morta, com certo toque de surrealismo, que fez parte da exposição *Incontro*, que celebrou o ano

da Itália no Brasil em 2012; *Retrato de Guiomar Di Bella*, uma homenagem visual do artista à avó, exposta em evento comemorativo do Dia Internacional da Mulher, promovido pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, no ano de 2001, no qual artistas foram convidados a participar com obras cujo tema se voltava à mulher; além destes trabalhos, Renato tem a pintura da representação de um cacho de bananas, outra natureza morta com toque do movimento artístico que o fascina, o surrealismo.

**Mural *Queda e Ascensão* e o encontro com Millôr Fernandes** - Observando-se com atenção a história da arte, constata-se que desde sempre os artistas foram os “fazedores” de ideias concebidas e encomendadas por outras pessoas, como os retratos esculpidos dos faraós ou imperadores, generais do mundo antigo. Com o advento do Cristianismo quem passa a encomendar arte aos artistas é a igreja, além de reis e aristocratas que orbitavam as cortes. Em um outro momento da história, os “clientes” foram os burgueses, comerciantes e industriais, pessoas abastadas. Esta prática não se alterou muito hoje. Contudo, muitos artistas modernos e contemporâneos se recusam a essa “escravidão”, rebelam-se de alguma forma e não gostam de se submeter a esta ideia de “arte encomendada”, em que a criação artística fica subordinada à vontade e ao gosto do comitente. “Eu não tenho problemas com

isso”, afirma Renato Brancatelli. “Tenho realizado objetos de arte por encomenda há muitos anos. Mais recentemente, com a artista plástica e também marchand, Damara Bianconi, que tem uma carteira de arquitetos e decoradores em seu escritório de arte. Temos feito muitos trabalhos tentando seguir as diretrizes desejadas por esses outros profissionais”, completa o artista.

Assim, fortuitamente, no ano 2000, Renato foi indicado aos assessores de Millôr Fernandes a realizar um mural, nas dependências do Laboratório Fleury, no Bairro Jabaquara, em São Paulo, com base em uma aquarela do cartunista carioca, falecido em 27 de março de 2012. Depois das negociações necessárias, o projeto foi aprovado. “Montei uma equipe com minhas amigas Damara Bianconi e Susie Hervatin, e a seis mãos e com estilos diferentes de pinceladas, executamos o mural, obedecendo o trabalho original de Millôr, produzido (também sob encomenda) para aquele laboratório”, lembra Brancatelli. A obra, que mede cerca de seis metros de altura por oito metros de largura, foi executada com tintas especiais para cenografia cinematográfica e televisiva, que permitem imitar o efeito de aquarela que se realiza em pequenas proporções em papel para uma área de grandes proporções, muito indicada para se fazer aguadas que simulem céus, nuvens, neblinas, paisagens enevoadas, árvores, pedras etc. Millôr chamou a obra de *Queda e Ascensão*. Na aquarela do cartunista há uma inversão dos papéis: humanos ascendem em voo sobre copas de árvores de um jardim urbano imaginário, enquanto aves assumem os papéis de humanos em seu dia-a-dia, trajadas de paletó e gravata, como executivos, operários, namorados, crianças. A imagem alude a uma São Paulo idealizada. A empreitada do mural consumiu cerca de três meses de trabalho, sendo executada no segundo semestre de 2000. A inauguração foi em 2001. “Eu já tinha realiza-

do obras de grandes proporções anteriormente, como um painel de 27 metros quadrados, em tela. Mas nada se igualou à produção dessa obra de Millôr. Foi uma honra trabalhar para e com Millôr Fernandes e realizar este painel”, conta o artista, orgulhoso de seu trabalho. “Em 2000, Millôr já era um homem em idade avançada e jamais poderia realizar uma obra daquele porte, além disso, estava acostumado a trabalhos mais intimistas, de pequenas proporções, em suporte de papel, certamente não se entenderia com uma parede tão ampla”, completa. Renato também já havia tido uma experiência com pintura parietal muitos anos antes, grafitando pelo mundo. Ele afirma a admiração pelo trabalho do cartunista: “É inquestionável a beleza, a inteligência e o humor, às vezes refinado, às vezes muito ácido, da obra de Millôr, grande artista brasileiro do século 20.”

**Novos desafios: curadoria de exposição no Espaço Cultural Gambalaia** - O Espaço Cultural Gambalaia, sediado em Santo André há três anos, tem promovido, sob orientação de Damara Bianconi, artista plástica e marchand, a oportunidade de artistas e estudantes de artes visuais realizarem curadoria de exposição. “Fui convidado para esta nova experiência, apenas uma contribuição descompromissada”, conta o artista. “Posso dizer que visitar mostras de arte por vários anos me deu de alguma forma alguma experiência visual de boas e más curadorias. Essa é a experiência que eu trago neste novo desafio”, complementa.

Para esta curadoria experimental, Renato Brancatelli escolheu o jovem artista Alan Cassiano, também de São Caetano do Sul, cujo trabalho já conhecia de alguns anos. “Como imagino que deveria ser, visitei seu ateliê e, numa tarde, selecionamos pinturas em tela e desenhos em papel. A mostra *Diário dos Sonhos* ficou em cartaz de março a maio deste ano. Baseando-me na temática do artista, que versa sobre o universo onírico,



Renato Brancatelli, *O ídolo e as Rosas*, 1993, óleo sobre tela, Acervo da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul

com uma produção de obras de cunho fantástico-surrealista, escrevi meu texto sobre sua obra e sua exposição, concentrando-me no tema do sonho e do sonhar, como ele aparece na literatura e nas artes em geral, assim como os aspectos fisiológicos e psicológicos que geram o sonhar”, conta sobre o processo de feitura da curadoria. O artista e agora curador sente-se satisfeito com o resultado, “foi uma experiência de igual modo fantástica para mim. A montagem e a exposição ficaram de acordo com o que eu imaginava e, segundo as expectativas do pessoal do Espaço Cultural Gambalaia, foi um sucesso de aceitação pelo público. A possibilidade de ser convidado outra vez pelo Gambalaia para mais uma curadoria existe. Farei de novo, com o mesmo prazer.”

Recentemente o artista também participou do projeto *Letras da Imaginação*, promovido pela Fundação Pró-Memória em parceria com a Academia de Letras da Grande São Paulo, Academia Popular de Letras e Biblioteca Municipal Paul Harris, em comemoração ao Dia Internacional do Livro, celebrado dia 23 de abril, data instituída pela Unesco. Renato Brancatelli expõe, ao lado do colega, o artista Régis Ribeiro, no edifício que sedia as instituições, três instalações de arte que evocam o mundo literário e livresco. A mostra traz os chamados “livros-relicários” de Brancatelli, cujo mote são as quatro estações do ano em uma composição cenográfica onírica de dimensões de casa de bonecas que leva o espectador a instigar o lúdico. Os “livros-relicários”, ao contrário de livros consumidos por bibliófilos e apreciadores da leitura, são direcionados à con-

templação retiniana, ao estímulo visual da imaginação. Cada relicário exhibe uma narrativa visual montada com pequenos objetos - miniaturas de livros, estantes de biblioteca e escrivaninhas, que se agenciam plasticamente em uma poética matérica. Não há nenhuma narrativa textual no “livro-relicário” a não ser pela folha de rosto que evoca um frontispício de livro antigo. O acabamento estético da obra evoca uma questão temporal da vivência humana, o velho, o antigo, a tradição, a cultura acumulada; já as narrativas visuais contidas nos relicários contemplam experiência do tempo presente, a contemporaneidade, degradação da natureza causada pela ambição do homem, a marginalidade, exclusão social. A partir da observação dos livros-objetos de Renato Brancatelli, o observador pode construir sua própria interpretação, como se o livro-relicário se transmutasse em uma grande narrativa literária de autoria subjetiva e múltipla, como conceituou Umberto Eco, uma “obra aberta”. Régis Ribeiro exhibe no mesmo espaço que Brancatelli o seu “livro-objeto”, um “livro de artista” que é composto por desenhos, pinturas, gravuras e por diversos processos experimentais, como assemblage, que fazem parte das pesquisas e do cotidiano do artista.

A partir das visitas que fiz a Brancatelli em seu ateliê, posso dizer que fiz um amigo. Sempre que nos “esbarramos” pelo centro de São Caetano, acabamos por ter conversas muito interessantes, arejadas e repletas de boas referências culturais, de livros, filmes *cult*, arte, amores e desamores da vida. Meu contato com Renato fez-me reafirmar o que eu já sabia: o insólito é sempre surpreendente. O que colore a cidade são seus personagens mais pitorescos, aqueles que fazem da vida uma obra de arte. In ars veritas. (Mariana Zenaro) **R**

NOTA

<sup>1</sup> O santo escapou da perseguição cristã em Cartago, colônia romana ao norte da África. Muitos seguidores do incipiente cristianismo se refugiaram na Sicília

# VLADIMIR CAPELLA:

LIRISMO NO  
PALCO DA VIDA

**T**eria dito William Shakespeare nos remotos tempos elisabetanos: “O mundo inteiro é um palco. E todos os homens e mulheres não passam de meros atores. Eles entram e saem de cena. E cada um no seu tempo representa diversos papéis”. Vladimir Capella, de palco em palco, de papel em papel, ganhou o mundo, trocou de máscara muitas vezes, brilhou no espetáculo da vida.

Dramaturgo, diretor de teatro, músico, agraciado até a atualidade com mais de uma centena de prêmios em sua carreira (como o Molière, em 1987), Vladimir Roberto Capella é prestigiado pela excelência de sua obra em todo o país. Nascido em São Caetano do Sul, no dia 31 de julho de 1951, nutre lembranças boas, de uma infância feliz na cidade onde vive até hoje; uma “São Caetano que era praticamente mato”, com diversões para menino despreocupado, brincadeiras nas ruas pacatas, tempo aquele evanescido nas reminiscências, quando o avô tinha uma chácara e o pai andava pela vizinhança num burrinho a vender leite fresco.

Vladimir é filho dos ascendentes de portugueses, Mário Capella e Esmeralda Sampaio de Vasconcelos. A mãe era expansiva, nervosa,



Foto: Antonio Restaldi Caminho

**VLADIMIR CAPELLA: O DRAMATURGO É PRESTIGIADO EM TODO PAÍS PELA QUALIDADE DO TRABALHO. SEU LEGADO É INQUESTIONÁVEL, A DRAMATURGIA DE CAPELLA REDIMENSIONOU A HISTÓRIA DO TEATRO INFANTIL BRASILEIRO AO TRATAR, COM EXTREMA POESIA E ELEVADO APURO ESTÉTICO, DE QUESTÕES CANDENTES COMO SEXUALIDADE, PAIXÕES, MEDOS, DOR, VIDA E MORTE, VLADIMIR CAPELLA TRILHA CAMINHOS QUE AFASTAM O TEATRO INFANTIL DE QUAISQUER PRETENSÕES DIDÁTICAS OU DO MERO ENTRETENIMENTO. FOTO DE 2013**

Vladimir Capella recebendo o Prêmio Apetesp (Associação de Produtores de Espetáculos Teatrais de São Paulo), em 1985, nas categorias de melhor espetáculo, melhor autor, melhor música, melhor diretor, melhor atriz (Ana Maria de Souza), melhor produção (Grupo Pasárgada), melhor produção executiva (Évinha Sampaio), com a peça *Avoar*

Acervo/Vladimir Capella



às vezes alterada, não ficava um minuto parada, inventava coisas para fazer a todo momento. O pai era um tipo muito dócil, amigo querido da vizinhança do Bairro Centro. Eram como essências que se completavam: a placidez e a inquietude. Ambos já são falecidos. Esmeralda deixou este mundo aos 61 anos, assim Mário se tornou o substrato do filho. Há cerca de um ano e meio,

aventurou-se a fazer música para teatro, junto de um amigo, e mais tarde aprendeu tudo que dizia respeito a esta arte, iluminação, sonoplastia, até tornar-se ator em um grupo semiprofissional em São Paulo. Uniu-se à trupe do grupo Pasárgada, com os amigos José Geraldo Rocha e Maurício Vieira, oriundos da Fundação das Artes, e começou sua trajetória com peças infantis para escolas,

“ O teatro pode e deve alçar maiores voos na tentativa de ajudar o homem a encontrar significados para a sua vida.

Principalmente quando esse homem é uma criança

Vladimir Capella

Mário também veio a falecer, com 89 anos muito bem vividos, segundo o relato amoroso do filho. Foi então que Vladimir, o homem que, por meio do teatro, emocionou milhares de pessoas com reflexões dramáticas e poéticas sobre a existência humana, sentiu-se “planta sem raiz”. É então que os velhos temas universais ganham real sentido. A vida e a morte. Quem somos? De onde viemos e para onde iremos? Questões primárias sobre o existir sempre foram mote para a obra de Capella, que tem investido energia para se reinventar, re- viver a criança interior, para cultivar novas raízes, novamente frutificar. Deixar seu legado.

Vladimir Capella fez o curso regular na Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho, em São Caetano do Sul. Começou a carreira ainda criança, apresentando-se em programas infantis de calouros, como a *Grande Gincana Kibon* exibida aos domingos, na TV Record, de 1955 a 1971, e em outras emissoras de rádio e televisão. Venceu muitos concursos de calouros. Sua paixão era a música, mas encontrou a completude das artes no teatro. Com formação autodidata,

jogando-se, então, no universo do teatro.

Estreou como autor e diretor no espetáculo *Panos e Lendas*, em 1978, pelo qual ganhou os prêmios Mambembe, Governador do Estado de São Paulo e o aclamado Molière. A produção foi gerada a partir de uma frustração. O revés que move a superação. Na década de 1970, Antunes Filho anunciava a formação de uma equipe teatral forte, dinâmica, o Macunaíma. Então, convocou a classe artística toda para a seleção da trupe. Ele desejava um grupo que vivenciasse teatro o dia inteiro, intensamente. Vladimir ficou fervilhante com a notícia, queria mais do que tudo ingressar ao grupo. Foi assim que deu início a epopeia pelo mundo dos livros, mergulhou a fundo nas pesquisas sobre folclore nacional, imergiu em Mário de Andrade e no próprio *Macunaíma*, obra plena de densidade conceitual e simbólica, leu também Manuel Cavalcanti Proença<sup>1</sup>, que traz uma análise detalhada do processo de composição da obra de Andrade, teve em Câmara Cascudo e Alceu Maynard Araújo o manancial criativo. Todo o esforço para poder fazer



o teste de ingresso no grupo do Antunes. Esforço em vão. Vladimir não foi aceito. A tristeza e a decepção eram imensas, mas não colossais o suficiente para minar a força criativa em estado de ebulição que se abrigava dentro de Vladimir Capella. Era preciso transbordar, transbordar, irrigar para deixar o campo criativo florescer. Foi desta maneira que *Panos e Lendas* brotou, da mescla de diversas lendas, de múltiplas narrativas, dos sonhos de menino inquieto.

Em 1985, com o espetáculo *Avoar*, recebeu o Prêmio Apetesp - Associação de Produtores de Espetáculos Teatrais de São Paulo, nas categorias autor, espetáculo, diretor e música ou trilha sonora. No ano seguinte, com a peça *Antes de Ir ao Baile*, novamente foi premiado pela Apetesp, nas categorias autor, espetáculo e diretor. A dramaturgia de Capella voltou-se ao público infantojuvenil, contudo transcende os clichês do teatro infantil, que costumeiramente abordam temas alegres, adocicados e leves, com pouca profundidade reflexiva. A relevância que faz destacar a obra de Capella se dá exatamente por ter redimensionado a história do teatro infantil brasileiro. Ao tratar, com extrema poesia e elevado apuro estético, de questões candentes como sexualidade, paixões, medos, perdas, dor, vida e morte, Vladimir Capella trilha caminhos que afastam o teatro infantil de quaisquer intenções didáticas ou do reles entretenimento. “Não sou filósofo, temos todas as perguntas e respostas dentro de nós mesmos. Depende de como acionamos nossas teclas interiores”, afirma Vladimir.

Todos os personagens das histórias narradas trazem uma filosofia, uma universalidade. Ludicamente, apresenta-se a realidade à criança, porque a vida é feita de dureza, aspereza e dor. A criança sabe disso desde que nasceu, ao



Arquivo Vladimir Capella

Vladimir Capella, ainda criança, quando fazia apresentações musicais em diversos programas de calouros infantojuvenis, como a *Grande Gincana Kibon*. Todos os domingos à tarde, o programa trazia calouros, brincadeiras e revelava talentos infantis, usando um caráter competitivo. Vladimir deixou de se dedicar aos programas de calouros em 1961. Foto de cerca de 1960

ser arrancada do ventre acalentador da mãe e ter o choque do primeiro contato das retinas com a luz. O choro é sua primeira tentativa de expressão dos sentimentos no mundo exterior. Trabalhar as temáticas do existir com as crianças é um ato de amor e coragem. O mergulho interior e uma certa tristeza que se apresentam nos textos refletem a personalidade do dramaturgo, que acredita ser a melancolia e a introspecção que movem o indivíduo aos questionamentos, ao amadurecimento. A efusividade leva à dispersão. “Desejo criar coisas belas. Não importa se for para crianças, velhos ou adultos. Desejo instigar a compreenderem esta humanidade sofrida. A felicidade através da dor, a morte através da vida”, confessa o artista. A pesquisa focaliza o tema da morte, recorrente em sua obra, evidenciando como os procedimentos dramaturgicos que utiliza para abordá-lo permitem a fruição e o deleite não somente de crianças, mas de adultos também. “Tenho a doce ilusão que realizo meu trabalho para o bem da humanidade.” A fonte de inspiração para que seu texto jorre é sua própria vida. A criança interior de Capella é vivaz, incessante, não permitiu que a fantasia de adulto que reveste a sua alma a sufocasse. A criança é plenitude, tem tudo em si, como já afirmou Monteiro

Lobato e Câmara Cascudo.

Em 1980, apresentou *Forrobodó*, com o Grupo Pasárgada, iniciando uma série de montagens semelhantes: *Como a Lua, Quem É Que Pode Quando Um Bode Pode?*, de Fernando Lino, em 1982; *Do Outro Lado*, em 1983, e *Avoar*, outra realização premiada. Para o público adulto criou dois espetáculos: *Filme Triste*, de sua autoria, em 1983, e *Louco Circo do Desejo*, de Consuelo de Castro, com cenografia de Gianni Ratto, em 1985.

*Antes de Ir Ao Baile* é outra montagem reconhecidamente bem-sucedida, em 1986, que narra uma história de velhos. Agora a investigação se desloca do mundo inocente e imaculado da criança para o campo da experiência, da memória dos velhos. A criança é o início da caminhada e o velho é o ponto de chegada. Ou como no conto de F. Scott Fitzgerald, *O Curioso caso de Benjamin Button*, a velhice é o retorno à infância. A temática também traz aí uma crítica à sociedade capitalista, que se volta àqueles que estão na plenitude das suas capacidades produtivas. Crianças, velhos e pessoas com deficiências são tidos como apêndices desta sociedade.

Em 1987, cria seu primeiro grande sucesso de público e crítica, ambientada no Brasil, uma história bastante conhecida: *Maria Borracheira*. Com novas premiações, o texto é remontado por ele em 1994, com produção do Teatro Popular do Sesi (TPS). Para adolescentes põe em cena seu próprio texto, *O Dia de Alan*, em

1989, sucedido, após algumas remontagens, por *Chimbirins e Chambirons*, de Marcos Arthur, em 1994.

Integrando um projeto novamente ligado ao TPS, monta *Píramo e Tisbe*, adaptando para adolescentes outra famosa história de William Shakespeare, com cenografia premiada de Romero de Andrade Lima, em 1995, obtendo ressonância e mais prêmios. Em 1996, dirige Gabriela Rabello, no monólogo *Ana Paz*, com texto de Lygia Bojunga. *O Homem das Galochas*, sobre a vida e obra de Andersen, de 1997, e *Claração nas Estrelas*, de 1998, ambas de sua autoria, confirmam suas qualidades poéticas, tanto em relação ao tratamento do texto, como às suas abordagens cênicas. Em *O Homem das Galochas*, Capella empresta de Andersen duas histórias de densidade: uma trata da perda, de uma mãe que perde o filho e vai até o inferno para resgatá-lo e termina compreendendo o sentido da aceitação; a outra história é *A Sombra*, em que um sábio escritor estrangeiro perde sua sombra, e ela fica a vagar sem destino, e conhece todo o submundo. A sombra do sábio torna-se escritor, porém suas letras descrevem a podridão do mundo, enquanto o sábio estrangeiro usa sua pena para revelar as verdades, as belezas e a bondade. O bom escritor adocece, torna-se cada vez mais fraco, e ninguém o encontra mais. Certo dia, a sombra volta e propõe que o poeta seja a sombra do escritor que era sua própria sombra, usurpando sua existência. A obra de Andersen é ainda atual,



Foto: Antonio Reginaldo Catinelli

Estante com parte dos troféus recebidos ao longo de 35 anos de carreira de Vladimir Capella na dramaturgia. Foto de 2013

se pensarmos que cada vez mais pessoas se esquivam de adentrar a própria sombra, no sentido junguiano.

Em 2002, estreia, em parceria com o Teatro Imprensa, *O Clone do Visconde*, a partir das histórias de Monteiro Lobato; *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, adaptação do livro de Jorge Amado; e, ainda, *O Colecionador de Crepúsculos*, baseado na vida e obra de Luís da Câmara Cascudo, um tributo ao folclorista que influenciou a formação intelectual de Capella.

A crítica Mônica Rodrigues Costa, falando a respeito de *Píramo e Tisbe*, aponta as características da dramaturgia e direção de Vladimir Capella: “Tudo o que é dito é simples, didático, como as enumerações iniciais do começo do mundo, concretas, ditas pelo coro sombrio, iluminado à luz de velas: ‘(...) Do sublime mistério da noite profunda nasceu o amor. Depois tudo então foi ordem e beleza. Surgiram os rios, as matas, as fontes, o céu e as estrelas. O sol, a lua e a chuva, os ventos, as pedras (...)’. O trabalho de mestria do diretor é visível em *Píramo e Tisbe*. Capella demonstra ser possível trabalhar com jovens atores, aproveitando seu esplendor, ou o que eles têm de melhor - a integração do grupo (vista no coro), a desenvoltura nas cenas de contato amoroso físico, nas coreografias circenses (Marco Vettore). Os mitos de *Píramo e Tisbe* falam de perdas, infortúnios, impedimentos. O alegre Píramo (Jiddú Pinheiro) encarna desespero quando se vê trancado pela mãe, que tenta impedir sua morte prematura, afastando o filho da amada Tisbe (Paula Sardá). Ao se verem tão tragicamente separados - a parede é humana -, os atores dão lições de agilidade. Ocupam a cena com expressões de ansiedade e espanto, provocados pela percepção - eles ainda são tão jovens -, da impossibilidade do amor”.

Vivemos em uma sociedade vertiginosa. Tudo é volátil. Fugaz. As relações humanas não



são mais tangíveis e a vida em conjunto, familiar, de casais, de grupos de amigos, de afinidades políticas, perde consistência e estabilidade. Estamos inebriados pelo consumo, entre megálópoles e arranha-céus, na indiferença mútua e paradoxalmente fortalecida pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar, e que, frequentemente, pulverizam ou destroem comunidades, valores, vidas. Imersos em cinismo, imediatismo, oportunismo e outros horrores, ambiguidades e ironias da pós-modernidade, há ainda quem persiga a perenidade. Grandes dramaturgos, Shakespeare, Cervantes, são grandes pensadores do mundo, do existir nele, embora sejam produtos históricos de sua sociedade e de sua época, transcendem seu tempo, são universais.

O teatro proposto por Capella é poderoso, humanizador, questionador, pois se volta não somente a entreter o público, busca a essência primeira do teatro, levar à catarse, integrar o indivíduo em temas estruturais. Os personagens levam o próprio ator a uma função esplêndida de doar seu corpo e alma a questões humanas bem mais profundas, que o conduzem à experimentação de posicionamentos: o que diz o persona-

Folder de divulgação de *Píramo e Tisbe*. Peça adaptada por Vladimir Capella, ficou em cartaz no Teatro SESI, no Centro Cultural Fiesp Ruth Cardoso, em 2011

gem? Ele é a favor do sistema? Ou contra? Ele é a favor do homem? Ou contra? Para Capella, o processo de construção do personagem, assim como o do próprio ator que o vivifica, é o mais importante. Estar existindo é exercitar o aprendizado constante, a incessante lapidação, prática que tem sido relegada ao imediatismo da pós-modernidade. Valorizar cada passo do percurso é que faz a excelência do caminhante ao cessar de sua caminhada. A experiência nutre a referência, que por sua vez fornece o norte. Portanto, Capella busca a tradição do teatro antigo, atemporal, profundo, catártico e edificante. “O teatro é algo muito poderoso, quando realmente compreendido”, afirma o dramaturgo.

Vladimir Capella tem sede de arte. Tem a ânsia de um jardineiro que precisa cultivar um jardim frondoso. E deixa seu recado: “Acredito que é o teatro, a arte, que forja a personalidade de uma cidade, que a faz ser notada pelo mundo. A arte é que deve mover a alma desta cidade, de quem nela vive, fazê-la conhecida pela sociedade, porque em termos econômicos não temos problemas. A cultura e a memória devem ser vividas intensamente, é boa parte do que somos. É esta intensidade que falta à vida da população de São Caetano”.

Façamos nossas preces para que o legado de Vladimir Capella não seja adiado à postumidade. Para que as gerações de hoje e amanhã conheçam as histórias fantásticas que sua imagina-

ção criou e possam ter suas almas educadas para o sentir, fruir para além da instantaneidade fugidia; serem tocadas para além da epiderme, verem o mundo com os olhos do interior. Posso confessar que tive o privilégio de ser tocada pelo universo lúdico de Capella, quando assisti, pela primeira vez, a um espetáculo teatral, aos 7 anos, nos idos de 1989, e jamais me esqueci da velha canção *Helena Pereira*, em *Panos e Lendas*.

A obra de Capella opera num campo de realismo fantástico, e aproveitou a oportunidade para exercitar meus devaneios: que bom seria se fosse possível deslumbrar todo repertório deste grande dramaturgo nos palcos de nossa cidade. Um grande Festival Capella!!! Seria o privilégio de viver o dia a dia como uma obra de arte! (Mariana Zenaro) **R**

#### NOTA

<sup>1</sup>Graças ao monumental trabalho de Manuel Cavalcanti Proença, Roteiro de Macunaima, podemos acompanhar como o escritor paulista foi reelaborando as narrativas colhidas na obra Von Roraima zum Orinoco (Do Roraima ao Orenoco), do alemão Theodor Koch-Grünberg, mesclando-a a outras fontes, como livros do historiador Capistrano de Abreu, Couto Magalhães, Pereira da Costa ou mesmo relatos orais, como o que o grande compositor Pixinguinha fez de uma cerimônia de macumba, para ir tecendo sua rapsódia.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, Hans Christian. A sombra. In: CALVINO, Italo. *Contos fantásticos escolhidos por Italo Calvino*. Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.  
 CAPPELLA, Vladimir. *Piramo e Tisbe*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2012.  
 SUPERBI, Fábio. *Panos e Lendas: três décadas de histórias*. São Paulo: Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2007. 147 pag. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Artes, área de concentração em Artes Cênicas, linha de pesquisa Teoria, Prática, História e Ensino, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Benecine Albuquerque Raulino de Oliveira. Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2007.  
 TERÇAROLI, Cibele Paula Troyano. *O Enigma da Morte no Teatro de Vladimir Capella*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), 2004. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Artes em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Artes, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Lúcia de Souza Barros Pupo, 2004.

#### Fontes:

COSTA, Mônica Rodrigues. Mitos gregos ganham versão para teens. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 nov. 1995.  
 VOLTOLINI, Ricardo. O brilho de uma cinderela cabocla. *Folha da Tarde*, São Paulo, 21 nov. 1985.

#### Site:

[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_teatro/index.cfm?fuseaction=personalidades\\_biografia&cd\\_verbete=399](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=personalidades_biografia&cd_verbete=399). Acesso em 03 Mar. 2013.

## PRODUÇÕES NO TEATRO

1978- *Panos e lendas* (texto, direção e música)  
 1980- *Forrobodó*  
 (direção e integrante da criação coletiva do texto)  
 1981- *Como a Lua* (texto, direção e música)  
 1983- *Filme Triste* (texto e direção)  
 1985- *Avoar* (texto, direção e direção musical)  
 1986- *Antes de Ir ao Baile* (texto, direção e música)  
 1987- *Maria Borracheira* (texto e direção)  
 1989- *O Dia de Alan* (texto e direção)  
 1993- *O Saci* (texto e direção)  
 1994- *Chimbirins e Chimbirons* (direção)

1995- *Piramo e Tisbe* (texto e direção)  
 1996- *Ana Paz* (direção e concepção musical)  
 1997- *O Homem das Galochas* (texto e direção)  
 1998- *Clarão nas Estrelas* (texto e direção)  
 1999- *Imagens* (texto e direção)  
 2003- *Miranda* (texto e direção)  
 2003- *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* (texto e direção)  
 2007- *A Flauta Mágica* (texto: adaptação)  
 2007- *Tristão e Isolda* (texto e direção)  
 2009- *O Colecionador de Crepúsculos* (texto e direção)  
 2010- *O Meu Amigo Pintor* (adaptação cênica e direção)

## PRÊMIOS

**1978** - *Panos e Lendas* - Molière (para Vladimir Capella) – APCA (melhor espetáculo) – Mambembe (melhor autor para Vladimir Capella e J. G. Rocha, melhor figurino para Valnice Vieira e Nora Vianna) - Governador do Estado (melhor autor e melhor figurino) - SNT (Os cinco melhores espetáculos do ano -1979/RJ)

**1980** - *Forrobodó* – SNT (Os cinco melhores espetáculos do ano)

**1981** - *Como a Lua* – Molière (para Marcos Frota) – APCA (melhor espetáculo, melhor autor, melhor ator) – Mambembe (melhor autor, melhor ator, melhor produção) – Inacen (Os cinco melhores espetáculos do ano)

**1984** - *Do Outro Lado* – Inacen (Prêmio Hermilio Borba Filho, 3º lugar Concurso Nacional de Dramaturgia para Bonecos)

**1985** - *Avoar* - APCA (melhor música para Vladimir Capella e Marcos Arthur); Apetesp (melhor espetáculo, melhor autor, melhor música, melhor diretor, melhor atriz para Ana Maria de Souza, melhor produção para Grupo Pasárgada, melhor produção executiva para Evinha Sampaio) - Governador do Estado (melhor música) – Mambembe (melhor autor, melhor música) - Inacen (Os cinco melhores espetáculos do ano)

**1987** - *Antes de Ir ao Baile* – Molière (para Lizette Negreiros) – Apetesp (melhor espetáculo, melhor autor, melhor diretor, melhor atriz para Lizette Negreiros, melhor cenário e melhor figurino para J.C.Serroni, melhor iluminação para Mário Martini) - Prêmio João Ceschiatti-BH (melhor espetáculo visitante) - Sated-RJ (melhor autor)

**1987** - *Maria Borracheira* – Molière (para J.C. Serroni) - APCA (Grande Prêmio da Crítica, melhor autor, melhor cenário e melhor figurino para J.C. Serroni, melhor iluminação para Marcio Aurélio) - Apetesp (melhor espetáculo, melhor autor, melhor diretor, melhor atriz para Mayara Magri, melhor atriz coadjuvante para Cláudia Gutierrez, melhor música para Dyonisio Moreno, melhor cenário, melhor figurino, melhor iluminação, melhor coreografia para Rosa Hércules, melhor produção para Grupo Movimento Ar, melhor produção executiva para Rosa Casalli, melhor cenotécnico para José Revoltos Mir) - Governador do Estado (melhor espetáculo, melhor autor, melhor diretor, melhor atriz coadjuvante para Evinha Sampaio e Tatiana Nogueira, menções honrosas para música e sonoplastia para Solange Araújo) - Mambembe (melhor espetáculo, melhor autor, melhor diretor, melhor atriz para Mayara Magri, melhor atriz coadjuvante para Cláudia Gutierrez) - Inacen (Os cinco melhores espetáculos do ano)

**1989** - *O Dia de Alan* - Secretaria de Estado da Cultura (Prêmio Narizinho, 1º lugar Concurso de Dramaturgia) – APCA (melhor autor) - Apetesp (melhor autor) – Mambembe (melhor autor, melhor ator coadjuvante para Helio Zacchi, melhor atriz coadjuvante para Selma Luchesi) – Fundacen (Os cinco melhores espetáculos do ano)

**1991** - *Panos e Lendas* – APCA (melhor espetáculo) – Apetesp (melhor espetáculo, melhor autor, melhor diretor, melhor produção executiva para Evinha Sampaio)

**1992** - *Como a Lua* – Apetesp (melhor autor, melhor diretor, melhor música para Vladimir Capella, melhor ator para Wanderley Piras)

**1993** - *O Saci* – Apetesp (melhor espetáculo, melhor autor, melhor diretor, melhor ator para Eduardo Silva, melhor cenário

para Marcio Tadeu, melhor figurino para Marcio Tadeu, melhor produção executiva para Beti Antunes, melhor cenotécnico para Jorge Ferreira) - Mambembe (melhor ator)

**1994** - *Chimbirins e Chimbirons* – APCA (Grande Prêmio da Crítica)

**1994** - *Maria Borracheira* – Sharp (melhor espetáculo do eixo Rio-São Paulo) – APCA (melhor espetáculo, melhor diretor, melhor atriz para Selma Luchesi, melhor cenário para J.C. Serroni) – Mambembe (melhor diretor, melhor atriz, melhor cenário)

**1995** - *Píramo e Tisbe* – Apetesp (melhor autor, melhor atriz coadjuvante para Selma Luchesi) - Mambembe (melhor ator coadjuvante para Caco Ciocler, melhor atriz coadjuvante, melhor cenário para Romero de Andrade Lima, melhor produção para Teatro Popular do Sesi) – Funarte (Os cinco melhores espetáculos do ano)

**1997** - *O Homem das Galochas* – APCA (Grande Prêmio da Crítica pela autoria e direção de Vladimir Capella, melhor cenário para J.C. Serroni, melhor atriz para Débora Duboc, melhor música para Dyonisio Moreno, melhor iluminação para Davi de Brito) – Apetesp (melhor atriz, melhor cenário, melhor figurino para J.C. Serroni, melhor ator coadjuvante para Gustavo Haddad) - Coca-Cola (melhor iluminação, melhor produção para Príncipe do Talento) – Mambembe (melhor autor, melhor ator coadjuvante para Turíbio Ruiz, melhor iluminação, melhor figurino) – Funarte (Os cinco melhores espetáculos do ano)

**1998** - *Clarão nas Estrelas* – APCA (Grande Prêmio da Crítica pela autoria e direção de Vladimir Capella, melhor atriz para Selma Egrei, melhor cenário para J.C. Serroni, melhor música para Dyonisio Moreno, melhor iluminação para Davi de Brito) – Apetesp (melhor autor, melhor cenário, melhor figurino para J.C. Serroni, melhor música, melhor atriz coadjuvante para Renata Zhaneta, melhor ator coadjuvante para Cacá Amaral) - Coca-Cola (melhor atriz para Selma Egrei) – Mambembe (melhor autor, melhor figurino, melhor iluminação, melhor atriz coadjuvante para Selma Egrei) – Funarte (Os cinco melhores espetáculos do ano)

**2003** - *Miranda* – Funarte (2º lugar Concurso Nacional de Dramaturgia 2002) – APCA (melhor diretor) - Coca-Cola (melhor iluminação para Davi de Brito)

**2003** - *O Colecionador de Crepúsculos* - Prêmio Tatiana Belinky (Secretaria de Estado da Cultura - 1º lugar Concurso Nacional de Dramaturgia)

**2003** - *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* – APCA (melhor espetáculo, melhor diretor) - Coca-Cola Femsa (melhor espetáculo, melhor diretor, melhor figurino para J.C. Serroni, melhor produção para Cíntia Abravanel)

**2005** - *Avoar* - Coca-Cola Femsa (melhor iluminação para Ciso de Souza)

**2007** - *Tristão e Isolda* - Coca-Cola Femsa (melhor espetáculo jovem, melhor produção para Teatro Popular do Sesi)

**2009** - *O Colecionador de Crepúsculos* – 1º lugar no Concurso Nacional de Dramaturgia – APCA (melhor figurino para Tolume Hellen/J.C. Serroni) – Femsa (melhor figurino, melhor iluminação para Davi de Brito/Vânia Jaconis, melhor ator coadjuvante para Giovani Tozzi, melhor espetáculo jovem)

Domingo Glenir Santarneckchi

## E O SANTO SUMIU...

Qual foi o espanto dos fiéis frequentadores da missa dominical da Matriz Velha (Paróquia São Caetano) quando, no dia 13 de setembro de 1986, olharam para o altar-mor e sentiram falta da imagem de São Caetano, santo padroeiro da cidade. Alguns imaginaram que a referida estátua havia sido furtada, já que ela não saía daquele lugar desde



Arquivo/ Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Matheus Glomir Santarneckchi ao lado da imagem de Santa Rita, da Paróquia São Caetano, após término do trabalho de restauro da estátua

de 1945, quando foi encomendada especialmente ao escultor Arthur Peterzoli. Outros fiéis perguntaram ao padre Domingos Ibañez o que havia acontecido com a histórica estátua. Isso, no entanto, ocorreu nos primeiros dias, pois depois a explicação dada pelo pároco se

espalhou entre os paroquianos que, então, ficaram sossegados: “A estátua havia sido retirada para ser restaurada”, afirmara.

Na época, o *Sancaetanense Jornal* procurou saber quem estava fazendo aquela restauração para poder informar a seus leitores. Em uma residência na Rua Bueno de Andrade, nº 140, no Bairro da Fundação, encontraram, no quintal,

Matheus Glomir Santarneckchi trabalhando com afinco para reparar a estátua. Santarneckchi era um antigo colaborador da Matriz Velha, tendo sido coroinha na década de 1950, tempo em que a missa ainda era oficiada em latim, e, posteriormente, instrutor dos auxiliares do sacerdote. Ele era aposentado das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo e, durante seu trabalho na empresa, teve oportunidade de desenvolver várias habilidades e técnicas, como a de restaurar peças antigas de madeira.

Indagado sobre o trabalho, Santarneckchi informou que naquela paróquia existiam duas estátuas de São Caetano bastante conhecidas. Essa do altar-mor e outra, em bronze, que havia sido instalada em 1986 na torre da igreja, ficando iluminada e sendo vista de vários bairros. Essa estátua ficava, inicialmente, em um cruzeiro no centro da Praça Ermelino Matarazzo, em frente ao templo, mas com a reforma da praça foi instalada no meio de um jardim elevado. Neste novo local, a estátua passou a sofrer muitas pichações, ficando com aspecto degradante. Santarneckchi propôs a retirada da estátua do local para colocá-la na torre iluminada. A mudança deu bastante trabalho e foi necessário recorrer à ajuda do Corpo de Bombeiros, que utilizou uma escada magirus. Hoje a estátua paira sobranceira na torre da igreja.

**Restauração** - Quando realizava a restauração, Santarneckchi descobriu o autor da escultura em madeira maciça, o paulista Arthur Peterzoli. Pintada com cerca de 10 cores, foi feita em 1945, encomendada e entregue especialmente por ocasião da inauguração do novo altar-mor, feito em mármore carrara, custeado pela condessa Maria Ângela Matarazzo, esposa do conde Francisco Mata-

razzo, em evento religioso que ocorreu no dia 31 de agosto de 1947.

A decisão de restaurar a imagem foi do pároco, padre Antônio Ibañez e de seu irmão, padre Domingos Ibañez, ambos da Ordem dos Dominicanos, em virtude do péssimo estado no qual se encontrava, desgastada e corroída pelo tempo e pela poluição, além de apresentar os sintomas da falta de cuidados sofridos durante sua limpeza. O trabalho durou 15 dias e, utilizando massa sintética, foram totalmente restauradas as mãos, o rosto, as vestes e a base da estátua. Ela foi pintada nas cores originais, com tinta esmalte sintética brilhante, ganhando uma película de proteção mais durável. Os olhos não foram alterados, pois são de vidro e apresentam boa qualidade.

Finalmente, quando pronta, no dia 29 de setembro de 1986, após ser fotografada ao lado da família Santarnecchi como recordação de sua estada naquela casa, a imagem foi transportada e colocada novamente no altar-mor da Matriz Velha, para veneração dos seus fiéis. As dificuldades encontradas pelo restaurador foram na estola, nas mangas e na barra da batina do santo, que possuía um diagrama com muitos detalhes. Para não ser surpreendido depois da remoção da tinta original, Santarnecchi fotografou e filmou a escultura sob vários ângulos. Preciso ainda desenhar a renda que formava um diagrama para facilitar a reprodução e a pintura, o que conseguiu com êxito. Segundo ele, essa foi a estátua que mais deu trabalho para restaurar.

Ele fez questão de ressaltar que nada cobrou pelo serviço, como aconteceu também com as outras imagens da Matriz Velha que restaurou. O trabalho lhe causou muita satisfação e foi um grande desafio, pois a imagem de São Caetano possuía muitos detalhes delicados e difíceis de serem trabalhados, além de ter colaborado espontaneamente com a paróquia que frequentou desde jovem e que simboliza o berço da fundação da cidade. Além de 12 imagens de santos, Santar-

necchi também reparou os 14 quadros da Via Sacra que se encontravam muito desgastados. Todas essas peças foram restauradas no ateliê de sua residência, com exceção do Cristo Morto, que, devido às suas dimensões, não pôde ser transportado, sendo restaurado no salão paroquial.

Santarnecchi restaurou, ainda, voluntariamente, estátuas da Paróquia Sagrada Família, no Bairro Centro, da Paróquia São João Batista, no Bairro Santa Paula, da Paróquia Nossa Senhora da Prosperidade, no Bairro Prosperidade. Em Santo André, passaram sob seus cuidados imagens das paróquias Santa Rita de Cássia, na Vila Gilda, Sagrado Coração de Jesus, no Bairro Jardim. E, em São Paulo, as esculturas da Paróquia Nossa Senhora das Graças, na Vila Califórnia.

Matheus Glomir Santarnecchi faleceu na manhã do dia 17 de agosto de 2004, em virtude de um infarto e hoje é nome de uma das salas do Museu Histórico Municipal. Pouco antes de seu falecimento realizou a restauração de uma cruz muito antiga, peça integrante do acervo do museu, a pedido do supervisor Humberto Domingos Pastore. Vale lembrar que todas as suas coleções de relógios, rádios antigos, quadros, crucifixos e uma série de peças históricas por ele restauradas foram doadas à instituição por sua família. **R**



Estátua de São Caetano no altar da Paróquia São Caetano

Acervo/ Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI  
É JORNALISTA, ADVOGADO, ESCRITOR E PESQUISADOR DA MEMÓRIA DO ABC.  
FOI PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA E É MEMBRO DA ACADEMIA DE  
LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO.

Suzeti Rocha

# Moda de Outrora

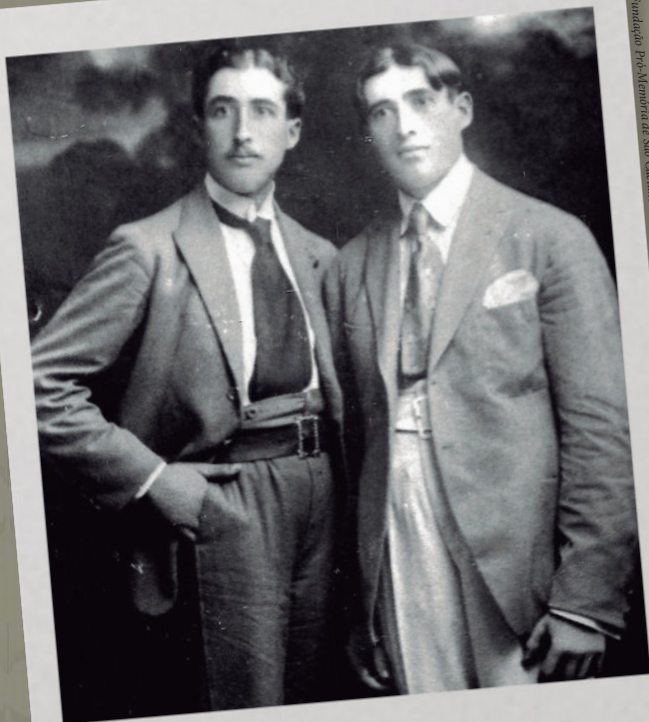
## O TERNO MASCULINO

A moda feminina sempre foi efêmera, porém, o figurino masculino não mudou muito depois da concepção do terno. Buscando a origem da palavra, o terno seria o conjunto de paletó, colete e calças, usado pelos homens a partir do século 19. Neste período, as três peças eram combinadas com o colarinho duro e a indispensável gravata. Os paletós possuíam dois ou três botões, e as calças eram estreitas. Somente no período chamado de *Belle Époque*, no começo do século 20, o terno aproximou-se da forma que o conhecemos hoje.

Apesar das mudanças socioeconômicas enfrentadas no começo do século passado, o traje masculino continuou a transmitir a imponência e a sobriedade da figura do provedor, do guerreiro e do religioso na maneira de se vestir e de se comportar na sociedade. No início da Idade Moderna, as cores do guarda-roupa dos homens eram sóbrias, em torno dos tons de cinza escuro, azul, azul escuro e marrom (o preto não era popular), e eram confeccionados em tecidos como algodão, lã, flanela e tweed.

Os ternos e as calças, a partir do início dos anos de 1910, foram muitas vezes esquecidos, por conta da Primeira Guerra Mundial. Como pode ser observado na imagem (foto 1) que retrata Fernando e Ângelo Riera, em 1915, a cintura dos trajes tendia a ser alta e apertada, em uma posição pouco confortável. A calça dessa época era grande, estilo balonismo, muito artesanal. O terno, muitas vezes, era confeccionado por costureiras.

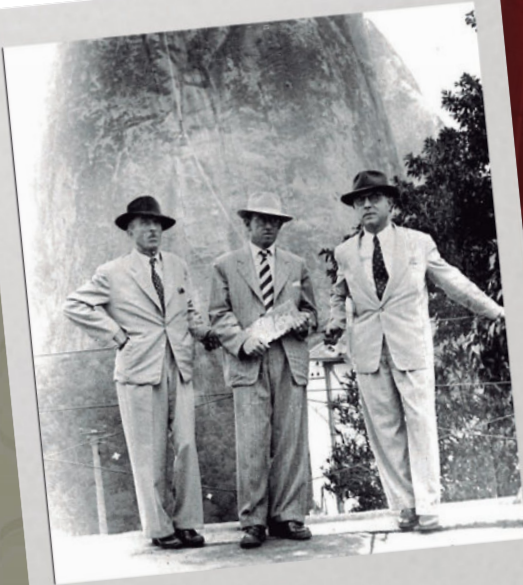
Já nos anos 1940, marcados pela Segunda Guerra Mundial, a moda teve de se adequar aos tempos difíceis. Com a escassez de matérias-primas para importação, houve um empenho generalizado de afirmação da indústria nacional, rompendo com a exclusividade



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

(foto 1)





(foto 2)



(foto 3)

Acervo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

dos artigos importados e a hegemonia da influência estrangeira. Nesse período surgem butikues e costureiros famosos com modelos próprios inspirados em uma moda brasileira. O surgimento da alta costura no Brasil traz em suas características a autenticidade da moda nacional, como a que nasceu por necessidade de adaptação climática tropical: ressaltam-se tecidos leves e o chapéu panamá virou um acessório muito utilizado. Na fotografia de 1946 (foto 2), Biaggio Cersosimo e os companheiros Nicola Perrella e Hembriani Paolone aparecem trajados com ternos, durante passeio ao Rio de Janeiro.

Chegamos aos anos 1980, época de Guerra Fria e

de muitos conflitos, sendo que para a América Latina, foi considerada a década perdida. Na década da música eletrônica, o *new wave* e o *pop* tornaram-se os gêneros musicais mais vendáveis e populares, assim como toda a estrutura da *dance music*. Surge a MTV, o *hip hop* e as primeiras *raves*. O *hard rock* também recebe novas influências, com batidas mais fortes e sons mais pesados das guitarras, o que trouxe ao público um dos gêneros musicais mais populares da década: o *heavy metal*. Como toda peça de roupa, o terno já passou por várias mudanças em relação aos tecidos e modelagens ao longo das décadas. Nos anos 1980 eram feitos preferencialmente de linho e

continham ombreiras. O terno de abotoadura dupla ficou em alta, com um corte *slim*, ombros evidentes e cintura ajustada. As calças eram retas, e os tecidos, cada vez mais maleáveis e sofisticados. O jovem (não identificado) desfilando, em registro de 1981 (foto 3), mostra roupas confeccionadas por alfaiates de São Caetano em evento realizado no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro.

Para os dias atuais, as tendências apontam para modelos mais justos, com abotoamento duplo, lapelas estreitas e tecidos cada vez mais tecnológicos e confortáveis. Na cartela de cores, as tonalidades clássicas ao preto, sempre formal. Anne Hollander, em sua obra *O Sexo e as Roupas*, lembra que a moda é um fenômeno social e que as mudanças no vestuário são também mudanças sociais. **R**

SUZETI ROCHA  
É PROFESSORA DE MODA, PÓS-GRADUADA  
EM HISTÓRIA DA ARTE E ESPECIALISTA  
EM HISTÓRIA DA MODA.

Dozolina Dario Ferrari e José Ferrari se conheceram e casaram em Campinas (SP), mas foi em São Caetano do Sul que o casal se estabeleceu e criou os filhos



Foto: Oliver Ferrari Bastian

# FAMÍLIA FERRARI:

## UMA VIDA DE PEREGRINAÇÃO E VITÓRIAS

Eles chegaram a São Caetano do Sul em 1927, vindos de Campinas, interior de São Paulo. De mala e cuia, e com três filhos pequenos nos braços, contavam com a ajuda de parentes no novo destino. José Ferrari e Dozolina Dario Ferrari trabalhavam na roça. Ele, com o carro de boi, utilizado para o transporte de cargas no meio rural, e ela, em casa e lidando com as plantações. Conheceram-se, namoraram e se casaram neste cenário. Foi também aí que tiveram os primeiros três filhos: Maria, Sílvio e Tercília.

O pai de Dozolina já estava instalado na Rua Prudente de Moraes, no Bairro Santa Paula, em São Caetano, quando a família resolveu se mudar. Era uma casa pequena onde viviam apertados. Ali já moravam o patriarca, Rosa (uma das irmãs de Dozolina), seu marido e mais seis filhos. A situação se complicou mais ainda após a chegada de mais três filhos de Dozolina.

Verônica foi a primeira a nascer na cidade. Depois vieram os gêmeos Ermelinda e Ermelindo, sendo que ele faleceu logo após o parto. E, por último, Milton.

Foi o início de uma trajetória de sacrifícios e peregrinação que a família teria de superar para conseguir se estabelecer no município. Com o trabalho do pai, como motorista de caminhão, e da mãe, como empregada doméstica, a família conseguiu juntar dinheiro e alugar uma casa na Rua Manoel Coelho, no Bairro Centro, local que futuramente iria abrigar o Cine Urca (e que depois ganhou o nome de Cine Lido).

Após algum tempo, a família, agora constituída por oito membros, mudou-se para outra residência, em frente da Igreja São João Batista, na Rua Piauí, no Bairro Santa Paula. Foi aí que a prole ficou completa com a chegada de Olga e Wilson.

Neste lugar, eles viveram momentos de muita felicidade, mas uma grande tristeza se abateu sobre todos quando um acidente doméstico vitimou Milton.

Foi nesta época que um compadre do casal ofereceu a Ferrari e Dozolina uma casa de aluguel, na Rua Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Oswaldo Cruz. Porém, passados alguns meses, ele pediu o local de volta, pois tinha resolvido residir naquele imóvel. O próximo destino então foi a Rua Nossa Senhora da Candelária, no mesmo bairro. Dozolina se apavorou ao chegar, pois uma grande escada ligava o portão à entrada da casa. Além da dificuldade de enfrentar aquela subida todos os dias, ela temia pela segurança dos filhos.

Com esse empecilho, a passagem da família Ferrari por esse lugar foi rápida. Logo se mudaram para a Avenida Dr. Augusto de Toledo, no Bairro Santa Paula. Eles ainda se adaptavam com a vizinhança, quando outra tragédia abalou a família. Era sábado, dia 1º de agosto de 1942. Como sempre fazia, Ferrari levantava, comia do pouco que tinham, dava um beijo nas crianças e seguia para o trabalho. Neste dia, logo depois de sair, retornou. A mulher perguntou se havia esquecido um documento. Ele respondeu que sim, mentindo, só para poder dar mais um beijo nos filhos. Em seguida, saiu novamente.

Durante uma das entregas que Ferrari realizaria neste dia, em Mauá, para as Indústrias

Aliberti Ltda., onde trabalhava, o caminhão que dirigia passou por um buraco e tombou, causando a morte do motorista. Ele tinha 40 anos e deixava mulher e sete filhos para cuidar. O velório foi realizado na própria sala da família, como era costume na época. O dono da fábrica onde Ferrari trabalhava comprou um lote no cemitério para que o corpo pudesse ser sepultado.

Desse momento em diante, ao menos pelo próximo ano, o luto caiu sobre a família Ferrari. Na casa só se ouvia o choro interminável de Dozolina, que usava um vestido preto, que a cobria por inteiro e que a acompanharia por muitos anos. Os filhos, pela tradição da época, também deveriam usar preto por um ano e, somente após esse período, ir retirando o luto aos poucos. Quando vestiam o uniforme da escola, as meninas usavam um laço preto na cabeça. Os meninos, uma faixa da mesma cor no braço.

Mesmo inconsolável, Dozolina continuou a trabalhar e a cuidar da casa. Mas ela claramente não estava bem. As comidas sempre saíam do forno queimadas e os objetos caíam a toda hora no chão. Não bastasse todo o sofrimento, a casa da Avenida Dr. Augusto de Toledo foi vendida e o proprietário começou a pressionar Dozolina para que ela saísse do local o quanto antes. Nesta época, Maria, a filha mais velha, já estava casada com Francisco Micai e era mãe de Maria Cleide, primeira neta dos Ferrari, mas, como estava sem dinheiro, dividia um dos cômodos com o restante da família, o que aumentava a quantidade de gente despejada e o desespero de Dozolina.

A sorte surgiu quando Francisco chegou com um panfleto que havia encontrado no chão da fábrica onde trabalhava. Era o anúncio dos primeiros loteamentos da então Vila Gerty, que avisava aos interessados que seriam disponibilizados alguns materiais de construção para quem adquirisse um terreno na área. Dozolina foi con-



Arquivo Olga Ferrari Passato

Posam para a foto as filhas Olga, Tercília, Verônica, Ermelinda, a matriarca Dozolina, Maria e Maria Cleide, primeira neta dos Ferrari. Apesar de todas as adversidades, a família se manteve unida

ferir se era verdade. Não era nem de longe o que a matriarca desejava, mas o suficiente para evitar que dormissem na rua.

E então, depois de tanta luta e sufoco, finalmente conseguiram comprar um terreno próprio, na Rua Sílvia, somando os salários dos filhos mais velhos com o dinheiro que Dozolina ganhava com o trabalho de empregada doméstica e lavando roupa para fora. A eles, só cabia o dinheiro das horas extras, o resto era entregue imediatamente para a mãe. Apenas Olga e Wilson ainda estudavam.

Chamaram um pedreiro e, com o que tinham ganhado, conseguiram erguer as paredes. O resto foi se arranjando. Nem dinheiro para levantar uma cerca havia sobrado, por isso, eles deveriam aprender a conviver com vacas, bodes e cabritas no quintal. Se fossem à missa, único “lazer” ao qual a família se dava ao luxo, precisavam empurrar a mesa da sala para evitar que os animais invadissem o cômodo e destruíssem o pouco que tinham.

Além dos bichos, havia uma lista de inconvenientes com a mudança para este bairro ainda despovoado: faltava energia elétrica e água, não havia comércio ao redor – para buscar pão eram mais de 30 minutos de caminhada - e as ruas ainda não existiam. Era tudo mato.

O único membro que não chegou a morar nesta casa foi Maria, que com o marido e filha pequena, conseguiu um imóvel na Rua Visconde de Inhaúma, também no Bairro Nova Gerty. Aos poucos, a vida foi se ajeitando, os demais filhos casando e mudando. Ermelinda se casou, mas separou-se e voltou a morar com a mãe. Ficaram só as duas na casa da Rua Sílvia, até que Ermelinda morreu, aos 41 anos.

Como nesta época Dozolina já estava idosa, a família optou por vender a casa na Rua Sílvia. Olga a chamou para morar com ela em sua casa, em um cômodo nos fundos, o que ainda lhe garantiria certa independência. Foi na Rua Francesco De Martini, no Bairro Oswaldo Cruz, que Dozolina passou os últimos 18 anos de sua vida.

A matriarca conheceu todos os 12 netos e alguns bisnetos. Em 22 de abril de 1988, faleceu. Tinha 86 anos. A cabeça já não funcionava como antes, mas o que ela nunca esqueceu foi a casa na Rua Sílvia, construída com suas próprias mãos, e que conseguiu lhe devolver alguma segurança e felicidade após a morte do marido. (Marília Tiveron) R

(TEXTO BASEADO NO DEPOIMENTO DE OLGA FERRARI POSSATO, UMA DAS FILHAS DO CASAL)



Acervo/Olga Ferrari Possato

No retrato, tirado em janeiro de 1982, aparecem os filhos Verônica, Olga, Wilson, Tercília, a matriarca Dozolina, e Maria, durante comemoração familiar

João Jenidarchiche

## CAMPANELLA E SEU ÔNIBUS

Quem passava pela Rua Santa Catarina, em São Caetano do Sul, nos primeiros anos 1950, invariavelmente deparava-se com um senhor tipo bonachão, sentado à porta da Pizzaria Luchesi, saboreando sua cervejinha. De porte físico avantajado, com timbre de voz acusticamente acima das pessoas normais, querido por todo mundo. Estacionado ali ficava um ônibus *sui generis*, de cor amarelada, tendo à frente do banco do motorista um sino, cujo badalo era atrelado a uma corda. Além do sino havia uma enorme corneta cujo som era produzido por uma bola de borracha a ela acoplada.

Ah, antes que me esqueça, o senhor bonachão que bebericava era o velho Campanella, ao que parece sem ligações de parentesco com o prefeito que por duas vezes governou nossa cidade. Ele fazia lotação de torcedores da Rua Santa Catarina para o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu). O velho era um pândego: em plena cidade de São Paulo, com o ônibus lotado de torcedores, concomitantemente tocava o sino, buzina e acionava a corneta. Quando o grande e velho veículo era solicitado a escalar uma ladeira, o condutor, com maestria na condução, fazia esta manobra aos trancos, acelerando e brecando o ônibus repleto de passageiros, que se deliciavam com este tipo de brincadeira e com as micagens que o gordo motorista fazia.

O ônibus tinha janelas normais porém, no teto, abriam-se três ou quatro grandes repartições, o que aumentava o conforto dos passageiros e a vista bizarra do coletivo. Muitas vezes, por conta da lotação completa, muitos torcedores ainda ficavam em São Caetano. Já há alguns dias antes dos jogos o velho Campanella, sentado ao lado do ônibus e com sua insubstituível cerveja à mão, ia anotando nomes e re-



Rua Santa Catarina na década de 1950

cebendo a tarifa dos interessados. Se fosse hoje, poderíamos dizer que o preço pago tratava-se de um preço social ante a generosidade do valor cobrado. Disso, graças ao bom Deus, sou testemunha ocular.

O que a seguir relato, a respeito do bondoso e inesquecível Campanella (do qual, aliás, nunca soube o prenome), me foi transmitido por outras pessoas que juram ser verídico: dizem que certo dia um pequeno empresário, que tinha um ônibus como o Campanella, propôs-lhe sociedade para trabalharem juntos, utilizando os dois autos. Argumentava aquele senhor que com dois veículos poderiam tentar fazer serviços de frete para empresas, trabalho que estava em crescimento vertiginoso na região. Além do mais, aos domingos, feriados e dias santos, poderiam organizar romarias aos santuários (notadamente o de Aparecida do Norte), programas de pescaria, convectos às praias e outras viagens. Segundo ainda me contaram o velho Campanella respondeu: “Isto não vai valer a pena. Eu me contento com estas excursões ao Pacaembu”.

Tempos depois, ainda segundo dizem, Campanella estava ligeiramente transtornado por não ter acolhido o convite do amigo. Se fosse comigo eu ficaria extremamente atordoado e não me perdoaria até hoje. Sabem por que amigos? Porque o tal interessado na associação era nada mais nada menos do que um senhor de sobrenome Breda, que criou um verdadeiro império no sistema de transportes, notadamente no litoral paulista. Sobre a segunda parte do relato não posso afirmar sua veracidade, aliás nunca me preocupei em saber se era verdade ou não. **R**

JOÃO JENIDARCHICHE

É ADVOGADO, FORMADO PELA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO (TURMA DE 1979), E ATUA NA ÁREA CÍVEL. JÁ PUBLICOU DIVERSAS CRÔNICAS SOBRE A CIDADE EM JORNAIS DE SÃO CAETANO E NO VIVA SÃO PAULO.

Sérgio Augusto Alonso Ballaminut

# ESTACÃO CAETANO

Todos os dias  
É um vai e vem  
A vida se repete  
Na estação...

(Milton Nascimento)

A centopeia de aço  
Preenche o espaço  
Que é fundo  
É o mundo.

Saudade dos filhos  
A cobra dos trilhos  
Balança seu guizo  
Leva o sorriso.

Na estação Caetano  
O monstrengo humano  
Quando chega ao fim  
É expresso...  
Regresso  
Enfim.

# SINO

Sino sinal  
De amor fraternal.

Sino feliz  
Da velha Matriz.

Sino aviso  
Orar é preciso.

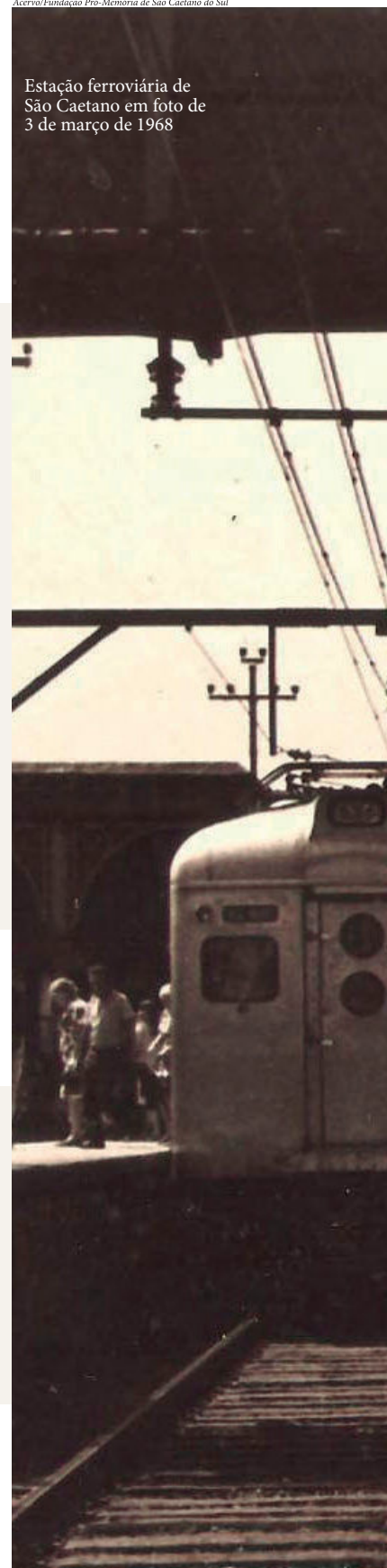
Sino que vem  
De Antônio Ângelo  
Amém. **R**

SÉRGIO AUGUSTO ALONSO BALLAMINUT

É BACHAREL EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP) E ESPECIALISTA EM FINANÇAS PELA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS). É DIPLOMADO, TAMBÉM, EM PRODUÇÃO E GESTÃO CULTURAL E ATUA COMO ADMINISTRADOR NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC. POETA E ESCRITOR, É MEMBRO DO GRUPO LITERÁRIO DO GRANDE ABC E DA ACADEMIA POPULAR DE LETRAS DE SÃO CAETANO. ESCRIVE HÁ MAIS DE 20 ANOS, CONTANDO COM UM VASTO ACERVO POÉTICO.

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Estação ferroviária de  
São Caetano em foto de  
3 de março de 1968



Cecília A. B. Camargo



Arquivo/Museu Bairro de Mauá

## INTERNET, REDES SOCIAIS, MEMÓRIA E HISTÓRIA

**B**uscar referências fotográficas e depoimentos para o resgate da história de uma cidade e de uma região sempre demandou muito tempo, pesquisa e, porque não dizer, horas e horas atrás das pessoas, tentando conquistar-lhes a confiança para que cedam suas fotos preciosas e muitas vezes únicas, para que possamos deixar registros de um passado nem sempre recente. Quanto mais voltamos no tempo, mais escassos ficam esses registros fotográficos e documentos em geral.

Após discussões quanto ao reconhecimento desta imagem, os membros do grupo chegaram à conclusão de que se trata da Rua Onze de Junho, no Jardim Pilar. Na foto, ela aparece em dois momentos

Com o advento da informática, escanear fotografias facilitou muito a vida de quem se dedica a “garimpar” lugares e fatos e simplificou também a forma de divulgar e arquivar todo esse material de referência. Podemos dizer que a informática então tornou-se uma grande aliada de historiadores e memorialistas. Mas os programas de imagem não são os únicos instrumentos a nosso favor. As redes

sociais também demonstram ser de grande ajuda para pesquisarmos, discutirmos, publicarmos e divulgarmos a história da região. Meu foco principal neste assunto é o grupo Mauá Memória, dedicado a esta cidade do ABC, que conta com uma Fan Page no Facebook ([www.facebook.com/groups/mauae-mfoto](http://www.facebook.com/groups/mauae-mfoto)).

Essa página, idealizada por Alex Shinobi,

comunicador social, teve início com o intuito de determinar quais eram os lugares retratados em fotos sem identificação, que fazem parte do acervo do Museu Barão de Mauá. Por pura diversão, algumas pessoas, a quem chamo de memorialistas, como o escritor Edson Bueno de Camargo, a vendedora Cleusa Gonçalves e o assistente de estúdio Marcos Hummel, começaram a pesquisar e a contatar parentes e conhecidos na tentativa de identificar esses lugares.

Rapidamente uma pessoa começou a indicar outra e muitos jovens gostaram de reviver uma cidade até então desconhecida para eles. O grupo, que se iniciou com cerca de seis pessoas, já conta com mais de 1.700 membros, com postagens diárias e cada foto, documento, objeto ou de-



Acervo/Museu Barão de Mauá

poimento é devidamente comentado e debatido.

Fotos atuais são tiradas para confrontar as antigas. Dúvidas são discutidas exaustivamente até se chegar a um consenso. Pessoas de idade mais avançada sentiram-se atraídas a participar do grupo para reavivar memórias e se reencontrar com amigos dos quais há muito não tinham notícias. Pessoas que, por vários motivos, não residem mais em Mauá, mas mantêm laços afetivos com a cidade, como Luciana Boralli Gracias, que mora no litoral paulista, Orlando Lisboa Almeida, de Maringá (PR), e até pessoas de outros países, participam ativamente do grupo, dando sua contribuição e aproveitando para sentirem-se mais próximas da comunidade da qual um dia fizeram parte.

O acervo fotográfico e documental que se encontra disponível para visitas e pesquisas já é bastante considerável, muito maior do que encon-

trariamos em outros arquivos na região. O fato de as pessoas não precisarem sair de casa e poderem postar no grupo, em qualquer hora do dia, facilita muito a participação ativa, que de outra forma não ocorreria. Basta observar os horários das postagens que vão desde 7h ou 8h da manhã até altas horas da madrugada. Alguns só postam durante a semana, outros, só aos sábados e domingos, mas trocam informações e comentários preciosos.

Como as pessoas só precisam escanear e publicar fotografias e documentos, ficam mais à vontade em dividir com os outros esses ricos acervos, sem o receio de “emprestar” e não ter devolvido um material de grande valor histórico e pessoal.

Dentro do grupo já estamos criando espaço, por exemplo, para postarmos fotos de objetos relacionados às décadas passadas, que nos pertençam ou sejam de pessoas conhecidas. Essas fotos suscitam muitas lembranças e, com isso, em torno de um único objeto, dezenas de comentários são feitos e muitos fatos são resgatados sobre diversos pontos da cidade.

Os relatos por parte de várias pessoas são, muitas vezes, comoventes, outras vezes, engraçados, mas todos são de grande importância para o resgate de nossa história. Além disso, são feitos de forma espontânea, pois os membros se sentem à vontade, em casa, sem a relação mais impessoal que se tem com um entrevistador. É comum, também, haver depoimentos de familiares mais velhos, que mesmo não fazendo parte do grupo, já viram as informações publicadas e comentam o que estão vendo e o membro do grupo acaba fazendo o papel de escriba, intermediando o contato entre essa pessoa mais velha e os outros participantes.

Além do caráter de resgate que é extremamente relevante, outro aspecto não deve ser esquecido: as relações entre as gerações das famílias, que acabam por se aproximar, pois, por conta da curiosidade despertada por meio de uma foto ou

Esquina da Avenida Capitão João com a Rua da Matriz, também em dois momentos. Primeiramente, esta imagem foi identificada como sendo a Rua Campos Sales. Polêmica solucionada pelo testemunho dos membros da família Polisel, que moravam nas imediações



objeto, alguém mais novo vai buscar informações junto a um ente mais velho, que se torna peça importante desta construção da memória e sente-se valorizado por isso.

A diversidade do grupo é imensa, com pessoas de várias idades, classes sociais, bairros, religiões, profissões, partidárias políticas ou não. Todas essas diferenças não são levadas em conta. Visa-se ao resgate da memória da cidade e, para tanto, não se admite nenhum tipo de postura que desrespeite a total diversidade de seus participantes. A relação é de grande harmonia e pequenas diferenças são sempre superadas, mantendo um clima de cooperação e unidade em torno do objetivo maior.

Alguns membros do grupo são historiadores, como os professores Renato Dotta e William Puntschart, muito participativos, que enriquecem bastante as informações recebidas, dando-lhes sistematização. Mauá Memória está planejando lançar um material online e, se possível, impresso, para a divulgação do que já foi acrescido ao acervo.

A semente desse trabalho já rendeu outro grupo, História e Memória de Rio Grande da Serra ([www.facebook.com/groups/Hist.Mem.RGS](http://www.facebook.com/groups/Hist.Mem.RGS)), cidade que possui muitos aspectos

em comum com Mauá, tentando construir sua identidade e autoestima através do resgate da história de seus moradores e que já conta com mais de 200 membros, alguns deles tanto ligados a Mauá, como também a Rio Grande da Serra, reforçando a ideia do regionalismo do ABC.

Muitas pessoas têm se identificado, sentem-se mais pertencentes à cidade do que antes de fazerem parte do grupo. Pessoas ligadas a assuntos específicos, como pesquisadores sobre a porcelana brasileira, como Fábio Carvalho (Porcelana Brasil), integraram-se ao grupo, pois assim dividem e ampliam informações. Apreciadores das ferrovias, como Luis Fernando da Silva, de ônibus (busólogos), como Thiago Liberato, também participam, sempre enriquecendo os tópicos com detalhes mais específicos, complementando fotos e comentários com dados técnicos.

O levantamento do espaço geográfico ficou muito mais rico com o acréscimo de fotos de décadas variadas, mas que mostram avenidas importantes, construções marcantes que acabam por auxiliar no reconhecimento de fotos postadas sem local exato, além dos registros de locais antes ou durante o surgimento de loteamentos hoje já finalizados.

Enfim, desse grupo também fazem parte pessoas anônimas, as mesmas que, ao longo dos séculos, vêm construindo a história do mundo através de seu protagonismo. E é esse protagonismo que tanto enriquece o resgate de nossa memória e a construção de nossa história. **R**

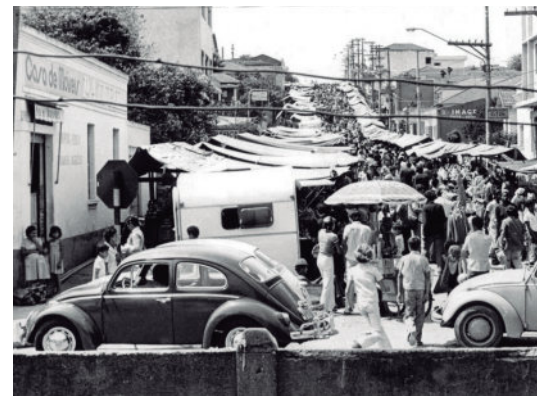
#### CECÍLIA A. B. CAMARGO

É MEMORIALISTA, FOTÓGRAFA E ARTE-EDUCADORA, TEM PUBLICADO UM LIVRO DE POSTAIS DO PÓ DE PEDRA À PORCELANA, MINISTRA AULAS DE ARTE NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL E ESTADUAL DE MAUÁ, NATURAL DE SANTO ANDRÉ, RESIDE EM MAUÁ HÁ 50 ANOS.



Acervo/Museu Barão de Mauá

Esta imagem foi inicialmente identificada como sendo a Rua Zaira Mansur Sadek. Por fim, chegou-se à conclusão de que se trata da Avenida Dom José Gaspar, graças ao testemunho do pai de um membro do grupo e de uma estrutura que ainda existe no local



Acervo/Museu Barão de Mauá

Rua General Osório, conhecida como Rua da Feira. Esta imagem foi muito comentada pelos integrantes do grupo, uma vez que a feira em questão era muito popular e frequentada pelos moradores de Mauá



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Carlos do Sul

A partir da esquerda, Walter Andrade, Francisco Campanella, Zinha Campanella, Lolita Bredler Reis, Jaime da Silva Reis, Anacleto Campanella, Hebe Ventura e Fábio Michelin Ventura. Foto tirada durante a segunda gestão municipal de Anacleto Campanella (1961-1965)



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Carlos do Sul

Foto tirada, provavelmente, durante o final do segundo mandato do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1969-1973). A partir da esquerda, Oto Diringler, Alberto do Carmo Araújo (Giba), Oswaldo Samuel Massei, Hermógenes Walter Braido, Lázaro de Campos, Antônio Carlos de Abreu Hildebrandi e Alécio Strabelli



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Carlos do Sul

Avenida Conde Francisco Matarazzo, em foto de 3 de março de 1968



Aerov/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Bairro Boa Vista, em meados da década de 1960. À esquerda, a Praça Antônio Branco Rodrigues Júnior, entre as ruas João Ramalho e Santos Dumont. O então vereador Gabriel Zambrana (camisa branca) aparece acompanhando o processo de preparo para o asfaltamento das vias



Aerov/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Foto de 13 de maio de 1964, em que Júlio de Mello aparece junto aos integrantes do Coral São Luiz Gonzaga, da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, do Bairro São José



Aerov/Paulo Tosta

À esquerda, o escrivão de polícia Paulo Tosta, na Rua Rio Grande do Sul, em 6 de novembro de 1958, quando tirou sua carteira de habilitação. A viatura que aparece na imagem seria utilizada por ele em serviço



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Reinauguração da Barbearia Salão Central, localizada na Av. Conde Francisco Matarazzo, nº 153. Vemos na foto, da esquerda para a direita: padre Ernesto, Othoniel Brandão Costa (Toti), Aniceto Ferreira de Oliveira (Setão), Manoel Ferreira de Oliveira (Garoto), Decio Lorenzini, Laerte Fernando Giorgetti, Rubens Pucceti e Geraldo (?). Foto de 1970



Arquivo/ Neusa Mathheus Pereira

Casamento de Neusa Mathheus Pereira e José Soriano Pereira, realizado em 29 de setembro de 1962, na Igreja São Francisco. Junto aos noivos estão os padrinhos Joaquim de Abreu Lima e Maria Gracinda de Abreu Lima. O registro foi feito em um estúdio fotográfico que ficava próximo do templo



## RAÍZES E RETRATOS

Este é um espaço disponibilizado pela Fundação Pró-Memória para que a população conte e compartilhe suas histórias, por meio de fotos antigas de famílias e da cidade como parte do projeto *Raízes e Retratos*, que foi lançado em maio de 2013.

Até o dia 24 de maio deste ano, foram inscritas imagens que deveriam ser datadas até o ano de 1990, sob qualquer tema, como registros familiares, eventos políticos e sociais, arquitetônicos, religiosos, étnicos, de hábitos, costumes, aspectos culturais e turísticos. Seleccionamos algumas fotografias e apresentamos nesta edição.

Participe você também e conte sua história nas páginas da revista *Raízes*. Envie fotos de seu acervo familiar. Conheça mais sobre o projeto *Raízes e Retratos* no site [www.fpm.org.br](http://www.fpm.org.br).



Vera Lúcia dos Santos Valverde aos 6 anos. Sua mãe, Virgínia Maria dos Santos Valverde, havia feito uma promessa e vestiu a menina como anjo, depois que ela foi curada de um problema de garganta. A imagem, de 1962, foi feita na cidade de Garça, interior de São Paulo, antes da família mudar-se para São Caetano

ACERVO/VERA LÚCIA DOS SANTOS VALVERDE



Os irmãos Maria Thereza Rossi, Eurico José Rossi e Eurico Rossi (conhecido como Silvio) em passeio ao Jardim da Luz, em São Paulo, em meados da década de 1930

ACERVO/MARIA THEREZA ROSSI LORENZINI

## RAÍZES E RETRATOS

Casamento de Angelina Mangianelli e Armando Favaro, realizado na Igreja Matriz Sagrada Família no dia 16 de junho de 1956. O casal passou a morar na Rua Major Carlo del Prete, entre as ruas Baraldi e Margarido Pires, em uma vila de casas já demolida, e teve quatro filhos (Marco Antonio, Paulo César, Cristina e Patricia)

ACERVO/DARCI MARIA MANGIANELLI BEZZI



Da esquerda para a direita, as vizinhas Hilda Garbin e Darci Maria Mangianelli, flagradas durante piquenique realizado na década de 1960, na Rua Margarido Pires (atual Avenida Goiás), no terreno onde hoje está instalado o INSS e a Delegacia de Polícia. Na época, era comum famílias das proximidades reunirem-se no local. As moças residiam na Rua Paraiba

ACERVO/DARCI MARIA MANGIANELLI BEZZI



## RAÍZES E RETRATOS



Formação do time de futebol de salão do Cruzada Esporte Clube na quadra do Tiro de Guerra 277, em 1963. Na imagem, foram identificados, em pé, da esquerda para a direita: Charly Farid Cury (Charles), Serginho, Bino e Sidney. Agachados: José Francisco Marcondes, José Francisco de Assis Oliveira (Neco), Leniton Dias e Antonio Carlos Cardoso. Os meninos faziam parte de um grupo autodenominado CLAFF. Todos moravam na Rua Espírito Santo e passavam muito tempo juntos

ACERVO/LENITON DIAS



Grupo de amigos, na esquina das ruas Espírito Santo e Rafael Correa Sampaio, dirigindo-se a um campo de futebol. Da esquerda para a direita, aparecem: Serginho, José Francisco de Assis Oliveira e Leniton Dias. A rotina da turma era futebol aos sábados à tarde, e depois iam para a lanchonete do Cine Vitória. À noite o destino era a Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasc) e, de vez em quando, bailes de formatura no São Caetano Esporte Clube. Foto de 1968

ACERVO/LENITON DIAS

## RAÍZES E RETRATOS



Foto da residência da família Gezelman em dois momentos. O casal João Gesellmann e Viktoria Gesellmann construiu a casa onde a família vive até os dias de hoje. A primeira imagem é do final da década de 1940 e a segunda foto mostra o mesmo local na década de 1990. O terreno foi adquirido pela família em 1924

ACERVO/MARLENE GEZELMAN





## RAÍZES E RETRATOS



Excursão de formatura da EEPG 28 de Julho (atual Escola Municipal de Ensino Fundamental) em 1982. Os alunos estão no Rancho Ranieri, em Itapeverica da Serra (interior de São Paulo)

ACERVO/PAULO SACHETA -  
EMPRÉSTIMO: MARCOS EDUARDO MASSOLINI



Banda Noé e Seus Náufragos se apresentando durante o I Festival de Música da EEPSP Dona Idalina Macedo da Costa Sodré (atual Escola Estadual), em 1984. Em destaque, na imagem, Marcos Massolini (Malu) e Átila Puglia, com a guitarra

ACERVO/ ÁTILA PUGLIA - EMPRÉSTIMO: MARCOS EDUARDO MASSOLINI



Festa de aniversário típica dos anos 1970. Da esquerda para a direita: Ednilson Massolini, César Massolini, Edileine Massolini, Adriana Massolini, uma prima, Marcos Eduardo Massolini e Heloisa Pareja Massolini . Foto de novembro de 1974

ACERVO/FAMÍLIA MASSOLINI

## RAÍZES E RETRATOS



Cortejo em direção à Paróquia Nossa Senhora Aparecida, realizado no dia 3 de março de 1968. O grupo saiu da casa da família Béo, que ficava na Rua Juruá, no Bairro Nova Gerty, e seguiu para o templo, onde foi realizada missa concelebrada pelo padre Januário Béo

ACERVO/MARIA JOSÉ DA SILVA BÉO



Primeira missa concelebrada na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Barcelona, em 1968. Da esquerda para a direita aparecem os padres Celso, Olavo Paes de Barros Filho, Januário Béo, Canísio Van Herkhuizen e Hilário

ACERVO/MARIA JOSÉ DA SILVA BÉO

O *Baú de Memórias* é um programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade de São Caetano do Sul, promovido pela Fundação Pró-Memória, por meio do Centro de Documentação Histórica, cujo objetivo é estimular a doação de documentos, fotografias, mapas, livros e objetos que pertenceram aos moradores da cidade, a seus familiares e também a pessoas que atuaram profissionalmente na cidade.

Os documentos e objetos doados são incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico, onde se tornarão importante fonte para pesquisas e preservação histórica do município. Aqui segue uma amostra de algumas doações. Faça a sua! Mais informações no site [www.fpm.org.br](http://www.fpm.org.br).



Margarida Trevisan, amiga de Lydia Debeus Perrella, sem data

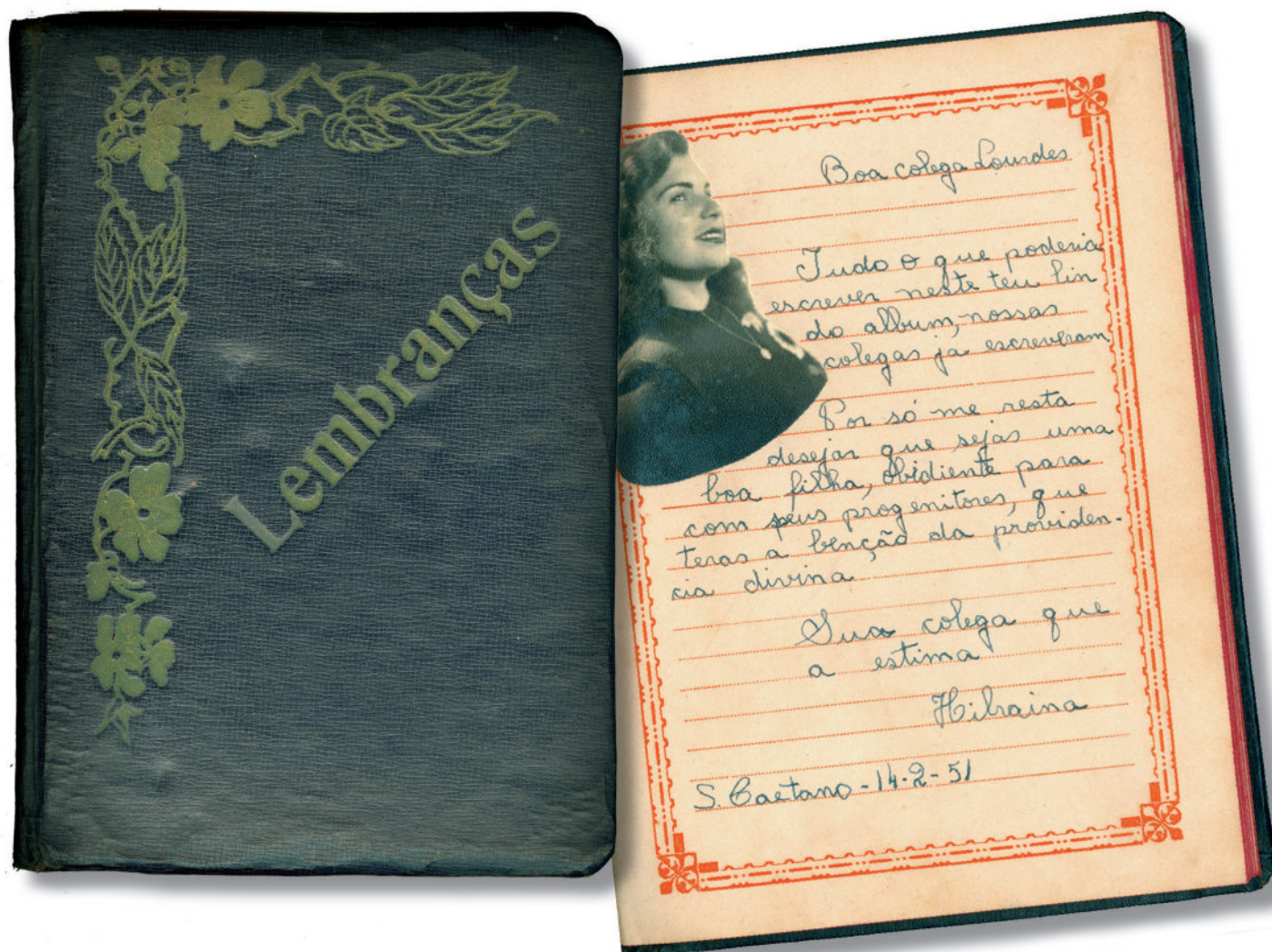
Francisco Debeus Filho (à esquerda) e Ângela Martorelli ao lado de funcionários do antigo 2º Grupo Escolar de São Caetano (posteriormente, Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva), que se situava na Rua Monte Alegre. Foto do final de década de 1930, aproximadamente

DOAÇÃO/LYDIA DEBEUS PERRELLA  
ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE  
SÃO CAETANO DO SUL



Álbum de lembranças de Maria de Lourdes Santarneckchi De Nardi, de 1949, contendo dedicatórias, poesias e recordações de seus colegas de trabalho nas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo e da Escola Normal Caetano de Campos

DOAÇÃO/MARIA DE LOURDES SANTARNECCHI DE NARDI  
ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL



## EXPOSIÇÕES

## Pinacoteca 10 Anos — Artes Visuais em São Caetano do Sul



A Fundação Pró-Memória promoveu desde o ano passado (18 de outubro de 2012) até o dia 30 de março de 2013 a exposição *Pinacoteca 10 anos - Artes Visuais em São Caetano do Sul*. A mostra celebrou uma década de atividades da Pinacoteca Municipal, marco cultural

do Grande ABC. Houve uma seleção especial de obras do acervo da instituição, reunindo em um mesmo espaço trabalhos dos salões de arte contemporânea, realizados na cidade nas décadas de 1960 a 1980, e novas aquisições, que foram expostas pela primeira vez.

## Fé – Honra – Trabalho

Em comemoração aos 100 anos do início do processo de instalação das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo em São Caetano do Sul, o Museu Histórico Municipal realizou a exposição *Fé – Honra – Trabalho*. De 6 de dezembro de 2012 até o dia 2 de março deste ano, objetos e exemplares de alguns produtos do grupo, como as tradicionais louças da Cerâmica Matarazzo, conhecidas como Louças Cláudia, puderam ser contemplados.



## Sobre a areia



Desde 21 de dezembro de 2012 até 28 de fevereiro deste ano, o Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes abrigou a exposição *Sobre a areia*. Celebrando o verão, a mostra apresentou imagens de famílias de antigos moradores de São Caetano em piqueniques no litoral paulista. O passeio era muito comum antigamente e um dos destinos preferidos era a Praia do José Menino, em Santos.

## EXPOSIÇÕES

## Hiroshima e Nagasaki:

UM AGOSTO PARA NUNCA ESQUECER!



A Fundação Pró-Memória, por meio do Rotary Internacional Distrito 4420, promoveu a exposição *Hiroshima e Nagasaki: Um agosto para nunca esquecer!*, da Associação Paulista de Medicina. Foram expostas fotografias que contavam a história de Hiroshima e Nagasaki, a partir do lançamento das bombas atômicas de 1945 até os dias atuais, revelando a destruição e o sofrimento dessas cidades e, ao mesmo tempo, fazendo um apelo à paz para as futuras gerações. Sessões de filmes vindos do Japão também fizeram parte da mostra, que seguiu em cartaz de 23 de fevereiro a 9 de março.

## Patrulheiros Mirins:

UMA HISTÓRIA DE TRABALHO E ASSISTÊNCIA SOCIAL PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

De 4 de março a 2 de maio, foram os patrulheiros mirins que ocuparam o Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes na exposição *Patrulheiros Mirins: Uma História de Trabalho e Assistência Social para a Construção da Cidadania*. Por meio de narrativas e imagens, a trajetória da instituição foi abordada. Criada para atender crianças e jovens carentes da comunidade, a entidade lhes oferece formação educacional e capacitação profissional. Além da exposição, também houve apresentação da banda musical dos patrulheiros mirins e exibição de minidocumentário sobre a entidade.



## EXPOSIÇÕES

## Toques & Retoques – Objetos de toucador e higiene pessoal

De 20 de março a 10 de maio, o Museu promoveu a exposição *Toques & Retoques – Objetos de toucador e higiene pessoal*, que retratou aspectos da vida privada nas primeiras décadas do século passado, por meio de objetos e acessórios de uso pessoal que fizeram parte do

cotidiano dos moradores da cidade. Na mostra, o destaque ficou com os diferentes modelos de aparelho de barbear, o estojo de viagem Pince e para a lata de talco De Ross, de 1927. Também foram expostos peças típicas de toucador, como pentes, espelhos, porta-joias, leques e luvas.



## Aquarelas – A Cor da Memória e ANITA – Gravadora



No dia 6 de abril, a Pinacoteca teve a honra de inaugurar duas exposições. *Aquarelas – A Cor da Memória* reuniu cerca de 90 obras de mais de 45 artistas do Núcleo de Aquarelistas da Faculdade Santa Marcelina e da Associação Brasileira de Aquarela e da Arte Sobre Papel. Já *ANITA – Gravadora*, realizada em parceria com o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB – USP), trouxe 21 obras de gravura em metal feitas por Anita Malfatti, uma das mais importantes artistas brasileiras.



## EXPOSIÇÕES

## Movimentos Estudantis em São Caetano do Sul:

PAIXÃO E ENGAJAMENTO



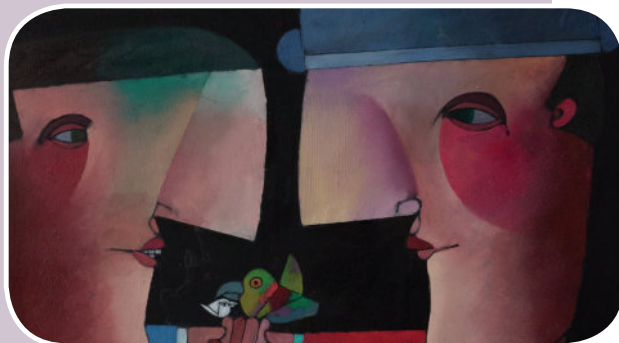
**H**istórias de movimentos estudantis que agitaram a vida social e cultural de São Caetano ficaram em exposição no Salão Expositivo do dia 7 de maio a 7 de julho. *Movimentos Estudantis em São Caetano do Sul: Paixão e Engajamento* reconstituiu a história destes grupos de jovens que se organizaram com engajamento para transformar aspectos da vida escolar e da cidade.

## Uma dupla formidável – Flâmulas e Canetas

**E**m 22 de maio, uma nova mostra entrou em cartaz no Museu. Foi a vez de *Uma dupla formidável – Flâmulas e Canetas* encantar o público com flâmulas de diferentes formatos alusivas às diversas atividades e eventos locais, nacionais e internacionais, e com uma coleção de canetas do acervo do Museu Municipal e do colecionador Marcus Vincenzi da Costa Patrão. A mostra se encerrou no dia 17 de julho.



## Universo Lúdico de Inos Corradin



**N**o dia 4 de julho, a Pinacoteca Municipal abriu a exposição *Universo Lúdico de Inos Corradin*, artista versátil que possui extensa obra com nome consolidado no panorama artístico brasileiro. Nesta exposição os trabalhos levaram tema lúdico e cores alegres. Nesse mesmo dia foi lançado o livro *O Sabor das Artes*. A visitação segue até 28 de setembro.



## EXPOSIÇÕES

# Poéticas do grafite:

IMAGENS HISTÓRICAS  
DE SÃO CAETANO

A exposição *Poéticas do grafite: Imagens Históricas de São Caetano* apresenta os 25 melhores croquis de grafite enviados para o concurso de ocupação urbana *A Cidade como Museu a Céu Aberto*, que teve o objetivo de difundir a prática artística do grafite. A abertura ocorreu no dia 10 de julho. O público pode conferir os resultados até 8 de setembro.

## EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

Desde abril foram retomadas as exposições virtuais temporárias que visam ampliar e facilitar o acesso do público a histórias que recuperam a memória do município e evidenciam suas tradições e modos de vida. O projeto tem como objetivo funcionar como complemento para a divulgação do acervo da



Fundação. As mostras virtuais ficam no ar pelo período de um mês e sempre apresentam um texto de introdução e mais 20 imagens, de acordo com o tema proposto.

Em abril, notícias curiosas publicadas no *São Caetano Jornal* entre as décadas de 1940 e 1950 foram o foco da exposição. Para maio, a Fundação prestou homenagem aos 130 anos da inauguração da estação ferroviária de São Caetano. Já em junho foi a vez de celebrar os 60 anos da Paróquia Nossa Senhora da Candelária. E, em julho, a exposição foi dedicada ao Bairro Prosperidade, que há 50 anos foi incorporado ao mapa de São Caetano do Sul.

## PROJETOS



O projeto consiste na captação permanente de acervo histórico e de memória de São Caetano. O objetivo é estimular a doação de documentos, fotografias, mapas, livros e objetos que pertenceram aos moradores da cidade e também a pessoas que atuaram profissionalmente no municí-

pio. Os materiais doados serão importantes fontes para pesquisas e preservação histórica de São Caetano do Sul. Para fazer a doação, o morador/agente pode se dirigir diretamente à Fundação Pró-Memória ou ao Museu Municipal. Poderá também entrar em contato através do telefone 4223-4780 ou pelo email [centro.documentacao@fpm.org.br](mailto:centro.documentacao@fpm.org.br) e solicitar a visita de um dos técnicos do Centro de Documentação Histórica para retirar a doação em sua residência e/ou outro local.

## PROJETOS

## Agir e Interagir – Arte e Criação

O projeto é uma ação contínua que proporciona visitas à Pinacoteca Municipal, orientadas por arte-educadores, que visam ampliar o conhecimento e a fruição estética, por meio de jogos, exercícios de apreciação e expressão artística. O programa atende grupos de adultos e crianças a partir de 4 anos com atividades e linguagem adaptadas para cada faixa etária. O atendimento é realizado de segunda a sexta-feira.



## Raízes e Retratos



Em abril, a Fundação Pró-Memória deu início a este projeto, que consistiu na captação de fotos para inserção na seção *Memória Fotográfica* da revista *Raízes*. O intuito era abrir espaço para que a população contribuísse para a produção da revista, contando e compartilhando histórias por meio de fotografias dos acervos familiares. Até 24 de maio, os retratos poderiam ser inscritos sob diversos temas e entregues em mídia digital ou papel na sede da entidade.

## A Peça em Destaque



Este projeto consiste em destacar, mensalmente, um objeto do acervo do Museu Histórico Municipal com o intuito que o público possa, além de contemplar cada item de forma diferenciada, fornecer novas informações, enriquecendo os registros de cada peça.

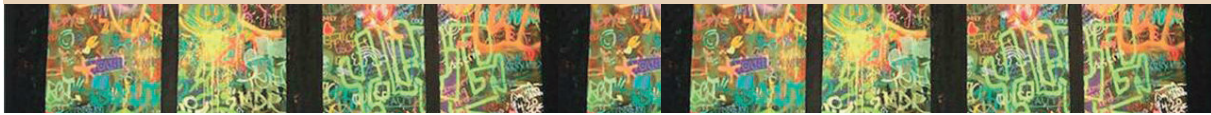
## PROJETOS

## A Cidade como Museu a Céu Aberto: IMAGENS DA HISTÓRIA DE SÃO CAETANO

O projeto *A Cidade como Museu a Céu Aberto: imagens da história de São Caetano* teve como finalidade difundir a prática artística do grafite, promover a educação patrimonial, mobilizar culturalmente a comunidade, sobretudo congregando o público jovem, e requalificar espaços públicos por meio da arte. A primeira parte do projeto foi a realização de uma oficina, dividida em quatro encontros, direcionada a pessoas interessadas em história, patrimônio

cultural, arte urbana, artes plásticas e grafite. Além de discutir a importância da arte urbana nos domínios do patrimônio cultural, também foram debatidos temas da história social e cultural da formação e do desenvolvimento do município, para a elaboração de diretrizes temáticas para o concurso de grafite.

Na segunda etapa, foi realizado um concurso de grafite, por meio do qual os interessados enviaram seus croquis. Os trabalhos fizeram parte de uma exposição no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes.



## Sextas com Arte



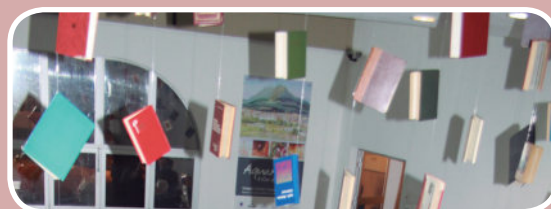
Neste projeto o objetivo é proporcionar aos visitantes um contato mais estreito e lúdico com os primeiros passos do processo de criação e técnicas disponíveis na confecção de desenhos. Ele é realizado todas as sextas-feiras, exceto feriados. A cada sexta-feira é ensinada uma técnica diferente. Desenho de observação (objetos existentes no Ateliê), pintura (tema livre com tinta guache, giz de cera, giz pastel seco e carvão), xilogravura (tema livre – gravação de matriz e impressão) e colagem (tema livre – recorte e cola) estão entre as técnicas abordadas nas aulas que possibilitam aos alunos a aproximação com formas de expressão através da arte.

## PROJETOS

## Letras da Imaginação

**E**m comemoração ao Dia Internacional do Livro (23 de abril), a Fundação Pró-Memória, em parceria com a Academia de Letras da Grande São Paulo, a Biblioteca Municipal Paul Harris e a Academia Popular de Letras, promoveu o projeto *Letras da Imaginação*. Entre as atrações que o público pôde conferir estavam uma grande cascata de livros

e enciclopédias, montada no hall do prédio que abriga os equipamentos culturais, montagem com livros-relicários, outra com livros entintados, ambas do artista Renato Brancatelli, e uma montagem com livro-objeto (de arte), que podia ser manuseado pelo público, de Régis Ribeiro. A exposição desses itens seguiu até 28 de julho.



## ENCONTROS/PALESTRAS/OFCINAS

## Encontro com professores – Arte-educação e a obra de Anita Malfatti

**D**urante os meses de abril (dias 13, 20 e 27) e maio (dias 11, 18 e 25), a Pró-Memória promoveu encontros dos professores do ensino infantil, fundamental e médio, com a Prof<sup>a</sup> Dra. Elly Rozo Ferrari, coordenadora dos programas educativos do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. O objetivo foi, a



partir da mostra, abordar conceitos, procedimentos e ações para ensino da arte nas escolas, além dos múltiplos aspectos de uma coleção e as possibilidades pedagógicas de atividades com acervos pessoais. Esses encontros integraram as atividades desenvolvidas paralelamente à exposição *ANITA – Gravadora*.

## ENCONTROS/PALESTRAS/OFCINAS

## Anita Malfatti – Caminhos da Modernidade

**T**ambém como parte das atividades paralelas à mostra de gravuras de Anita Malfatti foi realizada no dia 16 de maio a palestra *Anita Malfatti - Caminhos da Modernidade*, realizada no auditório da Academia de Letras da Grande São Paulo. Nessa ocasião, o objetivo foi difundir a cultura artística para aqueles que buscam informações para formação pessoal,

além de formar um público frequentador da Pinacoteca Municipal. A palestra situou Anita como artista de vanguarda, que antes da Semana de Arte Moderna de 1922, já demonstrava inquietações poéticas e conceituais no que sugeria um pensamento plástico e filosófico rumo ao que viria a se chamar Modernismo.



## Arquivos Pessoais na Prática

**N**os dias 5 e 6 de junho, a Fundação promoveu a oficina *Arquivos Pessoais na Prática* com dicas práticas para organização e conservação de documentos pessoais e familiares. Monica Iafrate, coordenadora do Centro de Documentação da Fundação Pró-Memória, e Maria de Lourdes Ferreira, historiadora do Centro de Memória de Diadema, ministraram a oficina.

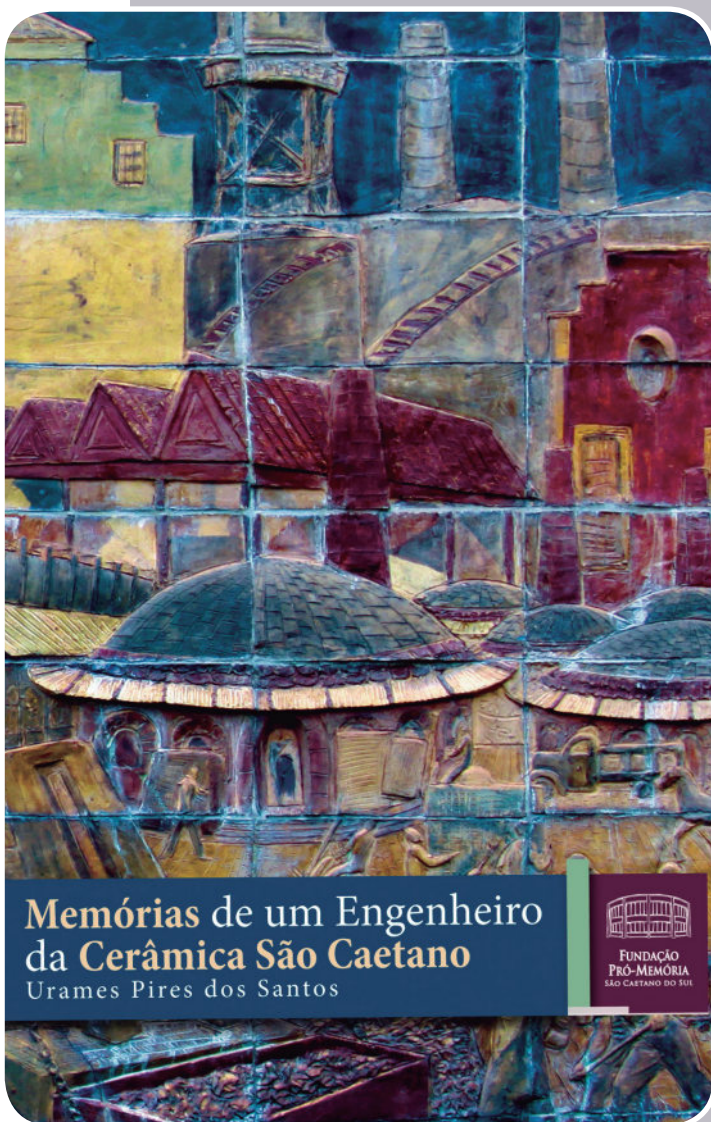


## Curso Vivência de Ateliê – Linguagem Plástica para professores

**D**e 15 a 19 de julho, foi realizado na Pinacoteca Municipal o *Curso Vivência de Ateliê – Linguagem Plástica para professores*. O trabalho de ateliê foi ministrado pelo professor Valdo Rechelo, e realizado em parceria com a Fundação das Artes e a Secretaria Municipal de Educação de São Caetano.

ESPECIAL

# ESPECIAL 22 ANOS DA FPM



No dia 12 de junho, a Fundação Pró-Memória completou 22 anos e, para comemorar, lançou o livro *Memórias de um Engenheiro da Cerâmica São Caetano*, escrito por Urames Pires dos Santos. Nele, o autor narra suas experiências pessoais e profissionais. Santos atuou por cerca de 30 anos na Cerâmica São Caetano, importante indústria da cidade. Neste dia também houve a distribuição de marcadores de páginas com a frase ganhadora do concurso cultural promovido pela instituição, também em comemoração ao aniversário da FPM, entrega do folder institucional, e apresentação de alunos do colégio Eduardo Gomes. O lançamento do blog da Fundação Pró-Memória também fez parte das comemorações.





ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO  
PRÓ-MEMÓRIA  
SÃO CAETANO DO SUL

Secretaria Municipal  
de **Cultura**



**SÃO CAETANO DO SUL**  
PREFEITURA DA CIDADE